UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MARIA DA GLORIA TUXEN

A PAISAGEM NATURAL DO RIO DE JANEIRO PELO OLHAR DE MARIA GRAHAM

RIO DE JANEIRO

2022

MARIA DA GLORIA TUXEN

A PAISAGEM NATURAL DO RIO DE JANEIRO PELO OLHAR DE MARIA GRAHAM

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE-UFRJ)

Orientadora: Nadja Paraense dos Santos

Rio de Janeiro, 2022

CIP - Catalogação na Publicação

T966p

Tuxen, Maria da Gloria
A Paisagem Natural do Rio de Janeiro pelo Olhar de Maria Graham / Maria da Gloria Tuxen. -- Rio de Janeiro, 2022.
128 f.

Orientadora: Nadja Paraense dos Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Decania do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2022.

1. Maria Graham. 2. Ecologia. 3. História do Rio de Janeiro. 4. Efeitos antrópicos. I. Santos, Nadja Paraense dos , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

MARIA DA GLÓRIA TUXEN

A PAISAGEM NATURAL DO RIO DE JANEIRO PELO OLHAR DE MARIA GRAHAM

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia.

Aprovada em: 11 de Março de 2022.

Profª. Drª. Nadja Paraense dos Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rundsthen Vasques de Nader
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profª. Drª. Maria Fernanda Santos Quintela da Costa Nunes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Aos meus pais, Ivette de Vasconcellos Tuxen e Noli Frederico Tuxen

Ao meu irmão Carlos Frederico Tuxen

Aos meus avô Johannes Friedrich Tuxen e bisavô Peter Asmus Tuxen

in memoriam

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora professora Dr. Nadja Paraense dos Santos que, pacientemente, me indicou os caminhos para o desenvolvimento desta pesquisa sobre Maria Graham;

À professora Dra. Alda Heizer do Programa de Pós-Graduação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro pelas valiosas orientações;

Aos amigos Simone Dottori, parceira de tantas empreitadas, e Fernando Alvarus de Oliveira, que além de amigo, é um excelente infografista. Várias das imagens dessa dissertação foram trabalhadas pelo Fernando;

Às amigas Regina Castelo Branco e Maria Helena Rolins, parceiras de estudos e cursos sobre os viajantes e a cidade do Rio de Janeiro;

Ao amigo Miguel Arcanjo, que me apresentou o HCTE e com quem é bom trocar ideias;

Ao amigo Luiz Sérgio Dias, *in memoriam*, pelas longas conversas e ensinamentos sobre o Rio de Janeiro;

Aos meus amigos Alexander Joseph Sá Tobias da Costa, José Nazareno da Silva, Marília Cafezeiro e Zílio Tosta, que também partilham a paixão pelo Rio de Janeiro e que contribuíram com ideias, livros e carinho todos esses anos;

Aos meus amigos de toda a vida André Luis de Lima Carvalho, Helio Ricardo da Silva, Katia Addad, Kelly Costa, Marcia Denise Guedes, Roberta Lange e Rochester Rocha Xavier;

Às minhas sobrinhas Maria Emiliana Tuxen e Maria Inês Tuxen, pelo carinho e amor.

The best prophet of the future is the past.

Lord Byron

Conheces o país onde os limões florescem
E laranjas de ouro acendem a folhagem?
Sopra do céu azul uma doce viragem
Junto ao loureiro altivo os mirtos adormecem.
Conheces o país?
É onde, para onde
Eu quisera ir contigo, amado!
Longe, longe!

Johann Wolfgang von Goethe (tradução Haroldo de Campos)

Sei que não são ruínas de Atenas; mas cada um mostra o que possui. O viajante entrou, deu uma volta, saiu e foi postar-se junto à muralha, fitando o mar, o céu e as montanhas, e, ao cabo de cinco minutos, falou: “Que natureza que vocês têm! (...) A admiração do nosso hóspede excluía qualquer ideia de ação humana. Não me perguntou pela fundação das fortalezas, nem pelos nomes dos navios que estavam ancorados. Foi só natureza.

Machado de Assis. A Semana, v.1, p. 365 - 20/8/1893

RESUMO

TUXEN, Maria da Gloria. A Paisagem Natural do Rio de Janeiro pelo Olhar de Maria Graham. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A produção de Maria Graham, conhecida entre os ingleses como Lady Callcott, é vasta e dela fazem parte diários e gravuras relativas às suas viagem. Sua obra surge no contexto do interesse econômico e estético dos britânicos pela natureza dos trópicos, na primeira metade do século XIX. Esta dissertação pretende contribuir para o conhecimento da obra de Maria Graham a partir da perspectiva da história biológica dos ambientes naturais no Rio de Janeiro. Pretende-se identificar, com o auxílio da obra de Graham, alguns exemplos de ações antrópicas sobre os ambientes naturais no Rio de Janeiro decorrentes do processo de urbanização. Essa identificação permite compreender como chegamos à situação ambiental do presente e refletir o que pretendemos legar ao futuro. Foram consultados o Diário de uma Viagem ao Brasil (1990), o Escorço Biográfico de Dom Pedro I (2010) e parte da iconografia de viagem. Os desenhos feitos por Maria Graham estão nos acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, do *British Museum* de Londres, do Museu de Arte de São Paulo e do *Royal Botanic Gardens* de Londres. Esses acervos guardam grande parte da iconografia da viajante britânica e, por isso, são fontes importantes de pesquisa. Os trabalhos que analisam a obra de Maria Graham se concentram em questões da história política, social, de Literatura, de história da Arte e de Botânica, mas especificamente em Ecologia, não. A obra de Maria Graham é de grande valor para o estudo da história ecológica e urbana da cidade do Rio de Janeiro. Sua obra demanda mais consulta e pesquisa, especialmente sua iconografia.

Palavras-chave: Maria Graham; Ecologia; História do Rio de Janeiro; Efeitos Antrópicos,

ABSTRACT

TUXEN, Maria da Gloria. The Natural Landscape of Rio de Janeiro through the eyes of Maria Graham.. Dissertation (Master in History of Sciences and Techniques and Epistemology) – Program in History of Sciences and Techniques and Epistemology, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The production of Maria Graham, known among the English as Lady Callcott, is vast and includes diaries and prints relating to her travels.Her work appears in the context of the economic and aesthetic interest of the British in the nature of the tropics, in the first half of the 19th century. This dissertation intends to contribute to the knowledge of Maria Graham's work from the perspective of the biological history of natural environments in Rio de Janeiro. It is intended to identify, with the help of Graham's work, some examples of human actions on natural environments in Rio de Janeiro resulting from the urbanization process. This identification allows us to understand how we arrived at the environmental situation of the present and to reflect on what we intend to bequeath to the future. The Diário de uma Viagem ao Brasil (1990), the Escorço Biográfico de Dom Pedro I (2010) and part of the travel iconography were consulted. The drawings made by Maria Graham are in the collections of the National Library of Rio de Janeiro, the British Museum in London, the São Paulo Museum of Art and the Royal Botanic Gardens in London.These collections hold much of the iconography of the British traveler and, therefore, are important sources of research.The works that analyze the work of Maria Graham focus on political, social, literature, art history and botany, but not specifically on Ecology. Maria Graham's work is of great value for the study of the ecological and urban history of the city of Rio de Janeiro. Her work demands more consultation and research, especially her iconography.

Keywords: Maria Graham; Ecology; History of Rio de Janeiro; Anthropic effects.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - EARLE, AUGUSTUS. “View from the summit of the Cacavada Mountains, near Rio de Janeiro”, *circa* 1822. ……..…. 21
Figura 2 - Retrato de Dona Leopoldina de Habsburgo, de Luís Schlappriz. Óleo sobre tela, século XIX. ……..…….…… 28
Figura 3 - D. Pedro II. Coleção particular do Imperador. ……..……. 29
Figura 4 - Maria Graham por John Jackson RA (1778–1831). Oil on canvas, circa 1819..……...... 30
Figura 5 - Maria Graham. Desenho de Sir Charles Eastlake, anteriormente atribuído a Charles Phillips. Desenhado em Roma, circa 1819-20. ……. 38
Figura 6 - Maria Graham, por Lawrence, Thomas, Sir (1769-1830). Óleo sobre tela. circa 1819. ……..…….. 38
Figura 7 - GRAHAN, Maria. “Scalinata leading from the piazza di Spagna to the Trinita de Monti and lower left”, 1819. Grafite. ……. 41
Figura 8 - A fragata Doris. Desenho de Maria Graham para a capa do seu Diário de uma Viagem ao Brasil. ……. 42
Figura 9 - View from L’Angostura de Paine in Chile, ca.1835. ……. 45
Figura 10 - Lord Cochrane (The Earl of Dundonald). P. E. Stroehling. …… 46
Figura 11 - Maria Quitéria. Desenho de Augustus Earle e colorido à mão por Edward Finden, 1830. …….. 48
Figura 12 - South West View of Althorp - the residence of George John, earl Spencer, circa 1822. London: Printed by W. Nicol, Shakespeare Press. …... 50
Figura 13 - GRAHAM, Maria. Palácio de São Cristóvão. 25 de março de 1824. 52
Figura 14 - Alegoria ao juramento da Carta Constitucional, 1826……. 52
Figura 15 - Maria Callcott, retratada por August Callcott, seu segundo marido. *Circa* 1830. …….. 55
Figura 16 - Giotto's Chapel, Padua. Litografia de Lady Maria Callcott, 1834…. 56
Figura 17 - GRAHAM, Maria. The Scriptural Herbal. ……..…… 56
Figura 18 - Autobiografia de Maria Graham organizada por Rosamund Gotch.. 58
Figura 19 - Mata Atlântica e remanescentes.…… 63
Figura 20 - Lopo Homem. *Terra Brasilis*, 1519. Este mapa que faz parte do chamado “Atlas Miller”, mostra a costa do Brasil e parte do Atlântico central….. 64
Figura 21 - Mata Atlântica da Lei Federal 11.428/2006 e Decreto 6.660/2008... 66
Figura 22 - Cobertura Vegetal. Detalhe do Estado do Rio de Janeiro. ……. 67
Figura 23 - Perfil de um manguezal com a distribuição de alguns gêneros vegetais típicos deste ecossistema. ..…… 68
Figura 24 - Perfil da Mata Atlântica que passa pela Serra do Mar…… 69
Figura 25 - A diversidade à volta da baía da Guanabara em 1500…….. 70
Figura 26 - Posição da cidade em relação à baía e aos rios……. 71
Figura 27 - LOEILLOT, W. O chafariz do Campo (1835): tomado da Igreja de Sª Anna (Fontaine du Campo : depuis l'eglise de Ste. Anne)…… 72
Figura 28 - Os quatro morros: 1. Castelo, 2. São Bento, 3. Conceição e 4. Santo Antônio. …….. 73
Figura 29 - WALTER, Ch. Planta da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Paris: Firmin Didot Frères, 1839. ……. 74
Figura 30 - Eixos de expansão da cidade do Rio de Janeiro no final do século XVIII…….. 75
Figura 31 - THEREMIN, Carl. Passeio Público, do álbum publicado em 1835... 76
Figura 32 - MONVOISIN, R. Vista do Russel e do Castelo tirada do adro da

igreja da Glória, circa 1847. ……. 78
Figura 33 - Área central da cidade no ano de 1999 indicando as áreas de desmontes e aterros. ……..…….. 80
Figura 34 - Temperatura na superfície de parte da cidade do Rio de Janeiro… 81
Figura 35 - GRAHAM, Maria. Desenho botânico. Circa 1825. Royal Botanic Gardens, Kew, Londres. ……... 85
Figura 36 - GRAHAM, Maria. Sem título, 1825. Library, Art & Archives, Royal Botanic Gardens, Kew, Londres. ……. 86
Figura 37 - GRAHAM, Maria. Vista da Baía de Guanabara na exposição Histórias das mulheres: artistas até 1900. ……. 88
Figura 38 - GRAHAM, Maria, Vista da Baía de Guanabara. Data da obra:1825. Técnica: Óleo sobre papel e tela. Dimensões:20 x 352,7 x 1,5 cm... 88
Figura 39 - GRAHAM, Maria. Pão de Açúcar. Detalhe da obra Vista da Baía de Guanabara. …… 88
Figura 40 - GRAHAM, Maria. Glória. Detalhe da obra Vista da Baía de Guanabara…….. 89
Figura 41 - FERRAZ, Marcelo. Ponta da enseada com o aterro ainda em execução, *circa* 1962. ……..…… 89
Figura 42 - Foto da região da Glória a partir da baía de Guanabara……..…….. 90
Figura 43 - GRAHAM, Maria. Castelo. Detalhe da obra Vista da Baía de Guanabara……..…… 90
Figura 44 - Foto da praça XV de novembro. …… 91
Figura 45 - Foto da praça XV e chafariz do Mestre Valentim……... 91
Figura 46 - GRAHAM, Maria. Niterói. Detalhe da obra Vista da Baía de Guanabara. ……..…… 92
Figura 47 - GRAHAM, Maria. Drawings by Lady Callcott: South America for *The Scripture Herbal*. 1821-1825. ……..……. 92
Figura 48 - GRAHAM, Maria. *Rio from Gloria Hill*. 1824. ……..…… 93
Figura 49 - Panorâmica do Parque do Flamengo na Glória……..…… 93
Figura 50 - GRAHAM, Maria. Rua do Catete – caminho para a Glória. 1824…. 94
Figura 51 - Rua do Catete hoje. ……..…….. 94
Figura 52 - GRAHAM, Maria. Largo do Machado. 1824……..…….. 95
Figura 53 - Entrada do Cemitério dos Ingleses. ……..…… 96
Figura 54 - BARREIROS. Linhas do litoral original e áreas de aterro na Praia Formosa, Saco do Alferes, Gamboa, Valongo e Valonguinho…… 96
Figura 55 - GRAHAM, Maria. *The English burial ground Rio de Janeiro, 1823*….. 97
Figura 56 - GRAHAM, Maria. *The English burial ground Rio de Janeiro, 5th October 1823*. ……. 98
Figura 57 - Foto tomada a partir do Cemitério dos Ingleses…….. 99
Figura 58 - GRAHAM, Maria. *Vista da casa à rua dos Pescadores*. Ao fundo a igreja da Candelária. ……..…….. 100
Figura 59 - GRAHAM, Maria. Letter from Ms Maria Graham to Sir William Jackson Hooker, 30 jan. 1825. ……..…… 101
Figura 60 - GRAHAM, Maria. *Cottage at the Laranjeiras*. 1824…… 103
Figura 61 - GRAHAM, Maria. *Laranjeiras, no Rio de Janeiro*. Ilustração do Diário de uma Viagem ao Brasil, 1824. …….. 105
Figura 62 - Bica da Rainha e rua Cosme Velho. …… 106
Figura 63 - GRAHAM, Maria. *From Count Hogendorps Cottage*. Ilustração do

Diário de uma Viagem ao Brasil, 1824. …….. 108
Figura 64 - Rua Cosme Velho. ……..……. 109
Figura 65 - GRAHAM, Maria. *View of the Corcovado.* Ilustração do Diário de uma Viagem ao Brasil, 1824. …….. 110
Figura 66 - GRAHAM, Maria. Vista do Corcovado. 1824……..……. 111
Figura 67 - GRAHAM, Maria. *Heliconia high eleven feet*. Aquarela, s/d…..…… 112
Figura 68 - GRAHAM, Maria. Parte da Lagoa perto do Rio do Janeiro……..….. 113
Figura 69 - GRAHAM, Maria. Lagoa Rodrigo de Freitas……..…… 114
Figura 70 - Lagoa Rodrigo de Freitas. ……..…… 114
Figura 71 - LARÉE, Lith. de V. Planta da cidade do Rio de Janeiro entre 1812 e 1836. Rio de Janeiro, RJ. 1836. ……. 118

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 19

1.1. A VIAGEM COMO FORMA DE CONHECIMENTO 19

1.2. OBJETIVOS, JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA 30

2. MARIA GRAHAM, LADY CALLCOTT 37

2.1. OS PRIMEIROS ANOS 37

2.2. AS GRANDES VIAGENS SE INICIAM 40

2.3. A AMÉRICA DO SUL: PRIMEIRA VISITA AO BRASIL 42

2.4. ESTADA NO CHILE 44

2.5. SEGUNDA VIAGEM AO BRASIL 47

2.6. RETORNO A EUROPA E TERCEIRA VIAGEM AO BRASIL 49

2.7. VOLTA PARA A INGLATERRA 54

3. A NATUREZA DOS TRÓPICOS 61

3.1. A BAÍA DA GUANABARA E SEU ENTORNO 61

3.1.1. Mata Atlântica, Manguezais e Restingas 62

3.2. AS TRANSFORMAÇÔES DO AMBIENTE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO 69

3.3. OS REGISTROS DO AMBIENTE NATURAL CARIOCA E DA CIDADE POR MARIA GRAHAM 81

3.3.1. A Vista da Guanabara e da Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XIX 87

3.3.2. Para Além do Centro 99

CONSIDERAÇÕES FINAIS 116

FONTES 120

REFERÊNCIAS 120

1. INTRODUÇÃO

1.1. A VIAGEM COMO FORMA DE CONHECIMENTO

> "A recuperação de fragmentos da memória do país – hoje guardados em coleções espalhadas no país e no exterior – impõe percurso inverso ao dos viajantes, e a busca da memória faz reviver o mito de todas as viagens: a experiência do viajante que se perde em terra estranha e procura encontrar referências que indiquem o caminho de casa, os sinais da identidade." (BELLUZZO, 1996)

Uma mistura de êxtase, surpresa e, também, receio, eram os sentimentos compartilhados por viajantes vindos da Europa ou da América do Norte ao verem pela primeira vez os ambientes naturais dos trópicos. Acostumados com florestas temperadas, pouco diversas e aparentemente ordenadas, o encontro com a diversidade biológica tropical impressionava (DIEGUES, 2001; PRESTES, 2000). Boa parte desses viajantes registrava o que via. Eles registraram características não somente a flora e a fauna, mas também dos habitantes, da vida social, seus costumes e a geografia local.

A opção por fazer a viagem nem sempre era uma escolha fácil. Em geral,eram os mais jovens, os oficiais de marinha e aventureiros que enfrentavam este desafio. Por outro lado, a maioria dos naturalistas europeus célebres nunca viajou, preferindo estar na segurança de seus gabinetes. Georges Cuvier (1769-1832), por exemplo, não viajou e os criticava. Segundo ele, os viajantes não poderiam consultar livros e nem comparar os exemplares coletados com outros semelhantes, ainda que que tivessem a seu benefício a possibilidade de observar os seres em seus ambientes naturais (KURY, 2001).

Mas viajar tinha suas vantagens, tanto para os que se aventuravam em outras terras, quanto para os quem os enviavam. Por meio da viagem, o viajante naturalista tinha a possibilidade de ampliar seus estudos e os governos que os enviavam obtinham valiosas informações sobre as riquezas dos novos mundos.

Com experiências registradas em diários de viagens e em iconografia que produziam, estes homens e mulheres deixaram-nos suas impressões e registros da geografia das novas terras, dos costumes de seus povos e da diversidade de seres

vivos, este último aspecto nos remete ao conceito moderno de biodiversidade[1], da Ecologia e que usaremos nesta dissertação. Os viajantes que estiveram no Brasil antes de meados do século XIX não conheciam termos como 'biodiversidade' ou 'ecossistema', mas ao descreverem o ambiente natural e os seres vivos que encontravam, nos permitem identificar estas categorias. Uma espécie biológica continua sendo uma espécie mesmo que não se conheça esse conceito. José Augusto Pádua (2010) explica bem esta situação, quando escreve que indivíduos do passado não podem ser cobrados de categorias modernas, como ecologia e impactos antrópicos.

> "É preciso entender cada época no seu contexto geográfico, social, tecnológico e cultural. É evidente, como já foi dito, que a questão ambiental só vai aparecer em um momento bastante recente da trajetória humana. Mas pode-se dizer que as relações ambientais já estavam presentes, sendo percebidas, ou não, segundo os padrões culturais de cada período. Não se trata, portanto, de projetar categorias ambientais e ecológicas do presente no passado, mas sim de utilizar essas categorias, com o devido cuidado, para pensar a existência de sociedades pretéritas. Ou então, como na formulação de Alfred Siemens (1999)[2], de 'extrair ecologia' de documentos do passado que, obviamente, não tinham esse sentido ou essa justificativa. Tudo se resume, na verdade, no exercício de 'qualificação retrospectiva' (Drouin, 1991, p.73)[3] que constitui uma condição geral e um dilema da própria análisehistórica." (PÁDUA, 2010, p.96)

As anotações feitas pelos viajantes são de grande valor para o estudo da pluralidade de culturas, do processo de urbanização, da geografia, mas, também, para o registro de ocorrência de determinadas espécies biológicas e para a avaliação do impacto da instalação da urbe sobre os ecossistemas originais de uma região.

---

[1] Biodiversidade é um conceito relativamente recente, tornou-se conhecido a partir do livro organizado por E.O. Wilson e F.M. Peter (**Biodiversity**. Washington, DC: National Academy Press,1988). Foi adotado rapidamente e passou a ser usado na literatura científica (LEWINSOHN, T. e PRADO, P.I.. **Biodiversidade Brasileira: síntese do estado atual do conhecimento**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004). O termo ganhou caráter oficial com a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada em 1992 no Rio de Janeiro.
A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), em seu artigo segundo, define biodiversidade como a "variabilidade entre organismos vivos de todas as origens compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas."
A CDB, ratificada pelo Brasil em 1994, é um tratado da Organização das Nações Unidas e um instrumento internacional relacionado ao meio ambiente, disponível em:
http://www.mma.gov.br/biodiversidade/conven%C3%A7%C3%A3o-da-diversidade-biol%C3%B3gica.html. Acesso em 5 de novembro de 2021.

[2] SIEMENS, A. Extrayendo ecología de algunos documentos novohispanos de la época temprana. In: GARCIA, B.; JÁCOME, A. (Org.) Estudios sobre historia y ambiente en América I. México: El Colégio de México y Instituto Panamericano de Geografia e Historia, 1999.

[3] DROUIN, J.-M. L'ecologie et son histoire: réinventer la Nature. Paris: Flammarion, 1991.

O europeu chegou oficialmente às Américas com as viagens de Cristóvão Colombo (1451-1506), em 1492 e, ao Brasil, com Pedro Álvares Cabral (1467-1520), em 1500. Em 1502, chegou à Guanabara com a expedição de Gaspar de Lemos (14??-15??), da qual Américo Vespúcio (1454-1512) fazia parte. A entrada do europeu no Continente trouxe um grande e crescente impactosobre a biodiversidade (AMADOR, 1997) e sobre as culturas humanas, o que inclui a região que seria ocupada pela cidade do Rio de Janeiro que aqui estavam instaladas.

A cidade do Rio de Janeiro e seu sítio de ocupação, que são os objetos dessa dissertação, sempre receberam viajantes que registraram suas características e sua natureza. A região em que a cidade se instalou era originalmente constituída por diversos ecossistemas[4] muito ricos em diversidade, característica não escapou ao colonizador, interessado nas riquezas da terra, nem aos viajantes e naturalistas que por ela passaram. A surpresa que a beleza da região da Guanabara e dos seus ecossistemas provocou nessas pessoas foi registrada por elas em textos e iconografia (Figura 1).

Figura 1 – EARLE, AUGUSTUS. “View from the summit of the Cacavada Mountains, near Rio de Janeiro”, *circa* 1822.

Fonte: National Library of Australia.

[4] “Qualquer unidade que inclua a totalidade dos organismos (isto é, a comunidade) de uma área determinada interagindo com o ambiente físico por forma a que uma corrente de energia conduza a uma estrutura trófica, a uma diversidade biótica e a ciclos de materiais (isto é, troca de materiais entre as partes vivas e não vivas) claramente definidos dentro do sistema é um sistema ecológico ou ecossistema.” (ODUM, 2001).

Na medida em que a cidade se instalou, os processos antrópicos[5] de degradação ambiental se intensificaram. O cuidado com o ambiente não era uma preocupação. Colocando-se em grau hierárquico superior ao dos demais seres vivos, o homem atribuiu-se o direito de usar a natureza como bem entender, sujeitando ou matando os demais seres.

O problema da legitimidade da exploração da natureza e do esgotamento dos recursos naturais já era levantado desde o Renascimento (ACOT, 1990). Posteriormente, Carl Lineu (1707-1778) postulou que "(...) a natureza inteira tende a prover a felicidade do homem, cuja autoridade se estende por toda a terra e que pode se apropriar de todo o seu produto". (ACOT, 1990). Mas o pensamento lineano também mostra que a natureza é um sistema frágil, do qual cada parte é interdependente de outra. O processo de expansão e de ocupação das terras do Novo Mundo seguiu, entretanto, outro modelo: o da exploração. Os colonizadores buscavam nessas terras riquezas em forma de metais e pedras, mas descobriram outra riqueza: a biológica.

A preocupação estava concentrada na exploração e não na preservação ou conservação desses recursos. O explorador vinha a busca da riqueza que não conseguiu até então. Seu objetivo era adquirir o bastante para uma vida melhor quando voltasse para o seu país (DIEGUES, 2001). Assim o seu compromisso e cuidado em preservar a natureza eram nulos.

Por sua vez, interesses políticos e econômicos de países europeus, determinaram o envio a volta do globo de viajantes encarregados em mapear a topografia, catalogar e registrar a diversidade de novas terras, identificar oportunidades. Para Acot (1990), a geografia vegetal nasceu da riqueza de informações que as grandes potências marítimas, em suas intenções pré-coloniais financiaram. Mas nem todo viajante era financiado por um país ou instituição. Havia os que, às suas próprias custas, andavam pelas novas terras, como exemplo temos a viajante inglesa Maria Graham (1785 – 1842), que esteve no Brasil em três ocasiões e cujos relatos e iconografia que versam sobre o Rio de Janeiro serão objetos de análise desta dissertação.

[5] O termo "processo antrópico" é usado na Ciência para se referir às interferências humanas sobre o ambiente e que impactos causam.

Os relatos de viagens faziam sucesso entre as pessoas em geral, graças à atração que o novo exercia sobre a fértil mente humana. Alguns relatos, pouco preocupados com a verdade e mais com o sucesso de vendas, apelavam para o extravagante levando as pessoas a acreditar em absurdos.

Em relação às descrições feitas do Brasil por estrangeiros no século XIX, Teresa Cribelli (*in* CARVALHO FRANÇA *et al.*, 2014, p.76) afirma que elas podem ser:

> "[...] divididas, grosso modo, em períodos distintos: entre 1808 e a década de 1830, testemunhou-se a primeira leva de viajantes, expedições científicas, imersões artísticas europeias, muitas das quais associadas as cortes de DomJoão VI e Dom Pedro I. A segunda leva teve início da década de 1840, com a consolidação do império brasileiro e a chegada de Dom Pedro II ao trono."

Sobre a região do Rio de Janeiro, há relatos tão remotos como os do período da fundação da França Antártica (1555-1560), a frustrada tentativa francesa de implantar uma colônia no Rio de Janeiro.

Na medida em que o tempo passou, o número de viajantes cresceu, especialmente no século XIX, depois que o príncipe regente Dom João decretou abertura dos portos brasileiros, em 1808. Os viajantes, mesmo que não tivessem como destino o Rio de Janeiro, tinham a cidade como o ponto de partida ou de chegada (MOREIRA LEITE, 1997), uma vez que a cidade se tornou sede do reino de Portugal e, depois, do império brasileiro. Em vista da transferência da família real e da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, ocorreu no Rio de Janeiro um momento de transformações institucionais em função da nova condição de sede do governo metropolitano. O Rio de Janeiro, estando o Brasil unido a Portugal e Algarves, transformou-se no centro político-administrativo, se tornando a única capital de um país europeu fora da Europa.

Desde o final do século XVIII, já se identifica a preocupação intelectual de indivíduos com formação europeia em relação aos problemas do ambiente (PÁDUA, 2010, p.82). No século XIX, a preocupação com o rigor científico aumentoue atenção ao ambiente também. Os limites das Ciências estavam sendo melhor definidos, embora o naturalista fosse ainda visto como um *desvelador* da realidade e da ordem inalterável da natureza, a qual ele chegava por observações, experimentos e

dedução racional. Entre os viajantes naturalistas havia pessoas com treinamento ou ensino específicos. Mas havia amadores, é claro. Miriam Lifchitz Moreira Leite (1995, p.18) define o naturalista viajante como:

> (...) aquele que nos séculos XVIII e XIX dedicava-se ao estudo da história natural, ou seja, da natureza, compreendendo os astros, o ar, os animais, os vegetais e minerais da superfície e da profundidade da terra. Enquanto os naturalistas-viajantes do período colonial eram exclusivamente súditos da Coroa portuguesa, encarregados de revelar as riquezas e utilidade dos recursos naturais, os que percorreram o Brasil no século XIX, após 1808, vinham de diversas regiões da Europa e estavam empenhados na observação e classificação dos homens e de suas línguas considerados entre as espécies da natureza. Ligados à nobreza ou a sociedades científicas, percorriam o solo brasileiro num esforço conjunto e planejado de revelar, colecionar e classificar os reinos naturais da América.

O viajante estrangeiro, naturalista ou não, por não fazer parte da cultura local, podia perceber aspectos da vida cotidiana, a seus olhos, eventualmente, pitorescos e até excêntricos, que o da terra não percebia, por dá-los como naturais e corriqueiros. O viajante, por sua vez, com frequência, “traz a postura do civilizado diante do povo atrasado [...]” e “identifica-se com a civilização europeia e seus padrões” (MOREIRA LEITE, 1997). Afinal, o olhar é influenciado pela visão de mundo e pela cultura na qual cada um está inserido.

Entre os relatos de uma maioria masculina de viajantes, há também, ainda que menos numerosos, os relatos de viajantes mulheres. O número de mulheres em viagens longas e perigosas até o Brasil foi crescendo lentamente. Isso ocorre na medida em que há modernização nos transportes marítimos e cresce a segurança, o que se observa no início do século XIX. Como comenta Miriam Lifchitz Moreira Leite (2000, p.134), essas mulheres viajantes

> “assumem os riscos de vida das longas viagens marítimas, das moléstias tropicais, dos desconfortos e estranheza dos contatos, dos desentendimentos (...) com uma curiosidade e uma capacidade de observação penetrante [...].”

Para que se tenha a noção da desproporção ente as quantidades de relatos masculinos e femininos, Miriam Lifchitz Moreira Leite, em *Livros de Viagens (1803-1900)*, de 1997, seleciona oitenta livros que dizem respeito ao período de 1800 a 1850. Destes, apena cinco eram de mulheres viajantes. Nos anos seguintes, de

1850 a 1900, o número aumenta: de noventa e dois livros, dezessete são de mulheres viajantes. Mas, ainda assim, a predominância masculina se mantém.

Algumas das viajantes mulheres que estiveram no Rio de Janeiro podem ser encontradas a seguir (Quadro 1). Todas elas são europeias, mas não pertencem, necessariamente, à mesma classe social.

Quadro 1- Algumas das viajantes mulheres. (continua)

Período que esteve no Brasil	**Nome da viajante[6]**
1817/ 1820	Rose de Saulces Freycinet
1821	Maria Graham
1835	Langlet Dufresnoy
1843/ 1844	Baronne E.de Langsdorff
1846	Ida Pfeiffer
1851	Adéle Toussaint-Samson
1857	Virginie Leontine
1858	Isabel Arundel Burton
1860	Marie Barbe van Langendonck
1865	Elisabeth Cary Agassiz

[6] Obras de algumas das viajantes da tabela (MOREIRA LEITE, 2000):
FREYCINET, Rose de Saulces. Journal de Mme. Rose de Saulces de Freycinet d'aprés le manuscrit original accompagné de notes. Paris, Sociétés d'Editions Geographiques, Maritimes et Coloniales, 1927.
GELABERT, Carmen Olivier de. Viaje Poética a Petrópolis, escrito em espanhol. Rio de Janeiro, Imprenta delApostol, 1872.
LANGLET DUFRESNOY, Mme. Quinze ans au Brésil. Bordeaux, Imprimerie de G. Chariol, 1861.
TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. Viagem de uma parisiense no Brasil. Estudo e Crítica de Mme. Toussaint Simon (sic). Trad. de ªA.E.C.C, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Constitut.de J. Villeneuve & Cie.,1883.
BURTON, Isabel Arundel. The Life of Captain Sir Richard F. Burton. 2 vols. London, Chapman & Hall, 1893. VIRGINIE LEONTINE, B. Lettres Inédites sur Rio de Janeiro et diverses esquisses literaires. Evreux, Imprimerie Lithographiques de Monnier, 1872.
DICKENS, Marguerite. Along shore with a man of war. Boston, Mass., Arena Publishing Company, 1893. LANGENDONCK, Marie Barbe van. Une Colone au Brésil. Récits Historiques. Anvers, Imp. L.Gerrits, 1862. Existe uma tradução de Dora Lindenberg van Langendonck, publicada em Campinas, Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica, 1990.

(conclusão)

1870	Carmen Olivier de Gelabert
1872/ 1873	Marianne North
1876	Annie Brassey
1881	Ina von Binzer
1886/ 1888	Marguerite Dickens
1888	Teresa da Baviera
1889	Marie Robinson Wright

Fonte: MOREIRA LEITE (1997).

Os viajantes, mulheres e homens, deixaram registros valiosos, entre eles, sobre a biodiversidade do sítio de ocupação da cidade do Rio de Janeiro, contribuindo para uma melhor compreensão da interferência humana sobre os ecossistemas. Segundo Prestes (2000), é pela mão do europeu que se inicia a história da Biologia no Brasil.

Já desde o século XVIII se observava um renascimento de caráter iluminista que impulsionou as ciências naturais. Assim, o "laboratório" dos viajantes eram as novas terras que eles visitavam. Suas pesquisas para compararem e classificarem elementos da fauna e da flora eram financiadas por instituições, mas havia quem bancasse suas pesquisas. Uma minoria, claro.

Em Portugal, no século XVIII, com o "estatismo da produção científica", como nos lembra Maria Margaret Lopes (1997), o governo passou a organizar suas "expedições de exploração, as quais foram se tornando cada vez menos *militares*, geopolíticas e mais *filosóficas* – botânicas e mineralógicas". Religiosos, governadores, ouvidores e juízes de fora dedicaram-se a enviar à metrópole amostras de novas espécies para o Real Museu e contribuir com a Academia Real das Ciências no conhecimento de novas tecnologias. Portugal se unia a mobilização geral observada no mundo.

Mas no Brasil fechado ao contato internacional, o conhecimento do ambiente físico e cultural era uma incógnita para os homens que debatiam a formação do mundo através do ponto de vista científico (FETZ, 2011). As informações sobre o Brasil eram controladas por Portugal, o que fez com que as notícias que circulavam

na Europa não fossem tão atraentes e impactantes, condição que só se modificou com a chegada da corte ao Rio de Janeiro. Os eventuais registros eram feitos por tripulantes de navios que, por necessidade, aportavam ao longo da costa. Era possível atracar nos portos, a fim de abastecer os navios. Como era comum que houvesse desenhistas a bordo, diversas cidades do litoral do Brasil foram retratadas dessa forma.

Após a transferência da corte da metrópole para a colônia, em 1808, começa a chegar ao Brasil um número muito grande de viajantes. Muitos desses viajantes eram ingleses, vindos em navios mercantes e de guerra (LEITÃO,1934).

> "São naturalistas curiosos com relação à natureza tropical, diplomatas que vem estabelecer contato com o único Império existente na América do Sul, comerciantes, artistas, aventureiros, turistas, engenheiros.
> A metrópole havia cuidado para que as outras nações europeias ficassem à distância, desconhecessem as riquezas do Brasil e fossem impedidas de praticar a pirataria comercial, até o fim dos Setecentos, quando parece ter baixado a guarda em favor dos ingleses." (BELLUZZO,1994, p. 92).

Dos estrangeiros que chegavam ao Brasil, uma quantidade expressiva passava pelo Rio de Janeiro. Após 1808, - de cidade que passou por três séculos de domínio colonial - o Rio, repentinamente, transforma-se em capital do reino. Era uma cidade de contrastes: tinha belíssima natureza, mas a cidade era acanhada, suja, as doenças grassavam. No entanto, rotas comerciais, de exploração e marítimas se cruzavam exatamente no Rio de Janeiro, o que, junto com a presença da corte, explica a chegada de tantos viajantes. Em seu texto, Johann Emanuel Pohl (1976, pp. 41 e 42) nos dá uma boa ideia do cenário:

> "[…] é natural que, numa cidade de tanta importância marítima e comercial, se achem reunidos habitantes de todas as regiões e países do mundo civilizado.Os mais numerosos entre eles são os antigos aliados de Portugal, os ingleses. Aos franceses, com os quais têm afinidade de religião. Os alemães têm boa fama de probidade. Veem-se também com frequência, italianos, espanhóis, holandeses e até suíços. Como os nossos ferros velhos judeus, que fazem pequenos negócios, aqui os chineses percorrem as ruas do Rio."

Ao longo do século XIX, a descrição da natureza nas Américas, sua flora e fauna, bem como suas riquezas minerais estavam no centro das atenções europeias das atividades científicas. Em 1808, "do ponto de vista das iniciativas científicas, a transferência da corte para o Brasil, não implicou nenhuma ruptura no processo de adesão à ciência moderna" (LOPES, 1997, p.40). Ademais, se observava uma particularidade do fim do sistema colonial português: a Colônia comandou a mudança e acabou por assimilar a Metrópole.

O Museu Real e o Jardim Botânico do Rio de Janeiro são instituições, em boa parte, resultantes do esforço em se conhecer as espécies de seres vivos e os minerais do novo mundo (SOUZA, 2019). Após a independência de Portugal, houve avanços nas pesquisas e as instituições expandiram seus trabalhos. À semelhança das igrejas, os museus celebravam o culto a Ciência (LOPES, 1997).

O século XIX, no Ocidente, foi marcado por questões em torno da definição dos Estados Nacionais, como a demarcação dos limites territoriais e a formação das identidades de cada país. Os museus de história natural desempenharam importante papel na construção das identidades nacionais, não sendo diferente no período imperial brasileiro. (SOUZA, 2019).

A natureza tropical fazia parte da identidade do próprio Império. Como escreve Luciana Martins (2001, p. 167), no processo de construção da identidade do país, as representações feitas por europeus da natureza tropical forneceram informações para o Brasil falar de si. Dois exemplos da associação do império do Brasil com a natureza tropical são o retrato da Imperatriz Leopoldina (Figura 2) e a foto de Dom Pedro II cercado por bromélias e orquídeas da Mata Atlântica (Figura 3).

Figura 2. Retrato de Dona Leopoldina de Habsburgo, de Luís Schlappriz. Óleo sobre tela, século XIX.

Fonte: Coleção do Museu do Estado de Pernambuco

Figura 3. D. Pedro II. Coleção particular do Imperador.

Fonte: Biblioteca Nacional.

No Rio de Janeiro, no início do século XIX, nas obras publicadas, nada é mais explícito que a importância dos estudos de história natural, especialmente da botânica, ligada à medicina, à agricultura e às artes. A história natural era considerada muito útil à sociedade, contribuindo para a descoberta de novas comodidades para a vida. Era uma ciência eminentemente prática e ocupava a atenção dos governantes (SILVA, 1978).

No início do século XIX, as fronteiras entre as ciências e as artes não se recortavam com nitidez (SILVA, 1978). Como escreveu William Wordsworth (1770-1850), no *Preface to the Lyrical Ballads*[7] de 1798, “The knowledge both of the Poet and the Man of Science is pleasure.” Em comum, segundo Gruber (1979), arte a ciência têm apetite por modelos, buscando ordenar os fatos, o que talvez explique, em parte, o prazer encontrado na complexibilidade e na imprevisibilidade natural, uma vez que tais aspectos desafiam as pessoas a descobrir padrões e ordem. Deve ter sido um pouco do que sentiram os viajantes ao se depararem com a complexidade

[7] Wordsworth , William e Coleridge, Samuel, Lyrical Ballads, with Other Poems. 2nd ed. London: Longman and Rees, 1800.

biológica dos trópicos.

1.2. OBJETIVOS, JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA

Os objetos de estudo desta dissertação são os relatos e as imagens referentes ao ambiente natural e aos ecossistemas da cidade do Rio de Janeiro produzidos pela viajante inglesa do século XIX, Maria Graham (Figura 4), nascida Maria Dundas e conhecida entre os ingleses como Lady Maria Callcott (1785 – 1842), em suas três viagens pelo Brasil, a primeira de setembro de 1821 a março de 1822, a segunda de março a outubro de 1823, e a terceira de setembro de 1824 a setembro de 1825.

Figura 4. Maria Graham por John Jackson RA (1778–1831).
Oil on canvas, *circa* 1819.

Fonte: Chawton House

Maria Graham procurou andar em toda parte e estar presente em grandes acontecimentos públicos, ainda que as dificuldades por ser mulher, estrangeira e não falante da língua local fossem grandes naqueles tempos. Este comportamento a

difere da maioria das estrangeiras e brasileiras, que vivia restrita àssuas residências, pouco saindo às ruas e pouco vivenciando o que acontecia fora dosmuros de casa.

Maria Graham foi uma das primeiras mulheres a escrever sobre eventos históricos ocorridos no Brasil e no Chile[8] nas primeiras décadas do século XIX (SOUZA, 2020), sendo ela testemunha ocular de eventos importantes que culminaram com a independência desses dois países. Como afirma Denise Porto (2020), os relatos de Maria Graham são de inquestionável importância para a escrita da história dos anos da independência do Brasil.

Embora menos divulgado, Maria Graham também foi uma observadora do mundo natural. Da obra que ela produziu, os relatos têm sido bastante estudados, mas sua iconografia, nem tanto (SOUZA, 2020).

Os relatos e iconografia produzidos por Maria Graham mostram-se relevantes para o estudo das ações antrópicas sobre os ecossistemas e para a compreensão da relação entre o processo de urbanização do Rio de Janeiro e seu ambiente natural. Segundo Maria de Fátima Medeiros de Souza (2017, p.8), “a produção imagética dos artistas naturalistas pode ser analisada como um registro documental da natureza para fins científicos, mas muitos desses registros também apresentam preocupações estéticas”. É o que observamos em Maria Graham.

Diversos estudos abordaram a produção de Maria Graham com enfoques na Botânica, na História Social, nas Artes Visuais, nos estudos de gênero e na Literatura. A maioria dos estudos a respeito da obra de Maria Graham, relativos às suas estadas no Brasil, trata dos aspectos históricos e sociais registrados por ela (*e.g*. PORTO, 2019 e 2020; ALEGRE, 2011; CEDAN, 2003; CAMPOS, 1996) ou analisa a contribuição da inglesa para a Botânica sul-americana (*e.g.* PEIXOTO E FILGUEIRAS, 2008; ZABURAN, 2005). Ana Maria Belluzzo (2008) aponta a tradição paisagística britânica nas obras de Maria Graham no Brasil, enquanto Diogo Hasse (2018, 2021) trabalha a narrativa ecológica de parte da iconografia de Graham.

Para Maria Angélica Zubaran (2005) e Maria de Fátima Campos (2009), as pesquisas sobre Maria Graham concentraram-se nos relatos da viagem ao Chile eno livro de viagem, publicado em 1824, o *Diário de uma Viagem ao Brasil.* Mas se dá menor atenção à produção da inglesa nos anos de 1824 e 1825, último período em

[8] Maria Graham esteve no Chile no período de abril de 1822 a janeiro de 1823. Dessa viagem resultou *Journalof a residence in Chile during the year of 1822* (1824).

que ela esteve em terras brasileiras. Neste espaço de tempo, depois de se afastar da corte e da tarefa de tutora das princesas, Maria Graham se dedicou

> "integralmente à tarefa de registrar a natureza dos arredores do Rio de Janeiro para as audiências europeias, coletando e desenhando espécimes botânicas, pintando paisagens e escrevendo a partir de sua pequena casa, no Vale das Laranjeiras, como era moda entre os artistas-viajantes da época." (ZABURAN,2005, p. 58)

As ilustrações botânicas deste período são resultantes de coletas de vegetais feitas ao redor do Rio de Janeiro, e, além das espécies vegetais, também são representados insetos e aves.

Conhecer a história de alguém é buscar entender o olhar do outro a respeito do mundo que o cerca e entender que ele é influenciado por sua forma de ver o mundo, seus preconceitos, suas crenças, em suma, por sua cultura. Como observadora, Maria Graham indica perceber a impossibilidade da imparcialidade. Ela deixa essa ideia clara no prefácio *Diário de uma viagem ao Brasil* (1990):

> "A autora não tem pretensões à perfeita imparcialidade, pois nem sempre esta significa virtude. Mas, sabendo que nenhum ser humano pode ser alcançadosem certa dose de mal, espera ter sempre encerrado as questões pelos dois lados, ainda que isto lhe tenha custado bastante esforço na composição." (GRAHAM, 1990, p19).

A obra de Graham apresenta um duplo aspecto: por um lado, ela retrata os costumes, a política, descreve e representa em sua iconografia da paisagem e ilustrações botânicas, a natureza dos espaços por onde ela passa; por outro, a viajante apresenta paisagens pitorescas e magníficas, as quais associa a lírica de poetas como John Milton[9] (1608 – 1674) e Lord Byron[10] (1788 - 1824). Este último aspecto pode ser representado pela descrição cheia de enlevo que ela faz da paisagem, durante a visita a Itaguaí e Santa Cruz, em que ela cita a poesia de James Beattie[11] (1735 - 1803):

> "Sábado, 23 de agosto [de 1823]
>
> Todas as vezes que passo por um bosque no Brasil, vejo plantas e flores novas, e uma riqueza de vegetação que parece inexaurível. Hoje vi flores de maracujá de cores que dantes nunca observara: verdes, róseas, escarlates, azuis; ananases selvagens de belo carmesim e púrpura; chá selvagem, ainda mais belo que o elegante arbusto chinês; palmeiras do brejo e inúmeras plantas aquáticas novas para mim. Em cada lagoazinha patos

[9] John Milton (1608 – 1674) foi um poeta e intelectual inglês. Entre suas obras mais conhecidas estão: *Areopagítica*, *Paraíso Perdido* e *Paraíso Recuperado*.

[10] George Gordon Byron (1788 —1824), 6.º Barão Byron, conhecido como Lord Byron, nasceu na Inglaterra e foi um importante poeta do Romantismo. *Don Juan*, *A Peregrinação de Childe Harold* e *She Walks in Beauty* são algumas de suas conhecidas obras.

[11] James Beattie (1735 - 1803) foi um poeta e filósofo escocês.

> selvagens, frangos d'água e variedades de marrecos, nadam por ali com orgulho gracioso. A cada passo sentia-me inclinada a dizer como poeta:
> "Oh nature, how in every charm supreme! Whose votaries feast on raptures ever new?Oh, for the voice and fire of seraphim
> To paint thy glories with devotion due![12]" (GRAHAM, 1990, p.342)

Os textos e iconografia produzidos por Maria Graham podem ser importantes fontes de informações para a compreensão da ação antrópica sobre os ambientes naturais, em um olhar voltado para a pesquisa em Ecologia, uma vez que os registros feitos por ela em seus diários e em sua iconografia permitem-nos fazer uma 'arqueologia' da paisagem natural, identificando o estado dos ecossistemas das regiões cariocas quando Maria Graham os descreveu ou representou. Comparando com o presente, podemos, então, identificar o processo de interferência humana.

Claro que se deve ter em mente que, como argumenta Antonio Carlos Diegues (2000, p.14), a existência do mundo natural intocado é um mito, pois, "a natureza em estado puro não existe, e as regiões naturais apontadas pelos biogeógrafos usualmente correspondem a áreas extensivamente manipuladas pelos homens". Logo, em uma perspectiva histórica, os ambientes que encontramos no presente são resultantes das relações de interferência das populações que se estabeleceram em uma região. Como afirma Rogério Ribeiro de Oliveira (2002, p.33), "em termos de paisagem, o que temos hoje por *natural* pode se tratar, na verdade, de um sistema manejado durante séculos".

Desta forma, esta pesquisa tem como finalidade contribuir para o conhecimento da obra de Maria Graham a partir da perspectiva da história biológica dos ambientes naturais no Rio de Janeiro. Assim, o objetivo geral desta dissertação é analisar alguns exemplos do impacto humano sobre a biodiversidade e os ambientes naturais no Rio de Janeiro decorrente do processo de urbanização, tomando como base a obra de Maria Graham. Os registros feitos pela viajante inglesa permite-nos um vislumbre de como estavam os ambientes naturais no primeiro quartel do século XIX. Os registros de Maria Graham permitem também comparar os ambientes do passado com o que temos no presente e identificar a ação antrópica nos dois

---

[12] BEATTIE, James. **The Minstrel and Other Poems**. Glasgow: James Scott, 1823, p23. Na tradução citada por C.de Mello Leitão (1934), que atribuiu, equivocadamente, o poema a John Milton:
"O' natureza como és sublime em cada encanto!
Tuas festas votivas, trazem êxtase sempre novo,
Quem me dera a voz e o ardor dos serafins
Para pintar tuas glórias com a devoção devida!"

períodos.

A nosso ver, este é um aspecto inédito na abordagem da obra de Maria Graham. Como citado, os trabalhos que analisam a obra da viajante se concentram em questões da história política, social e pessoal que ela presenciou ou viveu. Há uma parcela de trabalhos que se detém em analisar a obra de Graham pelos vieses da Literatura ou da História da Arte. Ainda que algumas pesquisas se aproximem da Biologia, - ora analisando a representação da paisagem na obra de Graham, ora estudando sua contribuição para a História Natural e ou para a Botânica. Mas a Ecologia, com atenção aos ecossistemas e as ações humanas sobre eles, não é abordada.

Como comentado antes, conceitos como ecossistema, biodiversidade e efeitos antrópicos são modernos, no entanto, os ambientes e seres vivos que eles representam, não. Maria Graham não usa tais conceitos, mas descreve os ambientes e seres vivos, os representa em imagens, possibilitando que pensemos o passado a partir desses novos conceitos. Assim, estes conceitos são usados na dissertação para analisar os registros feitos por Maria Graham.

Em seu trabalho de pesquisa sobre Maria Graham, Diego Rafael Hasse (2021, p28) assume que ao se propor a examinar a produção da inglesa a partir da contemporaneidade, usa uma abordagem anacrônica. Concordo com ele quando escreve que a produção de conhecimento, - no caso dele, no campo das artes visuais -, não deve ser a repetição de discursos ou o uso de padrões de análise que dificultem que os olhares sobre o passado estabeleçam novas conexões e discursos, sem desmerecer ou desprezar outras formas de fazer pesquisa. É o se pretende nesta dissertação.

José Augusto Pádua (2010, p.96), em texto anteriormente citado, avisaque o uso de conceitos contemporâneos para olhar o passado não pode ser feito com irresponsabilidade. O que se deve fazer, não é a projeção de conceitos ecológicos do presente no passado, mas sim o uso desses para pensar as sociedades de outros tempos, ou, como nesta dissertação, pensar a obra de Maria Graham.

A cidade do Rio de Janeiro foi escolhida por corresponder a uma área originalmente de ecossistemas muito produtivos e frágeis (AMADOR, 1997), responsáveis por importantes serviços ambientais e que sofreu devastadora interferência com a instalação da urbe.

A história da cidade do Rio de Janeiro, salvo raras exceções, é contada a partir da perspectiva masculina. No entanto, no cotidiano e em outros espaços sociais, as mulheres desempenharam, e desempenham hoje, papéis fundamentais. As mulheres eram, e ainda são, alvo de descriminação e violência, apesar das conquistas sociais, econômicas e políticas arduamente conquistadas. Portanto, é importante analisar as transformações da cidade do Rio de Janeiro a partir da participação e da perspectiva das mulheres. Mesmo existindo outros viajantes, a maioria homens, que passaram e registraram o Rio de Janeiro em suas obras, Maria Graham nos traz o olhar feminino, o que é um diferencial.

Entre o pequeno número de mulheres viajantes que esteve no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX (MOREIRA LEITE, 1997), Maria Graham dedica significativa parcela de sua obra à capital do Império, o que contribui para a análise pretendida, fornecendo um número significativo de dados. Ademais, Graham se destaca entre outras viajantes mulheres que estiveram no Brasil no início do século XIX, como Rose de Saulces de Freycinet (1794-1832), Langlet Dufresnoy (1820-?), Baronesa de Langsdorff (1812-?) e Ida Pfeiffer (1795-1858)[13], em vista de seu interesse em História Natural e do período que ficou no Rio de Janeiro. Também não podemos esquecer que estudar a obra de Maria Graham contribui para a compreensão do papel da mulher na produção de cunho científico no século XIX.

Quanto aos objetivos específicos desta dissertação, o primeiro é correlacionar o processo de ocupação da região da urbe carioca com a perda da biodiversidade. Todos os seres vivos causam algum tipo de interferência em seu entorno e, com a espécie humana, não é diferente. Colin Townsend *et al.* (2010, p475) afirma que, "como nós, várias espécies também geram mudanças físicas profundas em seus habitats[14]". Assim, a instalação das cidades causa impacto sobre os ecossistemas. No processo de crescimento urbano, a demanda crescente por energia e matéria, levam a maior pressão sobre os sistemas ecológicos e sobre seus recursos e serviços (TOWNSEND *et al.*, 2010, pp.439 e 475)

O segundo objetivo específico desta dissertação é identificar os

[13] Estiveram no Rio de Janeiro: Rose de Freycinet entre os anos de 1817 e 1820, Langlet Dufresnoy entre osanos de 1837e 1839, Baronesa de Langsdorff entre os anos de 1842 e 1843 e Ida Pfeiffer no ano de 1846(MOREIRA LEITE, 1997).

[14] O *habitat* de um organismo, ou espécie, é o lugar onde ele vive ou onde podemos encontrá-lo (ODUM, 1988, p.254). No *habitat* são encontradas as condições favoráveis à realização das necessidades básicas do ser vivo, como a nutrição e a reprodução.

ecossistemas originais - como manguezais, lagunas, praias, restingas, pântanos e Mata Atlântica - e os ecossistemas remanescentes da região ocupada pelo Rio de Janeiro, a fim de que seja possível reconhecer alguns deles na obra de Maria Graham analisada na dissertação.

Metodologicamente, no trabalho, optou-se pela pesquisa e análise do *Diário de uma Viagem ao Brasil* (1990), do *Escorço Biográfico de Dom Pedro I* (2010) e parte da iconografia - que fazem parte dos acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, do *British Museum*, do *Royal Botanic Gardens* e do Museu de Arte de São Paulo - produzidos por Maria Graham que façam referência aos seres vivos e aos ecossistemas visitados por ela durante suas estadas no Brasil, bem como a pesquisa bibliográfica pertinente aos temas trabalhados.

Pelo olhar do outro, no caso de Maria Graham, podemos contribuir na identificação dos ecossistemas da cidade do Rio de Janeiro presentes no início do século XIX e na avaliação de sua biodiversidade, bem como analisar o efeito de instalação da urbe sobre o ambiente. Para este fim, foram consultadas as obras de Maria Graham que fazem referência ao Rio de Janeiro: o Diário de uma Viagem ao Brasil, o Escorço Biográfico de Dom Pedro I e iconografia da britânica.

A dissertação foi dividida em três capítulos. O capitulo 1 faz uma introdução ao assunto, comentando o surgimento das viagens, situando o contexto político, social e cultural em que as obras de Maria Graham foram produzidas. Também neste capítulo são apresentados os objetivos geral e específicos da dissertação.

O capitulo dois conta um pouco da história da vida de Maria Graham e do seu percurso como artista viajante. Este capítulo nos permite entender como o contexto em que viveu interferiu na produção da britânica.

No capitulo três são apresentados o bioma Mata Atlântica e os ecossistemas associados, como os manguezais, que ocorrem no Rio de Janeiro. Neste capítulo analisa-se algumas das iconografias e relatos de Maria Graham, buscando identificar os ecossistemas das regiões ou comentando sobre seres vivos mencionados por ela.

2. MARIA GRAHAM, LADY CALLCOTT

> “Contraditório e incoerente, esse inglês impermeável ao exótico tem sido, no Ocidente, um dos melhores intérpretes e propagadores do exótico, do tropical, do oriental. E o Brasil está entre os países exóticos mais inteligentemente descobertos e interpretados por ingleses: por Mawe, Luccock, Koster, Maria Graham, Walsh, Bates, Wallace, Burton.” (FREYRE, G. 2000, p48).

2.1. OS PRIMEIROS ANOS

Embora existam várias biografias de Maria Graham, até uma autobiografia, sua apresentação é necessária, para que se compreenda como os eventos pelos quais passou ou presenciou, suas experiências de vida, possam ter influenciado sua obra nos aspectos que serão analisados neste trabalho.

Nascida em Papcastle, uma cidade portuária perto de Cockermouth, em Cumberland, no norte da Inglaterra, em 19 de junho de 1785, Maria Dundas fazia parte da alta classe média britânica que ascendeu trabalhando para o governo. Sua família recebeu da coroa honrarias e títulos de nobreza. Seu pai, George Dundas (1756- 1814), foi um almirante britânico do clã escocês Dundas e sua mãe, Ann Dundas, nascida Thompson (? -1808), uma americana da Virginia, que perdera o pai no início da guerra de independência dos Estados Unidos e que foi morar com parentes em Liverpool, na Inglaterra (GONÇALVES, 2005). Os pais de Maria tiveram mais três filhos - William, Agnes e Ralph - além dela. Maria era a primogênita.

A primeira parte de sua formação, Maria recebeu de uma preceptora e aos oito anos foi para um colégio interno, onde ficou até os dezessete anos. Ela passou dois anos (de 1804 a 1806) na Escócia com seu tio, o escritor James Dundas (1752-1831), frequentando a Universidade de Edimburgo.

Na infância, Maria Dundas sofreu um sério acidente, que a marcou: caiu de costas no fogo. Nele queimou parte de seu couro cabeludo, o que acabou influenciando um hábito seu. Como escreve Margareth de Almeida Gonçalves (2005, p.3), “o hábito que veio a adquirir de cobrir a cabeça com um turbante ou chapéu esteve indubitavelmente ligado a esse acidente”. Este hábito pode ser visto em retratos seus e a caracteriza, tornando sua figura facilmente identificável (Figuras 5 e 6). O desenho feito por Charles Eastlake (Figura 5) foi feito durante a estada de Graham na Itália.

Figura 5. Maria Graham. Desenho de Sir Charles Eastlake, anteriormente atribuído a Charles Phillips. Desenhado em Roma, *circa* 1819-20.

Fonte: The British Museum

Figura 6. Maria Graham, por Lawrence, Thomas, Sir (1769-1830). Óleo sobre tela. *circa* 1819.

Fonte: National Portrait Gallery, London.

Em relação a saúde, Maria Graham precisou lutar desde jovem contra um quadro crônico de doença respiratória (PORTO, 2019). Se a saúde era frágil, sua educação, por outro lado, estava indo bem. No início de sua formação, a presença da mãe se destaca, o que ela relata na autobiografia. A mãe a teria ensinado a ler com o auxílio da Bíblia e de Shakespeare, plasmando sua formação com a religiosidade e aerudição (GONÇALVES, 2005).

Ainda criança, foi levada pelo pai para estudar próximo de Oxford. Pouco tempo depois, sua mãe, já doente, faleceu. No caminho da escola, passou por Londres e ficou negativamente impactada com os hábitos de vestimenta femininos. A respeito desse episódio, Margaret Gonçalves (2005, pp.4 e 5) comenta:

> "O seu primeiro contato com a fatuidade da moda levou anos, comenta Maria, a ser superada e que descobrisse, enfim, um prazer com roupas e adereços vinculado ao universo feminino. Essa recordação, tantos anos mais tarde, indica o lugar secundário atribuído por Maria ao mundo da moda e manifesta sua resistência e divergência quanto aos espaços sociais reservados à mulher. O traço feminista de sua personalidade constituiu mais um dos elementos formadores de uma subjetividade incomum, que acentua as características singulares da individualidade, longamente trabalhada pelas leituras incessantes."

"Tiger", como era apelidada Maria Graham na escola, em vista de seu temperamento, foi leitora da história da Antiguidade Clássica, de Virgílio e de Homero, mas também da poesia de Shakespeare, Dante e Milton. Este último poeta foi também um dos inspiradores de outro inglês que esteve no Brasil: Charles Darwin.

Maria Graham, como poucas mulheres em sua época, recebeu educação aprimorada, tendo estudado literatura inglesa e de outros países, arte, desenho, filosofia e história natural. Alfred Delamotte (1775–1863), pintor e gravador inglês que dedicou parte de sua carreira à concepção de paisagens, foi professor de Maria Graham (SOUZA, 2017; HASSE, 2021).

A construção de sua autonomia feminina se iniciou por meio da educação e, depois, pelo afastamento do ambiente doméstico, especialmente durante as viagens que realizou. Era uma mulher afetuosa e prática, conhecida pelo vasto conhecimento. Ela viveu em uma Inglaterra que estava em ritmo de industrialização, com o aumento da escolaridade, da erudição e do cosmopolitismo (GONÇALVES, 2005). No resto da Europa vivia-se o período pós-Congresso de Viena[15]. A Santa

[15] O Congresso de Viena foi uma reunião entre potências europeias que ocorreu entre 1814 e 1815 e

Aliança intervinha nas nações onde instituições liberais se constituíam. Estavam surgindo as Revoluções de 1820. Nas palavras de Margareth de Almeida Gonçalves (2005, p.1):

Maria Graham fez parte de uma geração que acompanhou a emergência de uma novaépoca na Inglaterra. As transformações que atingiram a sociedade inglesa, durante as últimas décadas do século XVIII e ao longo do seguinte, criaram as condições de crescimento econômico e de consolidação da cultura burguesa que culminaram na construção do Império.

A educação diversificada que Maria Graham recebeu se refletiu em suaobra. Ela tinha grande interesse pela História da Arte, tendo estudado pintura e desenho com o paisagista Alfred Delamotte (1775-1863). Nessa área ela publicou obras como *Memoires of the Life of Nicholas Poussin* (1820), *Giotto's Chapel in Padua* (1835) e *Essay of Towards of History of Paintings* (1836) (SOUZA, 2017). Maria Graham era também especialmente atraída pela história natural e pela filosofia iluminista (CAMPOS, R. 1996). No período em que Maria Graham esteve na Universidade de Edimburgo, ela conheceu naturalistas e aprofundou seus conhecimentos em diversas áreas através da leitura (SOUZA, 2020). Já com seu pai, aprendeu o amor pelo mar e pelas viagens.

2.2. AS GRANDES VIAGENS SE INICIAM

Seu pai, em 1803, comandou um navio que tinha sido a nau capitânia de Nelson durante a Batalha de Copenhague, em 1801. Em 1808 foi nomeado chefe das obras navais da Companhia Britânica das Índias Orientais em Bombaim, na Índia, misteriosa e exótica para os ingleses daqueles tempos. Maria, junto com a irmã Agnes e o irmão mais novo Ralph, o acompanharam, embarcando em 30 de dezembro daquele ano no HMS Cornelia. Maria tinha, a esta altura, 23 anos.

A bordo do HMS Cornelia, Maria conheceu Thomas Graham[16] (? - 1822), um escocês, terceiro filho de Robert Graham, o último Laird[17] de Fintry, com a patente

---

tinha como objetivo reorganizar o mapa monárquico da Europa após a queda de Napoleão. Após o Congresso de Viena, foi assinado, em Paris, um acordo militar que tinha a intenção de frear a expansão das ideias revolucionárias francesas, mantendo o absolutismo como filosofia de Estado..

[16] Thomas Graham era das famílias dos duques de Monthoses e Athol e dos condes de Mansfield e Hopetow. Maria Graham, por seu lado, não tinha origem nobre (GRAHAM, 1990, p294).

[17] Laird é um título dado a uma pessoa que possui uma grande propriedade na Escócia. É o equivalente a Lord.

de tenente da Marinha Britânica. Em 9 de dezembro de 1809, se casaram na Índia. Pelos próximos dois anos, eles viajaram para as montanhas Mahratta, Trincomali, Madras e Calcutá. Em seu retorno à Inglaterra, Maria publicou seus relatos de viagem, como Journal of a Residence in India, em 1812, e Letters from India, em 1814. Ambos assinados como Maria Graham.

Ainda em 1814, seu pai, que havia sido nomeado comissário do estaleiro naval da Cidade do Cabo, morreu aos 58 anos, com a patente de contra-almirante, que havia recebido dois meses antes. Em 1819, o casal esteve em viagem pela Itália. Maria Graham fazia anotações de suas viagens, fundamental para livros que escreveu sobre os lugares em que visitou.

Maria Graham se lançou na história da arte, em 1820, com uma biografia pioneira sobre Nicolas Poussin[18] (1594 - 1665). Amiga de Thomas Lawrence[19] (1769 - 1830), de J. M. William Turner[20] (1775 - 1851), ela era especialmente próxima de Charles Eastlake[21] (1793 – 1865), e compartilhava o desejo dele de promover a arte do final da Idade Média e do início da Renascença. Maria Graham, junto com seu marido Thomas, conheceu Charles Eastlake em Malta. Em 1819 eles alojaram-se, os três, na mesma casa, em Roma, perto da escadaria da Piazza de Spagna (Figura 7).

Figura 7: GRAHAN, Maria. “Scalinata leading from the piazza di Spagna to the Trinita de Monti and lower left”, 1819. Grafite.

Fonte: The British Museum.

.

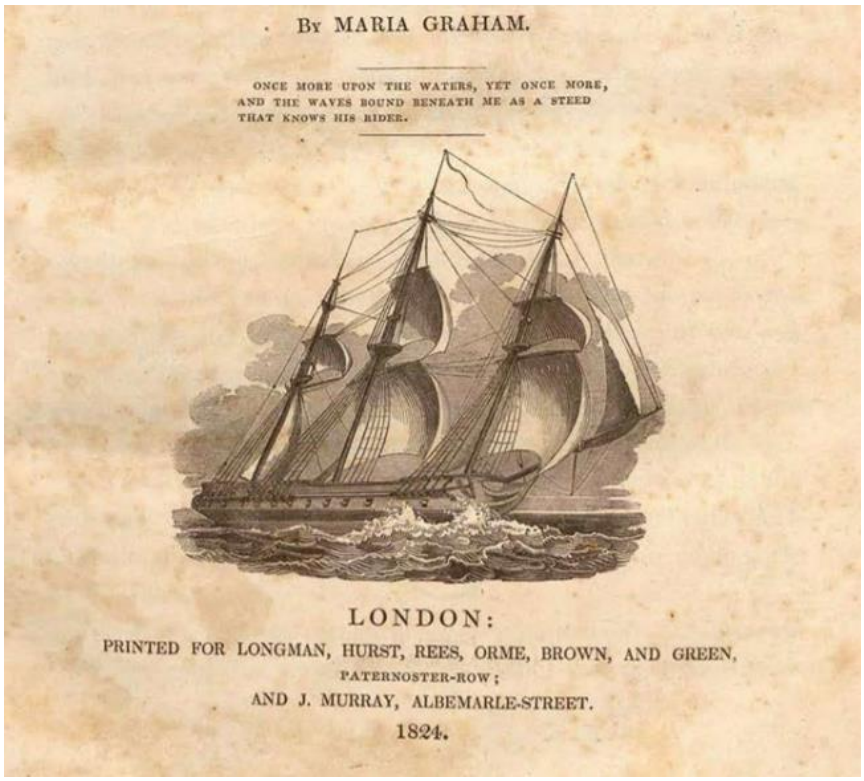
[18] Pintor francês, um dos maiores representantes do classicismo do século XVII. Entre os grandes que seguiram seus passos temos: David, Ingres, Cézanne e Picasso (COSTA, 2020).
[19] Pintor retratista e presidente da Academia Real Inglesa.
[20] Pintor, músico e aquarelista romântico, tido por alguns como precursor do modernismo na pintura.
[21] Pintor e diretor da *National Gallery* de Londres.

No período em que morou em Londres, enquanto seu marido, oficial da marinha, viajava, Maria Graham trabalhou para John Murray II (1778-1843), editor e amigo de Lord Byron (1788 – 1824), como leitora, tradutora e autora. Seus interesses iam desde história até geologia e botânica, mas também, é claro, arte. Antes partir para a América do Sul, Maria já era conhecida na Inglaterra por ter publicado livros com sucesso[22].

2.3. A AMÉRICA DO SUL: PRIMEIRA VISITA AO BRASIL

Em 31 de julho de 1821, se inicia uma nova etapa. Saindo de Portsmouth, na Inglaterra, Maria Graham se dirige à América do Sul na fragata Doris (Figura 8), da Real Marinha Inglesa, da qual Thomas Graham é o capitão.

Figura 8. A fragata Doris. Desenho de Maria Graham para a capa do seu Diário de uma Viagem ao Brasil.



Fonte: Biblioteca Nacional.

[22] Entre os anos de 1812 e 1820, Maria Graham publicou três Diários de Viagens e um livro sobre o pintor Nicolas Poussin. Primeiro, ela escreveu e publicou *Journal of a Residence in India* (1812) e *Letters on India, with Etchings and a Map* (1814), que, a seguir, traduziu para francês. Na sequência, Maria Graham traduziu para o inglês *Memoires de la Guerre des Français en Espagne*, de Albert Jean Rocca (1816). No período que passou na Itália, ela escreveu *Three Months Passed in the Mountains East of Rome, during the Year 1819 (1819)* e *Memoir of theLife of Nicolas Poussin (1820)*.

No início do século XIX, imagens e informações a respeito do Brasil, para os europeus, eram imprecisas e cheias de lacunas. A Grã-Bretanha estava vivendo um momento de expansão comercial e o Brasil era de grande importância para o mercado britânico. Énesse contexto que Maria Graham chega ao Brasil.

Maria Graham esteve no Brasil em três ocasiões, como visto no quadro 2.

Quadro 2 – Passagens de Maria Graham pelo Brasil.

Primeira: **Setembro de 1821 a março de 1822**	Esteve no Brasil de passagem, a caminho do Chile. Viajou na fragata *Doris*, cujo comandante era o marido, o capitão Thomas Graham.
Segunda: **Março a outubro de 1823**	Passou pelo Brasil quando retornava do Chile em direção à Inglaterra. Viajou a bordo do *Colonel Allan*, juntamente com Lord Cochrane. Maria acabou permanecendo no Brasil para cuidar de um parente que havia adoecido durante a viagem.
Terceira: **Setembro de 1824 a setembro de 1825**	Voltou ao Rio de Janeiro contratada pelos Imperadores para ser tutora das princesas, em especial da princesa Maria da Glória.

Fonte: SOARES, Nara Marques, 2015.

Em 21 de setembro de 1821, a fragata Doris chega às costas de Pernambuco e encontra a província em um conflito armado, que pretendia depor o governador português Luiz do Rego Barreto. A fragata ficou ancorada cerca de treze quilômetros (oito milhas) da costa. Maria foi testemunha ocular do movimento que terminou com a separação daquela região da administração portuguesa.

A fragata Doris tinha a missão de defender no Brasil os interesses da Grã-Bretanha, como resume Maria de Fátima Hanaque Campos (2009, p.100):

> "Para a política externa britânica, interessava evitar que os franceses, ao ocupar Portugal, pudessem tirar proveito das colônias portuguesas, principalmente o Brasil, estabelecendo aqui uma área de influência. Da mesma forma, interessava à Inglaterra a vinda da família real, o que transformava o Brasil em sede da monarquia e o colocava sob influência britânica, auxiliando, assim, os projetos ingleses de conquista da América do Sul."

A própria Maria Graham confirma a presença dos ingleses em Pernambuco como representantes do governo britânico em uma carta a John Murray datada de

23 de setembro de 1821.

Durante o período em que esteve em Pernambuco, Maria Graham visitou os recifes, diante dos quais, Darwin, dez anos mais tarde se mostrou encantado. Ela os considerou uma das maravilhas do mundo. Visitou também os rios Beberibe e Capibaribe.

Em 14 de outubro a fragata Doris saiu de Pernambuco. No dia 16 desse mesmo mês, chegava a Salvador, na Bahia, onde permaneceu por 55 dias. Passado este tempo, levantou-se ancora e ao fim de uma semana, em 15 de dezembro do mesmo ano, o navio aportou na cidade do Rio de Janeiro. Na cidade, o casal se instalou provisoriamente em "uma casa confortável num dos subúrbios do Rio, chamado Catete, do nome de um Rio que corre por ele até o mar" (GRAHAM, 1990, p 195).

Nessa primeira estada no Rio de Janeiro, Maria andou pela cidade e fez contatos com a sociedade. Com as pressões políticas e a determinação de Portugal de que Dom Pedro deveria voltar a Europa, a comunidade britânica participava da ansiedade de todos. Os britânicos temiam por suas propriedades e negócios. Assim, os comerciantes pediram que a fragata ficasse no Rio de Janeiro até que chegassemreforços (ALEGRE, 2011).

2.4. ESTADA NO CHILE

A fragata Doris partiu do Rio de Janeiro rumo ao Chile no dia 10 de março de 1822 (GRAHAM, 1990, p.245). O capitão Graham, que adoecera no Rio de Janeiro, faleceu no dia 8 de abrildaquele ano, na travessia do Cabo de Horn, quando estavam a caminho do Chile. Eleé enterrado em um forte de Valparaiso (DIAMELA ELTIT *in* GRAHAM, 2019). Maria, muito abalada, escreve sobre este momento:

> "Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei; quando acordei foi paratomar consciência de que estava só, e viúva, com um hemisfério entre mim emeus parentes." (GRAHAM. 1990, p.252)

Sobre o tempo passado no Chile, Maria escreveu *Journal of a Residence in Chile,During the Year 1822; and a Voyage from Chile to Brazil in 1823* e produziu variada iconografia. A figura 9 é um teleorama[23] atribuído à Maria Graham, baseado

[23] Teleorama ou *paper peepshow* é uma estrutura retrátil, tal um fole, feito de papel e tecido. Diferente dos feitos no século XVIII, que eram caixas de madeira complicadas de usar, esses teleoramas eram pequenos e leves. Eles se popularizaram após 1820.

em um desenho feito nessa viagem. A bela paisagem é arrumada de forma a simular a tridimensionalidade.

Figura 9. *View from L'Angostura de Paine in Chile*, ca.1835.

Fonte: Victoria and Albert Museum.

Após tornar-se viúva, Maria Graham permaneceu no Chile o resto do ano de 1822. Nesse ano passado no Chile, Maria experimentou um terremoto em Valparaíso. Foi um dos piores da história do Chile. Ela registrou seus efeitos em detalhes. Ela escreveu sobre o terremoto:

> "Jamás olvidaré la horrible sensación de aquella noche. Todas las otras convulsiones de la natureza nos dan la ideia de que podemos hacer algo para evitar o mitigar el peligro, pero no hay refugio o escape de um temblor: la '*loca agitación*' (Lord Byron, *Darkness*) que remueve a cada corazón, y se mostra em cada mirada, me parece tan horrible como puede llegar a ser el día último del juicio[24]." (GRAHAM, 2019, p.218)

Depois da estada no Chile, no dia 13 de março de 1823, ela chega ao Brasil, a bordo do Colonel Allan, um brigue inglês, procedente de Valparaiso, no Chile. No Col. Allan também vinha Lord Thomas Alexander Cochrane (1775-1860), décimo Conde de Dundonald, membro de antiga família da nobreza escocesa, de quem Maria

---

Segundo o Museu Victoria and Albert, o trabalho é atribuído a Maria Graham, porque se baseia em uma gravura que ilustrou seu Diário de uma residência no Chile durante o ano de 1822, e uma viagem do Chile ao Brasil em 1823 (Londres, 1824). O estilo da caligrafia no verso é semelhante ao de outro peepshow de papel da Coleção, também atribuído a ela.

[24] Tradução: "Eu nunca vou esquecer a sensação horrível naquela noite. Todas as outras convulsões da natureza nos dão a ideia de que podemos fazer algo para evitar ou mitigar o perigo, mas não há refúgio ou fuga de um tremor: a 'agitação louca' (Lord Byron, '*Darkness*') que agita todo coração, e isso se mostra em cada olhar, parece-me tão horrível quanto o último dia do julgamento pode ser".

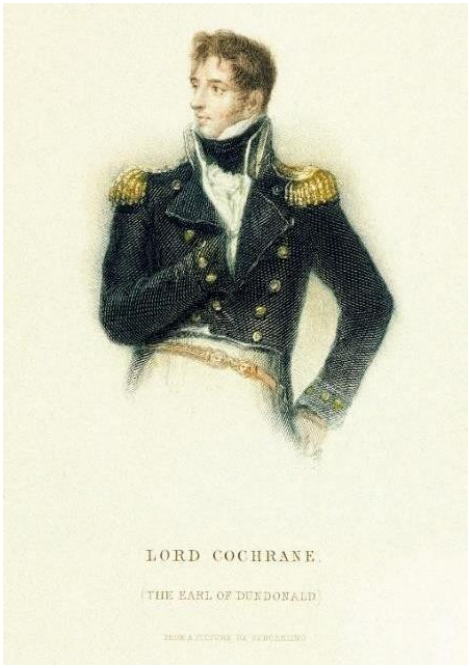
Graham ficou próxima durante sua estada no Chile. Maria já conhecia Lord Cochrane, pois Thomas Graham serviu brevemente sob seu comando como aspirante (HARVEY, 2000).

Maria Graham descreve Cochrane (Figura 10) como seu "verdadeiro amigo", indicando que havia amor, pelo menos da parte de Maria. Cochrane, por suavez, era bastante discreto quando se referia a Graham. Robert Harvey (2000), entretanto, argumenta que Maria era uma mulher brilhante e bonita de trinta e sete anos e que tinha um enorme apelo para Cochrane. Nela ele teria encontrado companhia feminina junto a intelecto e talento. Já para Maria ele era o herói naval alto e bem apessoado de quarenta e sete anos.

Robert Harvey (2000, p.277) encerra o assunto afirmando:

> “In spite of contemporary certainties, there is little direct evidence of any improper relationship with Cochrane; but it is clear that something powerful flared between them in Valparaíso that continued on the long journey to Rio, yet may have fizzled out in Brazil under the twin pressures of propriety and duty[25].”

Figura 10. Lord Cochrane (The Earl of Dundonald). P. E. Stroehling.



Fonte: National Maritime Museum, Greenwich, London.

[25] Tradução: “Apesar das certezas contemporâneas, há pouca evidência direta de qualquer relacionamento impróprio com Cochrane; mas é claro que algo poderoso se acendeu entre eles em Valparaíso, que continuou na longa jornada para o Rio, mas pode ter fracassado no Brasil sob as pressões do decoro e do dever”.

2.5. SEGUNDA VIAGEM AO BRASIL

Dom Pedro I[26] (1798 - 1834), agora Imperador do Brasil, desejava contratar e nomear Cochrane, então com 48 anos, o que fez a onze contos e quinhentos e vinte mil réis, mais cinco contos e setecentos e setenta mil réis por ano.

Cochrane tornou-se o 1º Almirante da Marinha do Brasil, instituição que estava em formação. Também foi titulado como Marquês do Maranhão[27] (Tavares, 2005, pp 186 e 187) pelo governo imperial[28].

No Brasil, recém independente, ainda havia muita agitação e antagonismo. Havia problemas na província Cisplatina, no Maranhão, no Pará e na Bahia. Mas na capital do Império, a situação era outra:

> "O Rio de Janeiro, porém, apresentava aspecto muito diferente. Os habitantesestavam decorando a cidade com arcos triunfais para a coroação de seu Imperador, o qual, a primeiro de dezembro, foi solenemente coroado na capela do palácio, que serve de catedral, e não há exagero em dizer que todo o sul do Brasil apresentava uma impressão de alegria. (GRAHAM. 1990, p.261)."

Em seu retorno ao Rio de Janeiro, Maria Graham sentiu-se doente e desamparada. Nas palavras dela:

> "Estou de novo sem ninguém a quem me arrimar, e sozinha no mundo, com aminha carga de melancolia. Eles [os companheiros de viagem] têm diante desi os negócios e o prazer." (GRAHAM. 1990, p.265)

Maria fica no Rio de Janeiro cuidando de um primo doente, o guarda-marinha Glennie, que também estivera no *Colonel Allan* e a apoiara no momento da morte do marido. Ela se estabelece em uma "casa de campo" localizada no outeiro da Glória, "perto da casa de *mister* May e não muito longe da casa que o governo deu a Lord Cochrane como residência provisória" (GRAHAM, 1990, p 266).

Desde a primeira vinda ao Brasil que Maria Graham já ouvira falar de José Bonifácio de Andrada e Silva. A admiração por José Bonifácio se deu, principalmente, por sua dedicação à ciência, adquirida em sua estada em diversos

---

[26] Além de Primeiro Imperador do Brasil, foi Rei de Portugal e Algarves como Pedro IV.

[27] A província do Maranhão aderiu à Independência em 1º de outubro de 1823. Em 25 de novembro de 1823, Cochrane recebeu de D. Pedro I o título de marquês.

[28] Depois de desavenças entre Cochrane e o governo brasileiro por conta do pagamento por seus serviços, Lord Cochrane deixou o Brasil e foi contratado para lutar pela Grécia no processo de independência deste país. Em seguida, retornou à Grã-Bretanha, onde dedicou seu tempo em pesquisas científicas para uso marítimo. Morreu aos 84 anos durante uma cirurgia de cálculo renal. Sua sepultura está na Abadia de Westminster, próxima ao altar e no centro da nave. Em seu túmulo está escrito em destaque que ele foi *Marquis of Maranham*. (HARVEY,Robert. 2000)

países da Europa. (GRAHAM, 1990, p. 229; GRAHAM, 2010, p 77)

Na segunda visita ao Brasil, em 1823, vinda do Chile, Maria Graham conversou com José Bonifácio, de quem se tornou amiga, e contou que pretendia pedir proteção à família real. José Bonifácio, então, aconselhou-a a marcar uma audiência com Dona Leopoldina[29] (1797 – 1826). Maria Graham escreveu uma carta à Imperatriz, apresentando-se. À 19 de maio Graham foi recebida por Dona Leopoldina no palácio de São Cristóvão, junto a outras inglesas, como Lady Chamberlain, mulher do cônsul-geral da Grã-Bretanha. Como no dia se sentiu mal, viu-se obrigada a tomar uma boa porção de ópio para conseguir ir ao encontro (GRAHAM, 1990, p 300).

Nesse período morou na Glória e, depois, em Botafogo. No dia 29 de agosto de 1823, Maria Graham recebeu a visita de Maria Quitéria (1792-1853) (Figura 6), que que se distinguiu no processo de Independência na guerra no Recôncavo baiano. Maria Quitéria estava no Rio de Janeiro para ser apresentada ao imperador, de quem receberia o posto de alferes e a Ordem do Cruzeiro. Graham a chamou em seu diário de Dona Maria [Quitéria] de Jesus (Figura 11).

Figura 11. Maria Quitéria. Desenho de Augustus Earle e colorido à mão por Edward Finden, 1830.

Fonte: GRAHAM, 1990, p 340.

[29] Carolina Josefa Leopoldina de Habsburgo, filha de Francisco I e Maria Teresa da Sicília, nasceu em Viena. Era sobrinha de Maria Antonieta, rainha da França e irmã de Maria Luísa que se casou com Napoleão Bonaparte.

Maria Graham mudou-se novamente. Desta vez, foi morar na Rua dos Pescadores nº 79 (atual rua Visconde de Inhaúma). Passou a consultar a Biblioteca Real e a reforçar os estudos em Botânica. Estava muito próxima da família Andrada, de José Bonifácio e de sua mulher, a irlandesa Narcisa O´Leary de Andrada (GRAHAM, 1990, p360). Por essa época acabou se comprometendo com a tarefa de tutora das Princesas Imperiais.

Em carta à Leopoldina, datada de 13 de outubro de 1823, Maria Grahamfala de sua vontade de se tornar a tutora das princesas e da necessidade de adquirir itens importantes ao novo desafio na Europa:

> "Caso o grande desejo do meu coração se realize, de ficar com as princesinhas, talvez seja vantajoso que eu vá a Europa escolher os livros e outras cousas essenciais para o desempenho da minha interessante missão, satisfazendo, assim, não só aos Augustos Pais de minhas discípulas, mas às esperanças desta nação, que olha para a Família Imperial como o Palácio do Estado, e que há de considerar como um encargo da maior responsabilidade a direção, em qualquer grau, da educação de seus filhos."

A Imperatriz, por sua vez, isolada na corte, escreve em 15 de outubro de1823 para Maria Graham confirmando o convite (GRAHAM, 1997). Em carta confirma o prazer de ter contratado Maria: "Acho que encontrei na senhora Graham uma boa educadora para as crianças" (LUSTOSA, 2006).

2.6. RETORNO A EUROPA E TERCEIRA VIAGEM AO BRASIL

A fim de se preparar adequadamente para o novo desafio e resolver algumas pendências pessoais, ela voltou à Inglaterra ainda em 1823. Antes da partida, Maria Graham percebe que a influência dos Andradas junto ao Imperador havia enfraquecido, fato que ela atribui a manobra de opositores e Domitila de Castro (GRAHAM, 2010, p 95). A futura tutora das Princesas Imperiais voltou à Europa:

> "[…] deixei o Brasil pela segunda vez, tendo prometido ao Imperador voltar no fim de uma ano para dirigir a educação das princesas, e recebido também várias encomendas da Imperatriz. Ambos manifestavam-me o desejo de quenão poupasse esforços nem despesas na obtenção dos livros e outras coisasque julgasse necessárias para os nossos futuros estudos. A família de José Bonifácio despediu-se delicadamente de mim e manifestou o desejo que eu encurtasse a minha estadia na Inglaterra para seis meses em vez de doze. Dos principais cavalheiros pertencentes ao Paço, Dom João de Souza, que se pensava ter mais influência do que qualquer outro português junto ao Imperador e à Imperatriz, insistiu comigo para que eu voltasse cedo, pois a falta de uma dama europeia nos aposentos da princesa tornava-se dia a dia, mais visível." (GRAHAM, 2010, p 96)

Na Inglaterra, Maria ficou hospedada com seus amigos, o conde e a condessa de Spencer, em Althorp (Figura 12), uma propriedade de campo em Northamptonshire. Em 1824, ela volta ao Brasil para assumir suas funções na corte brasileira. No retorno, reencontra Lord Cochrane novamente quando chega a Pernambuco.

Figura 12. South West View of Althorp - the residence of George John, earl Spencer, circa 1822. London: Printed by W. Nicol, Shakespeare Press.

Fonte: *Aedes Althorpianae*, Account of themansion, books, andpictures, at Althorp, the residence of George John, earl Spencer, K.G.

Nesse longo tempo, muitas mudanças ocorreram no Brasil. Maria comenta que, se soubesse do que estava acontecendo no Rio de Janeiro, não teria atravessado novamente o Atlântico. Sobre a situação que encontra no Rio de Janeiro, Maria comenta no Escorço Biográfico de Dom Pedro I:

> "[…] durante os doze meses de ausência, dois acontecimentos dos mais desastrosos para mim se haviam verificado: o primeiro - e maior - a expulsão dos Andradas, não somente do Ministério, mas do país; o segundo havia sido a morte de Dom João de Souza[30], meu melhor amigo no Palácio e a pessoa

[30] Dom João Carlos de Souza Coutinho, Viador de sua Majestade Imperatriz, faleceu no dia 22 de janeiro de 1824 de pneumonia na idade de 32 para 33 anos. Dom João de Souza era irmão do conde de Linhares (O Diário do Governo, 31 de janeiro de 1824).

> que é Imperatriz havia desejado que na minha volta eu me dirigisse." (GRAHAM, 2010, p101)

Ainda assim, Maria Graham tornou-se, em 1824, preceptora das quatro Princesas Imperiais. Ela dedicava especial atenção à Dona Maria da Glória[31] (1819-1853). Graham afirmou no Escorço Biográfico de Dom Pedro I (2010, p88) que nunca soube como surgiu a ideia de se tornar tutora das princesas. Ela conta que o primeiro a lhe perguntar sobre o assunto foi Sir Thomas Hardy[32], na presença da Viscondessa do Rio-Seco[33]. Os Andradas, naquele momento, em alto prestígio, também interferiram e os Imperadores se interessaram pela ideia e aguardaram um pedido formal de Graham para ocupar o cargo. A inglesa disse que ficou:

> "[…] arrebatada pela ideia de educar uma pessoa de cuja educação e qualidades pessoais a felicidade de todo o Império deveria depender. Imaginei que o Brasil poderia, sob um melhor governo, atingir o que nenhum país, salvo o meu jamais alcançara." (GRAHAM, 2010, p 89)

Feliz em ver que o Imperador atendeu a seu pedido ao mobiliar um quarto com estantes de livros, Maria Graham desarrumou sua bagagem, sob os olhos do Barbeiro do Imperador[34] e das damas do Guarda-Roupa. Segundo Maria Graham, eles, com a desculpa de oferecer-lhe auxílio, observavam e criticavam o que aparecia (GRAHAM, 2010, p107). Maria chegou no Paço de São Cristóvão (Figura 13) preparada para a tarefa de tutora:

> "O último caixote, que pude abrir diante deles, já que a volta da Imperatriz se aproximava – e eu confesso que eu escolhi maliciosamente – foi um pacote contendo um par de globos Cary, de dois pés, lindamente montados, e num canto do caixote, alguns instrumentos para fazer observações sobre o tempo e o clima, como o higrômetro de Leslie. cianômetro etc. Os gritos de maravilhoso! Maravilhoso! Só foram interrompidos pelo ruído dos cavalos do Imperador e eu não fiquei pouco satisfeita pela abertura de meus livros ter sido reservada para as horas sossegadas da noite ou da manhã cedo […]" (GRAHAM, 2010, p107).

Em sua tarefa, Maria Graham reprimia sua aluna, Dona Maria da Glória

---

Viador ou veador era o título honorífico, em Portugal e no Brasil, que se dava ao oficial-mor da casa real que servia junto à Rainha ou a Imperatriz, no paço ou fora dele. Tinha as funções de apoio e cooperação direta ao rei e sua família.

[31] Dona Maria da Glória foi rainha de Portugal em duas ocasiões: 1826-28 e 1834-53.

[32] Comandante da esquadra inglesa da América do Sul. (GRAHAM, 2010)

[33] Esposa de origem irlandesa do Visconde do Rio-Seco, figura de destaque na Corte. A viscondessa contribuiu para a entrada de Maria Graham no Paço e pela aproximação da Imperatriz Leopoldina. (GARCIA, Rodolfo. *In* GRAHAM, 2010, p.47)

[34] Plácido Pereira de Abreu (1780-1842) era o Barbeiro do Imperador. Tinha grande influência junto ao Imperador, vindo a ser tesoureiro da Casa Imperial. Ana Rita Pereira da Cunha (1808-1861), sua esposa, era filha do marquês de Inhambupe, ministro e senador do Império.

(Figura 14), princesa do Brasil e futura rainha de Portugal, por comportamentos, segundo ela, inadequados. Mas, também, o fazia com os que serviam e viviam no Paço de São Cristóvão, por comportamento e atitudes que não lhe agradavam (GRAHAM, 2010).

Figura 13. GRAHAM, Maria. Palácio de São Cristóvão. 25 de março de 1824.

Fonte: British Museum.

Figura 14. Alegoria ao juramento da Carta Constitucional, 1826.

Fonte: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.

Estes conflitos, associados a intrigas e a críticas com relação aos costumes ingleses e ao fato de uma inglesa estar a educar uma princesa do Brasil, culminaram com o pedido de dispensa feito por Graham. Nesse breve tempo em que esteve na corte, Maria Graham tornou-se próxima de Dona Leopoldina, que isolada, tinha-a como amiga. Mesmo com a saída de Graham, Dona Leopoldina manteve correspondência com ela.

Depois de se afastar da corte, Maria Graham saiu da rua dos Pescadores para morar no vale de Laranjeiras, onde se distraia catalogando, colecionando e pintando espécies nativas para levar à Europa.

Os relatos de viagem de Graham narram as experiências que ela teve durante os anos que esteve na América do Sul. Em seu *Diário de uma Viagem ao Brasil (1990)*, ela relata, na condição de testemunha ocular, fatos políticos que culminaram com a independência do Brasil. Também descreve os costumes das gentes e a natureza rica, contribuindo para o conhecimento estrangeiro sobre o Brasil. Seu *Escorço Biográfico de Dom Pedro I (2010)* é um tipo de biografia não autorizada de Dom Pedro, nos relatando fatos importantes que presenciou. Nesse livro ela também registra seus passeios e suas impressões da natureza tropical ao seu redor.

A iconografia produzida durante a viagem ao Chile, junto com registros iconográficos feitos no Brasil, está sob a tutela do *British Museum* (Souza, 2017). O álbum foi doado ao *British Museum* por seu segundo marido, Augustus Wall Callcott (1779 - 1844), após o falecimento de Maria Graham. Trata-se de um álbum com imagens usadas nas ilustrações do livro *Diário de uma Viagem ao Brasil*.

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro está uma ilustração botânica, cartas e o manuscrito do *Escorço Biográfico de Dom Pedro I*. Já no Museu de Arte de São Paulo (MASP), está uma pintura produzida por Graham, em 1825: “Vista da Baía de Guanabara”.

Maria Graham figura entre os que contribuíram com Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 - 1868) para a *Flora Brasiliensis* (1829), como coletora, com a lista de seus trabalhos botânicos e herborizações relativos ao período de 1821 a 1823. Maria Graham também colaborou com o naturalista russo Georg von Langsdorff (1774-1852) (SOUZA, 2017). O volume I da *Flora Brasiliensis* traz a biografia de coletores de espécimes usados nos estudos taxonômicos, entre eles duas mulheres

receberam destaque: Therese von Bayern[35] (1850-1925) e Maria Graham (PEIXOTO; FILGUEIRAS, 2008, p. 993).

Na sua última estada no Brasil, entre 1824 e 1825, no episódio em que foi tutora das Princesas Imperiais, Maria Graham realizou ilustrações botânicas, anotações sobre a flora brasileira e trocou correspondência com o naturalista William Jackson Hooker (1785-1865), professor de botânica da Universidade de Glasgow, posteriormente diretor do *Kew Royal Botanic Gardens* de Londres (SOUZA, 2017). Os trabalhos que chegaram a William Hooker foram muito elogiados por ele pela habilidade artística e o conhecimento de botânica das ilustrações (MARTINS, 2001).

Descrita como "*a perfect phenomenon in the history of woman*" (PALMER, 2019), Maria Graham foi chamada de 'intrépida' e 'destemida'. A adjetivação fica justificada quando lemos, em uma passagem do *Diário de uma Viagem ao Brasil*, sobre o desejo dela de visitar Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Ela estava disposta a ir sozinha em tal empreitada, o que seria incomum naqueles tempos. Maria acabou fazendo a vista na companhia de um cavalheiro, Mr Dampier, por sugestão de uma casal amigo. Mas a intenção mostra o destemor da inglesa:

> 20 de agosto [de 1823]. Há muito que desejava ver um pouco mais dos arredores do Rio, do que o fizera até aqui, e resolvi cavalgar ao menos até Santa Cruz, cerca de quatorze léguas da cidade. Como a estrada é muito trafegada para se temerem acidentes extraordinários, e eu não sou tímida quanto aos embaraços habituais, resolvi contratar um empregado negro e ir sozinha.
>
> (GRAHAM. 1990, p.328)

2.7. VOLTA PARA A INGLATERRA

Após o pouco tempo como tutora das princesas, Maria Graham teve dificuldades em viajar de volta para a Europa. Durante os primeiros meses depois de deixar o Paço, ela passou por dificuldades financeiras,

> […] tendo vendido que não era absolutamente necessário, como colheres, garfos, bules de chá etc. Vivia com bastante economia com o dinheiro que a venda produzira." (Graham, 2010)

Maria Graham permaneceu no Brasil até 1825, quando conseguiu retornar à Inglaterra. Ela foi residir em Kensington Gravel Pits, ao sul de Notting Hill Gate, um reduto de artistas. Tendo se tornado um local de encontro de intelectuais de Londres,

[35] Therese Charlotte Marianne Auguste von Bayern, princesa da Baviera, nasceu em Munique. Era erudita, falava diversos idiomas e era estudiosa de etnologia, zoologia e botânica.

a casa de Maria era frequentada pelo poeta escocês Thomas Campbell, o editor dos livros de Maria, John Murray, e o historiador Francis Palgrave.

Maria Graham e o pintor de paisagens Sir Augustus Wall Callcott (1779-1844) se conheceram e se casaram em poucos meses, em 20 de fevereiro de 1827. Maria é conhecida entre os britânicos como Maria Callcott, sobrenome que adotou de seu segundo marido.

Augustus Wall Callcott, em 1837, foi nomeado cavaleiro pela rainha Vitória e, posteriormente, recebeu o cargo de Guardião da Coleção Real. Augustus Callcott pintou um retrato de sua esposa com o seu característico turbante (Figura 15).

Figura 15. Maria Callcott, retratada por August Callcott, seu segundo marido. Circa 1830.

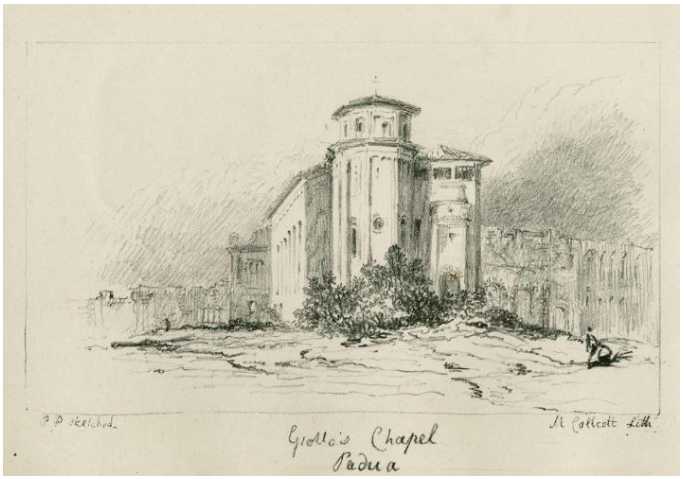
Fonte: Government Art Collection, United Kingdom.

Em 1831, Maria Graham “rompeu um vaso sanguíneo” e ficou acamada, sem mais poder viajar. De fato, sua invalidez se deveu ao agravamento de sintomas de tuberculose. Nesse período, ela manteve um diário que sobreviveu em manuscrito.

Com o título nobiliárquico de Lady Callcott, Maria publicou *Description of the*

Chapel of the Annuziata dell' Arena; or Giotto's Chapel, in Padua (1835) (Figura 16) e *Essaystowards a History of Painting* (1836).

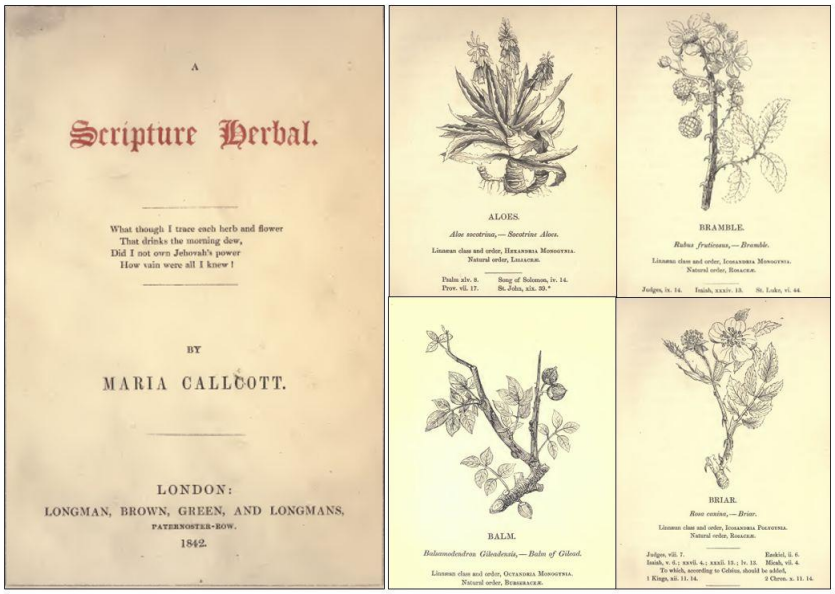
Figura 16. Giotto's Chapel, Padua. Litografia de Lady Maria Callcott, 1834.



Fonte: Coleção do Royal Academy of Arts, London.

Maria Graham aplicou seu conhecimento de História e de Ciência em obras para crianças, como a popular, *Little Arthur's History of England*[36] (1835), *The Little Bracken-Burners* (1841) e *The Scriptural Herbal*[37] (1842) (Figura 17).

Figura 17. GRAHAM, Maria. The Scriptural Herbal.



Fonte: https://mujeresconciencia.com/2016/07/27/maria-callcott-y-los-terremotos-de-chile-de-1822/ Acesso em 5 de julho de 2021.

[36] Callcott, Maria, Lady, *Little Arthur's history of England*. London: John Murray, 1835.

[37] A *Scripture Herbal* é um dicionário dos vegetais citados na Bíblia. Nele, além de contar as histórias relativas acada planta, a autora apresenta a taxonomia e a nomenclatura científica delas.

Little Arthur's History of England foi um sucesso: foram setenta edições e vendeu um milhão de cópias em cem anos. O terceiro filho de Cochrane, Arthur, tinha onze anos quando Maria acabou de escrever Little Arthur. Ela deixou claro que o menino do título existia na realidade, preparando uma primeira edição para ele (HARVEY, 2000).

No final do livro *Little Arthur's History of England*, Maria Graham escreve aos seus pequenos leitores sobre o reinado de George III, em cujo governo, segundo a autora,

> "New countries were visited, new plants a new animals were brought to England. All the sciences recieved great encouragement. The arts that are needful in common life were improved. Steam engines were first made useful. The beautiful light given by gas was found out, and all short of machines to assist men in the labour were invented. Those arts called the fine arts, I mean such as sculpture, painting, and music, were encouraged by Gorge the Third. But what is of more consequence, the science of medicine and the art of surgery were so improved in his time, that the sufferings of mankind from pain sickness are much lessened[38]." (CALLCOTT, 1852, p 250)

Essa passagem, mais que a caracterização de uma época, parece uma declaração dos representantes da Era Vitoriana, onde Ciência e Arte não estavam apenas transformando a estrutura da sociedade inglesa, mas redefinindo conceitos e valores nos quais interesses e paixões que povoaram a vida de Maria Graham, uma mulher do período romântico, que assiste ao início a cultura, como um todo, estava baseada (PARADIS & POSTLEWAIT, 1981, p.IX). Como bem sintetiza MARCELO FETZ (2011, p.44),

> "[…] a ciência dos séculos XVIII e XIX, particularmente, associou-se com outras práticas sociais, caracterizando-se por agrupar em um mesmo objetivo distintas funções sociais. A ciência, por exemplo, uniu-se à literatura, à arte e à estética em geral. Como se fosse uma atividade capaz de sintetizar e de coordenar todas as demais atividades do espírito humano, a ciência, na sua face mais complexa, demonstrou-se um importante instrumento para que Estados nacionais pudessem legitimar as suas atividades através de um discurso objetivo e universal, exterior ao próprio homem, mesmo sendo o homem o seu portador."

Nos últimos anos de vida, Maria, acamada por conta da tuberculose, ditou as lembranças da infância e juventude, até os 21 anos, à amiga Caroline Fox. Sua

[38] Tradução: Novos países foram visitados, novas plantas e novos animais foram trazidos para a Inglaterra. Todas as ciências receberam grande incentivo. As artes que são necessárias na vida comum foram aprimoradas. Os motores a vapor foram tornados úteis pela primeira vez. Descobriu-se a bela luz dada pelo gás, e inventaram-se todo tipo de máquina para auxiliar os homens no trabalho. As chamadas belas artes, como escultura, pintura e música, foram incentivadas por George III. Mas o que é mais importante, a ciência da medicina e a arte da cirurgia foram tão aperfeiçoadas em seu tempo, que os sofrimentos da humanidade pelas doenças são muito menores.

autobiografia, intitulada “Reminiscências”, foi ditada à sua amiga no período de 1836 a 1842. Nessa época, Maria Graham residia na região de Kensington, em Londres. A tuberculose acabou levando-a em 21 de outubro de 1842 e seu enterro foi no cemitério Kensal Green.

Sua autobiografia[39] (Figura 18) foi publicada após sua morte, organizada por Rosamund Brunel Gotch, sobrinha-neta do segundo marido de Maria Graham.

Figura 18. Autobiografia de Maria Graham organizada por Rosamund Gotch.

Fonte: The British Library

Maria, na autobiografia, avalia e reflete sua trajetória. Acentua a importância da educação para a formação do indivíduo, como aconteceu com ela. Maria de Fátima Hanaque Campos (2009) exemplifica o valor que Maria dava à educação e à leitura na passagem retirada por ela de “Reminiscências”:

> ”I am sure that if I had a girl to educate I should turn her and her books loose together in the same way, for I am very grateful to those who, in my own instance, persued this plan. It gave me a habit of using whatever opportunity of improvement fell in my way, and as the books were not my own, I was obliged to think patiently about what I read, lest is should escape me beyond recovery.[40]”

[39] GOTCH, Rosamund Brunel. **Maria, Lady Calcott. The Creator of Little Arthur**. London: John Murray, 1937.

[40] GOTCH, , *op. cit.*, p 44. Na tradução de Maria de Fátima Hanaque Campos (2009): “Tenho a certeza de que se tivesse uma menina ao meu cuidado para educar, levá-los-ia (ela e os livros) a

Em suas memórias, descreve também seu contato com a natureza , masdeixa a entender que a obra que produziu ao descrevê-la não tinha cunho literário (Maria de Fátima Hanaque Campos, 2009).

A obra que Maria Graham produziu é variada. Seus livros de viagens estão listados na quadro 3.

Quadro 3 – Livros de viagens escritos por Maria Graham.

Título	**Ano da Primeira Edição**	**Desenhista**	**Gravador**
Journal of a Residence in India	1813	Maria Graham	James Sargant Storer
Letters on India	1814	Maria Graham	J. D. Glennie
Three Months Passed in the Mountains East of Rome, during the Year 1819	1820	Charles Eastlake	L. Clark
Journal of a Residence in Chile, During the Year 1822; and a Voyage from Chile to Brazil in 1823	1824	Maria Graham e Augustus Earle (1 desenho)	Edward Finden
Journal of a Voyage to Brazil, and Residence There, During Part of the Years 1821, 1822, 1823	1824	Maria Graham e Augustus Earle (3 desenhos)	Edward Finden
Voyage of H. M. S. Blonde to the Sandwich Islands, in the Years 1824-1825	182	Robert Dampier	Edward Finden

Fontes: COLBERT, Benjamin. Women's Travel Writing, 1780-1840: A Bio-Bibliographical Database e SOUZA, Maria de Fátima (2020, p.78).

As pesquisas sobre Maria Graham se concentraram na análise e

perderem-se mutuamente de uma mesma forma, pois eu estou muito agradecida àqueles que, comigo fizeram o mesmo (ou que na minha própria instância, perseguiram o mesmo caminho). Pois isso habituei-me a aproveitar todas as oportunidade que me apareceram, vistos os livros não serem meus (eu própria não possuía livros). Pelo que, tive de refletir pacientemente nos livros que tinha a oportunidade de ler, caso contrário escapar-me-ia sem possibilidade de os assimilar."

interpretação de seus relatos de viagem, sendo os dois últimos anos de sua estada no Brasil menos trabalhados, fase em que Maria Graham mais se dedica em registrar a natureza brasileira, desenhando e coletando espécimes e registrando a paisagem do Rio de Janeiro (ZUBARAN, 2005). Esses últimos anos no Brasil, segundo Luciana Martins (2001) e Maria Angélica Zubaran (2005), seria o período da maior produção imagética de Maria Graham.

Percebe-se em Maria Graham um grande prazer na contemplação da diversidade, da complexidade e no entrelaçamento das formas presentes da natureza, o que pode sugerir uma íntima conexão entre o imaginário poético produtivo alinhado à ciência (GRUBER, 1979). Graham também é uma artista cuidadosa ao representar o mundo natural, apontando a influência dos textos de Alexandre von Humboldt (1769-1859), cuja obra ela conhecia. Segundo Souza (2018), “as imagens produzidas pelas mulheres viajantes europeias que estiveram na América Latina no século XIX formam uma documentação que necessita de maiores investigações”.

Como lembra Ana Maria de Moraes Belluzzo, (1994, ovol.3, p.19), Maria Graham, como muitos outros artistas amadores, foram treinados nas sucessivas viagens que fizeram, mas ainda assim desacostumado ao novo ambiente, por tanto, predisposto a um olhar diferente que a do habitante local, ainda que repleto de expectativas e influenciado pela visão de mundo de cada um. Maria é uma mulher do século XIX em um momento de revalorização romântica, em que vida e obra são inseparáveis (BELLUZZO, 1994, vol. 3, p.20). Por sua vez, seus cadernos de viagem e os estudos de botânica estavam em concordância com a representação da documentação científica da época (SOUZA, 2020, p.28). A obra de Maria Graham localiza-se entre as áreas do conhecimento da Estética e da Ciência, é rica, e deve ser investigada a partir de diferentes pontos de vista, incluindo, é claro, o dos ecossistemas e da biodiversidade, temas até agora pouco ou nada abordados e que esta dissertação pretende discutir.

3. A NATUREZA DOS TRÓPICOS

3.1. A BAÍA DA GUANABARA E SEU ENTORNO

> "Rio de Janeiro, sábado, 15 de dezembro de 1821. Nada do que vi até agora é comparável em beleza à baía. Nápoles, o Firth of Forth, o porto de Bombaime Trincomalee, cada um dos quais julgava perfeito em seu gênero de beleza,todos lhe devem render preito porque esta baía excede cada uma das outrasem seus vários aspectos." (GRAHAM, 1990, p194)

É bem conhecido o trecho do Diário de uma Viagem ao Brasil, onde Maria Graham descreve com admiração a primeira vez que observa *in loco* a baía da Guanabara. Ela registra a combinação ímpar de natureza e construções urbanas, onde a primeira se destaca. A primazia da natureza, recorrente entre os viajantes de diferentes períodos quando se referem ao Rio de Janeiro, pode ser atribuída à grande diversidade geomorfológica, climática e biológica do sítio onde a cidade se estabeleceu.

Os fatores físicos como clima, geologia e solo das diferentes regiões interagem e influenciam o estabelecimento de diferentes ecossistemas[41] e biomas[42]. A construção da paisagem do Rio de Janeiro está relacionada à forte influência dos movimentos de regressão e transgressão marinha que ocorreram em três etapas no Holoceno[43]: há 5.100 anos; entre 3.900 a 3.600 AP[44]; e entre 2.700 a 2.500 AP.

No início do Holoceno, a temperatura estava em à ascensão. Duas grandes transformações que ocorreram neste período, foram: o fim dos vestígios de glaciações e o desvio para leste da corrente de Falklands, com a expansão da corrente do Brasil, vinda do equador terrestre e que passa a banhar a maior parte do

---

[41] Os ecossistemas são resultados da interação entre fatores físicos ou abióticos, como solo e disponibilidade hídrica, e fatores vivos ou bióticos, como as espécies de angiospermas.

[42] Etimologicamente, o termo bioma (do grego *bios* = vida e *oma* = massa) significa uma massa de seres vivos. Bioma é o espaço geográfico natural que apresenta uniformidade de macro clima, de fitofisionomia (formação vegetal), fauna e outros organismos característicos, além de condições abióticas específicas, o que lhe confere uma ecologia própria. (COUTINHO, L. O Conceito de Bioma. Acta bot. bras. 20(1): 13-23. 2006). Bioma é um macroambiente natural. Um bioma é um ecossistema, mas nem todo ecossistema é um bioma (COUTINHO, , 2017).
Segundo o Ministério do Meio Ambiente do Brasil, o bioma Mata Atlântica é composto por formações florestais nativas e ecossistemas associados (manguezais, vegetações de restingas, campos de altitude, brejos interioranos e enclaves florestais do Nordeste).

[43] Holoceno é a época geológica mais recente que faz parte do Período Neogeno da Era Cenozoica do Éon Fanerozoico e se estende de 11.500 anos até hoje. O Holoceno e o Pleistoceno compõem o Período do Quaternário, tido atualmente como unidade informal de tempo geológico (veja Gradstein,F.M.; Ogg,J.G.; Smith,A.G.; Bleeker,W.; Lourens,L.J. 2004. A new Geologic Time Scale, with special reference to Precambrian and Neogene. **Episodes**, 27(2): 83-100).

[44] Antes do presente.

litoral brasileiro. Estas duas transformações foram importantes para a tropicalização do território brasileiro (SEDA, 2003).

As restingas formam-se entre 12.000 e 7.000 anos A.P. Entre 6.500 e 4.000 anos A P, a temperatura, mais elevada, favorece a expansão das florestas. Por este período há o processo de estabelecimento dos manguezais, sobre o qual Aziz Ab'Saber (1989, p.21) escreve:

> "Logo apareceram e se expandiram planícies-de-marés capazes de redistribuir os produtos mais finos da decomposição das rochas, criando pântanos salinos, em um ambiente de baixadas quentes e úmidas, onde vieram se estender grandes manguezais."

Os eventos citados foram determinantes para o surgimento dos manguezais e restingas, dois ecossistemas que fazem parte do bioma Mata Atlântica e que estão presentes na paisagem carioca (SCARANO, F. *in* MEDEIROS, R e BESSERMAN VIANNA, 2018).

Eventos climáticos e ambientais junto às alterações no nível do mar alteraram o traçado da orla da baía de Guanabara até a forma encontrada pelos primeiros portugueses em 1502. Os ecossistemas associados a região, como as restingas, manguezais e a mata, também sofreram modificações. Desde o século XVI, a história da baía pode ser acompanhada através de mapas, textos e pinturas produzidos pelos colonizadores e viajantes, permitindo a compreensão sua trajetória, como os estágios de sucessão ecológica em que se encontravam ao longo dos últimos cinco séculos. Esses registros, onde pode ser incluída a obra de Maria Graham, nos ajudam a identificar o grande impacto que a chegada do europeu trouxe sobre a biodiversidade do sítio onde se instalou a urbe carioca (AMADOR, 1997). Por sua vez, o entendimento da evolução dos ecossistemas auxilia na compreensão da dinâmica atual dos ambientes, o que pode ajudar a solucionar problemas, como os relacionados aos processos de erosão e sedimentação e alterações climáticas, tenham ou não eles influência antrópica.

3.1.1. Mata Atlântica, Manguezais e Restingas

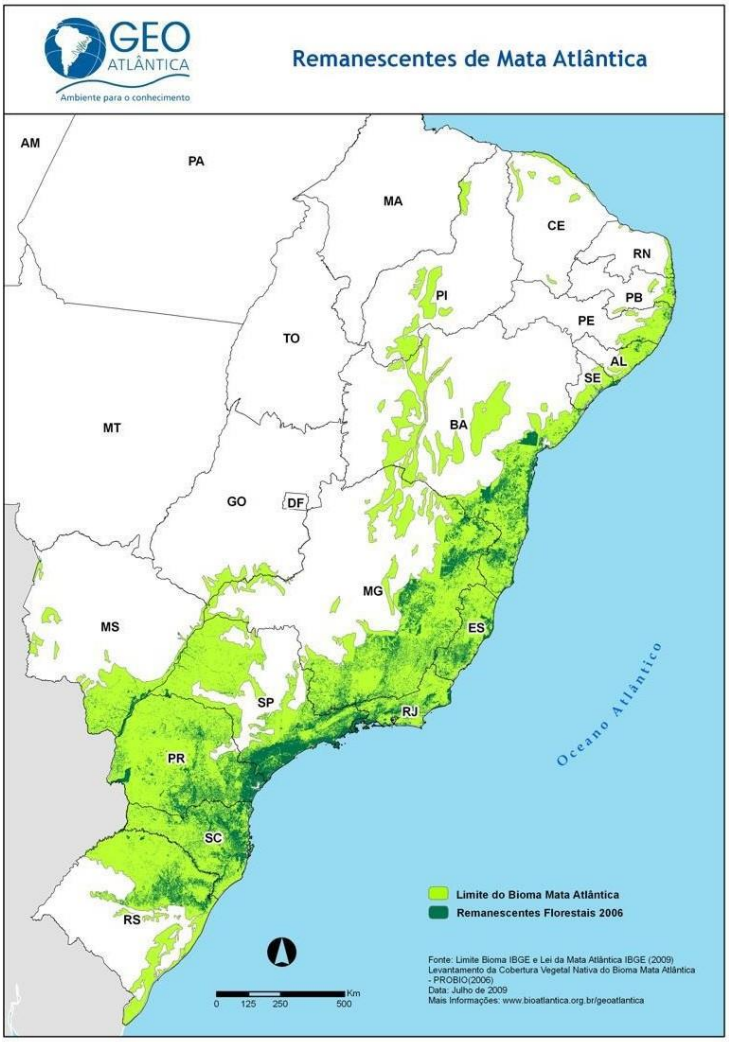
A diversidade no de clima e relevo do Domínio[45] tropical atlântico,

[45] Domínio é um espaço geográfico natural, mas onde predomina um determinado bioma, o que significa quenesse mesmo espaço outros biomas podem estar presentes.

“simbolicamente reconhecido como domínio dos mares de morros florestados” (AB' SABER, 1977, p.7) favorece a grande diversidade ecossistemas a ele associados, entre eles, a Mata Atlântica, os mangues e as restingas. Situada ao longo da costa leste do Brasil, o bioma Mata Atlântica sofre a forte influência dos ventos carregados de umidade que vêm do oceano (ZIPPARRO *et al.*, 2005).

O bioma, hoje fragmentado e muito reduzido (Figura 19), ocupava o litoral do Rio Grande do Norte até parte do Rio Grande do Sul, no caminho passando pela serras do Mar e Mantiqueira, onde a pluviosidade é bastante alta. Em vista de sua diversidade, o bioma apresenta diversas formações que compõem o complexo vegetacional da MataAtlântica (ASSIS *et al.*, 1994. p.9).

Figura19: Mata Atlântica e remanescentes.

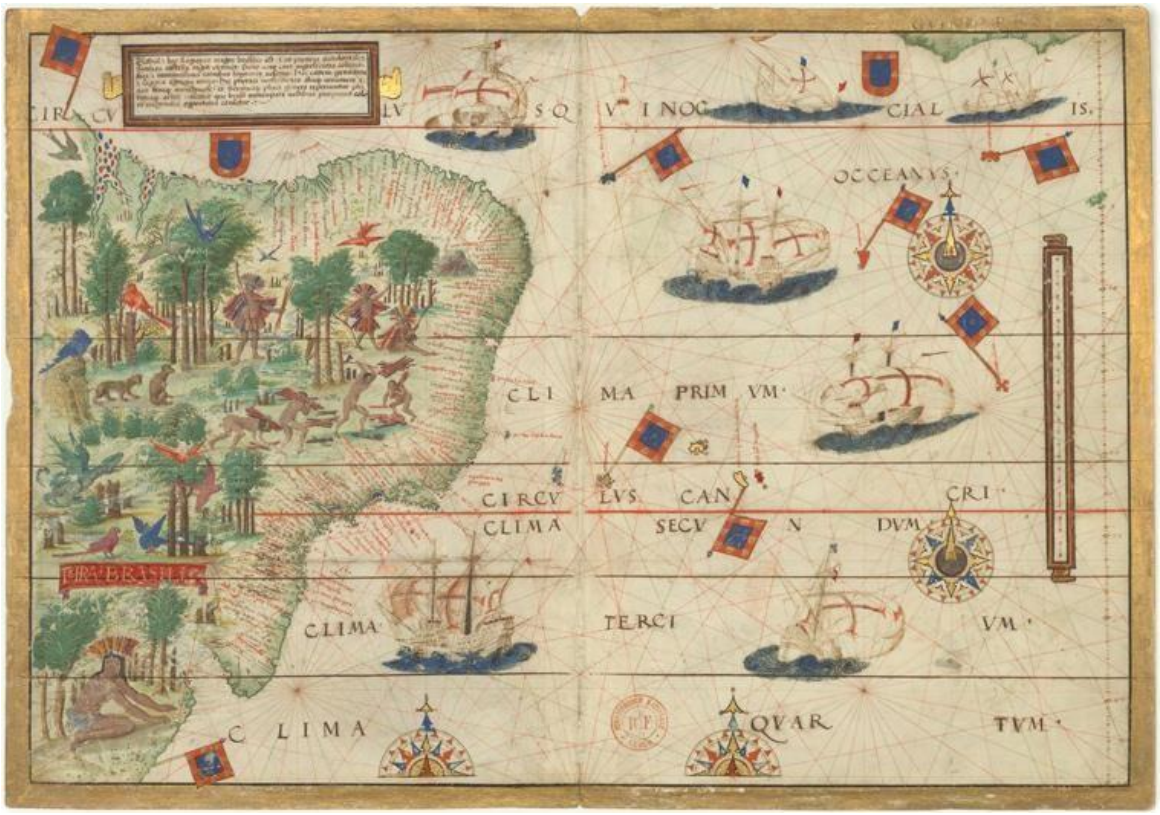


Fonte: Bioatlantica, 2009.

Por conta das atividades extrativas, agropastoril, industrial e urbana, a Mata Atlântica sofreu acelerado processo de devastação, tendo sido drasticamente

alterada e quase dizimada ao longo dos séculos após o descobrimento. Um emblema deste processo é o pau-brasil, de tão frequente, passou a raríssimo (Figura 20). Da Mata, resta hoje menos de 8% da cobertura original (DEAN, 2000; CRITICAL ECOSYSTEM PARTNERSHIP FUND, 2001, p.7, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2015; ZIPPARRO *et al.*, 2005). Seus remanescentes estão sujeitos à ação antrópica constante, por conta da proximidade com grandes centros urbanos brasileiros ou estão envolvidos por vastas plantações de café, cana-de-açúcar e eucalipto.

Figura 20. Lopo Homem. *Terra Brasilis*, 1519. Este mapa que faz parte do chamado “Atlas Miller”, mostra a costa do Brasil e parte do Atlântico central.



Fonte: http://www.mapas-historicos.com/atlas- miller.htm. Acesso em outubro de 2021.

Segundo Warren Dean (2000, p.31):

> É difícil dizer se é correto referir-se à Mata Atlântica no tempo presente. Certa extensão de cobertura vegetal ainda existe na região e, embora a maior parte seja identificável como secundária, algumas pequenas faixas podem jamais ter sido derrubadas ou queimadas pelo homem. A maioria delas, contudo, talvez todas, sofreu algum tipo de intervenção - derrubada seletiva, extrativismo ou poluição do ar.

Warren Dean continua seu texto falando da impossibilidade de restaurar as condições originais da Mata Atlântica, o que vai ao encontro do que defende Antonio

Carlos Diegues (2001), quando este escreve sobre o mito da natureza intocada. Rogério Ribeiro de Oliveira (2002, p.33) lembra que, do ponto de vista histórico, o legado ambiental que recebemos no presente "é produto das relações depopulações passadas com o meio". Assim, em termos de paisagem, o que temos hojepor "natural" pode se tratar, na verdade, de um sistema manejado durante séculos. Dean (2000, p.31) completa defendendo a ideia de que talvez só seja possível representar a Mata Atlântica pela analogia com a Floresta Amazônica ou pela reconstrução com base em extrapolações das faixas remanescentes ainda encontradas. Pode-se, aqui, acrescentar a contribuição da obra dos viajantes, como a de Maria Graham, nesse intento.

A Mata Atlântica é considerada Patrimônio Nacional pela Constituição Federal de 1988 (art. 225 §4º). Este bioma é classificado como um *hotspot*[46], por ser megadiverso[47] e ameaçado pela pressão antrópica. A Mata Atlântica desempenha importantes serviços ambientais. Alguns deles, listados pelo Ministério do Meio Ambiente são: regular o fluxo dos mananciais hídricos que abastecem as cidades e metrópoles brasileiras, garantir a fertilidade do solo, participar do controle do clima e proteger as escarpas e encostas das serras, produzir alimentos e remédios.

Ocupando 0,8% da superfície terrestre do planeta, a Mata Atlântica abriga por volta de 5% das espécies de vertebrados e 5% da flora mundial (SCARANO, F. in MEDEIROS, R e BESSERMAN VIANNA, 2018). A Mata Atlântica tem o recorde de espécies de angiospermas por hectare. Das cerca de vinte mil espécies vegetais encontradas no bioma, oito mil delas endêmicas, além das quantidades de espécies e endemismo de outros grupos botânicos (VARJABEDIAN, 2010) .

Em relação à fauna de vertebrados, são encontradas na Mata Atlântica cerca de 1.023 de aves (188 endêmicas), 350 espécies de peixes (133 endêmicas), 340 de anfíbios (87 endêmicos), 250 espécies de mamíferos (55 deles endêmicos), 197 de répteis (60 endêmicos) (VARJABEDIAN, 2010; MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2015).

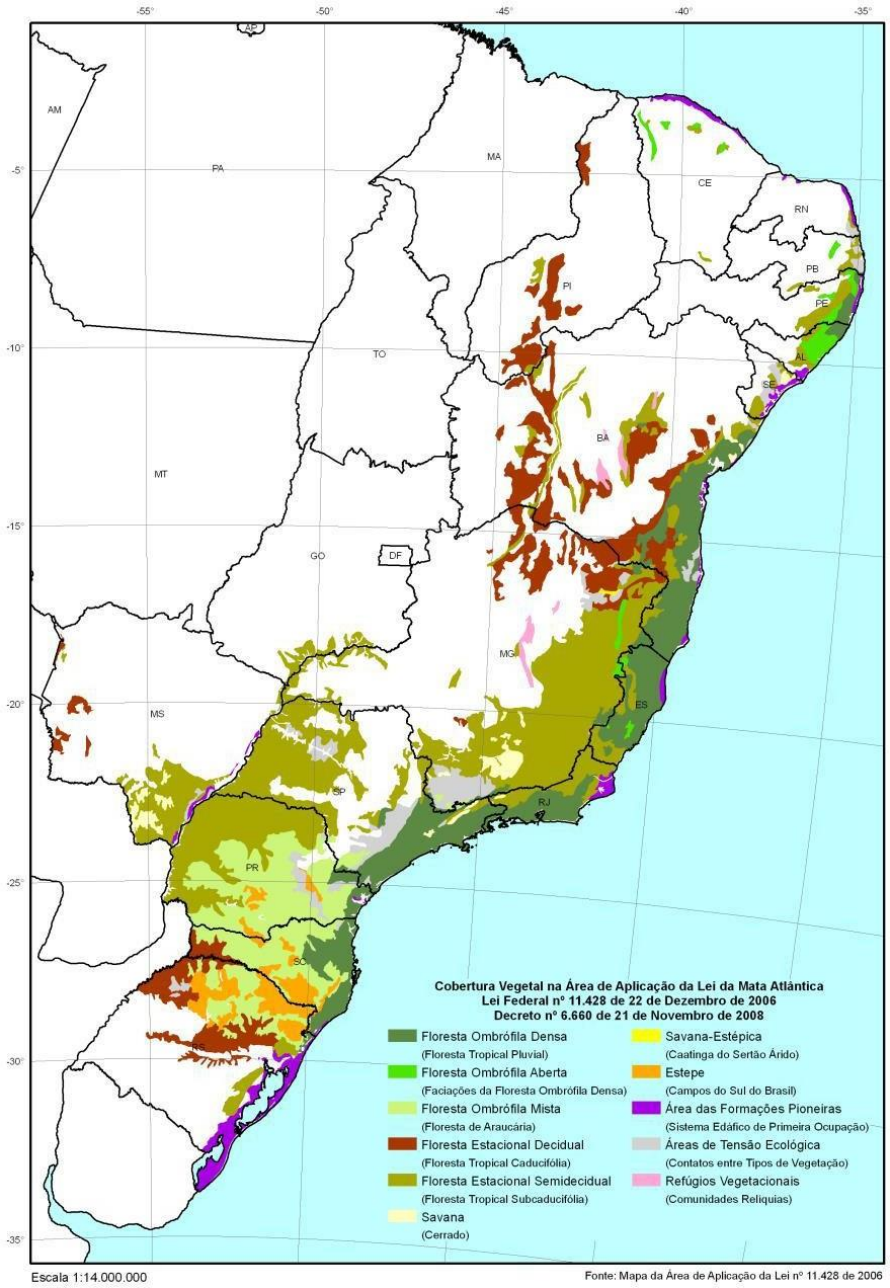
O Ministério do Meio Ambiente (2015) considera formações florestais e

[46] O ecólogo inglês Norman Myers criou, em 1988, o conceito de *hotspots* ecológicos, áreas ricas em biodiversidade e sob pressão antrópica. MITTERMEIER *et alii* (1992) e incluiu neste grupo a Mata Atlântica.

[47] Segundo MITTERMEIR *et al.*. (O país da megadiversidade. Ciência Hoje, 14(81): 20-27. 1992.), o Brasil é chamado o país da megadiversidade, especialmente por causa da biodiversidade de ecossistemas como a Mata Atlântica e o sudeste da Amazônia.

ecossistemas associados que compõem a Mata Atlântica (Figura 21): Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Mista, Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Estacional Decidual, Savana, Savana Estépica, Estepe, Formações Pioneiras (manguezais, restingas, campos salinos e áreas aluviais), Áreas de Tensão Ecológica e Refúgios Vegetacionais.

Figura 21. Mata Atlântica da Lei Federal 11.428/2006e Decreto 6.660/2008.



Fonte: Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, 2017-2018, SOS Mata Atlântica e INPE.

A floresta ombrófila densa, também conhecida como floresta tropical pluvial,

é uma formação florestal que integra a Mata Atlântica. A vegetação é perenifólia[48], com presença de samambaias, bromélias e palmeiras, como jerivá e palmito (*Euterpe edulis*), trepadeiras e epífitas (bromélias e orquídeas). Podemos observar na Figura 22 a presença floresta ombrófila densa no Estado do Rio de Janeiro.

Figura 22. Cobertura Vegetal. Detalhe do Estado do Rio de Janeiro

Fonte: Imagem nossa, fragmento do mapa do IBGE: Base cartográfica elaborada pela Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais da Diretoria de Geociências, 2004.

Em relação às áreas das formações pioneiras[49], se destacam os manguezais. Ambientes com salinidade variável, eles são ecossistemas que se estabelecem na faixa entre marés das costas tropicais baixas, ao longo de estuários, deltas, águas salobras interiores, lagoas e lagunas. Os manguezais são ecossistemas impares, como descreve Marta Vannucci (1999, p.33),

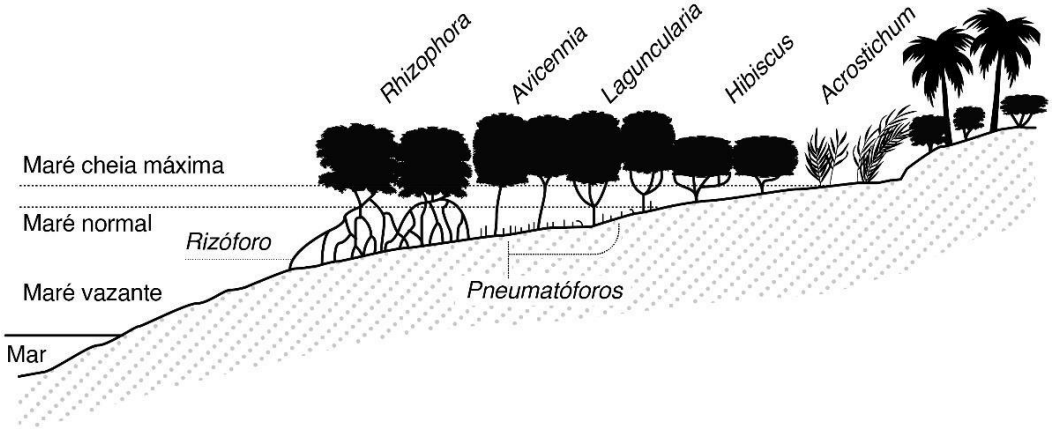
> "Não há, como nas outras florestas, chão sobre o qual andar. Durante a maré cheia, a floresta está inundada e, quando a maré recua, deixa atrás de si um emaranhado caótico de raízes detodo tipo, que alcançam até dois ou três metros de altura (...) e emergem do lodo, onde é possível afundar-se até o joelhos, se houver espaço suficiente para apoiar os pés."

Nos manguezais, as adaptações fisiológicas dos vegetais, os permitem viver

[48] Vegetação de folhagem persistente.
[49] As formações pioneiras correspondem ao estágio sucessional inicial. Caracterizam-se por vegetação com espécies pioneiras, como por exemplo as gramíneas.

em ambientes saturados de água e com alta salinidade. Algumas espécies são muito características deste ambiente, como o mangue vermelho (*Rhizophora mangle*), com suas raízes-escoras, o mangue branco (*Laguncularia racemosa*) e o mangue seriúba (*Avicennia schaueriana*), com os pneumatóforos (Figura 23).

Figura 23. Perfil de um manguezal com a distribuição de alguns gêneros vegetais típicos deste ecossistema.



Fonte: Imagem nossa, inspirada em AMADOR, 1997, p.155.

Outro ecossistema das áreas de formações pioneiras que chamam a atenção são as restingas. A palavra ‘restinga’ tem sido utilizada em muitos sentidos, nos diversos campos de geologia, botânica, ecologia. Nesse trabalho, ela é usada no sentido amplo, indicando o ecossistema adjacente ao oceano ou correndo por planícies arenosas.

No estado do Rio de Janeiro, algumas famílias vegetais são frequentes nas restingas, como Myrtaceae, Clusia, Ericaceae, Bromeliaceae e Orchidaceae e Gutiferae. As restingas do Rio de Janeiro podiam ser encontradas em Copacabana, Leblon, Ipanema e no núcleo central da cidade, como na atual praça Mauá.

Este ecossistema é muito atraente para a fauna, não só pela diversidade de vegetais, mas por produzir flores e frutos ao longo de todo o ano, grande interesse de insetos e aves (MACIEL in LACERDA *et al*., 1984, p.286)

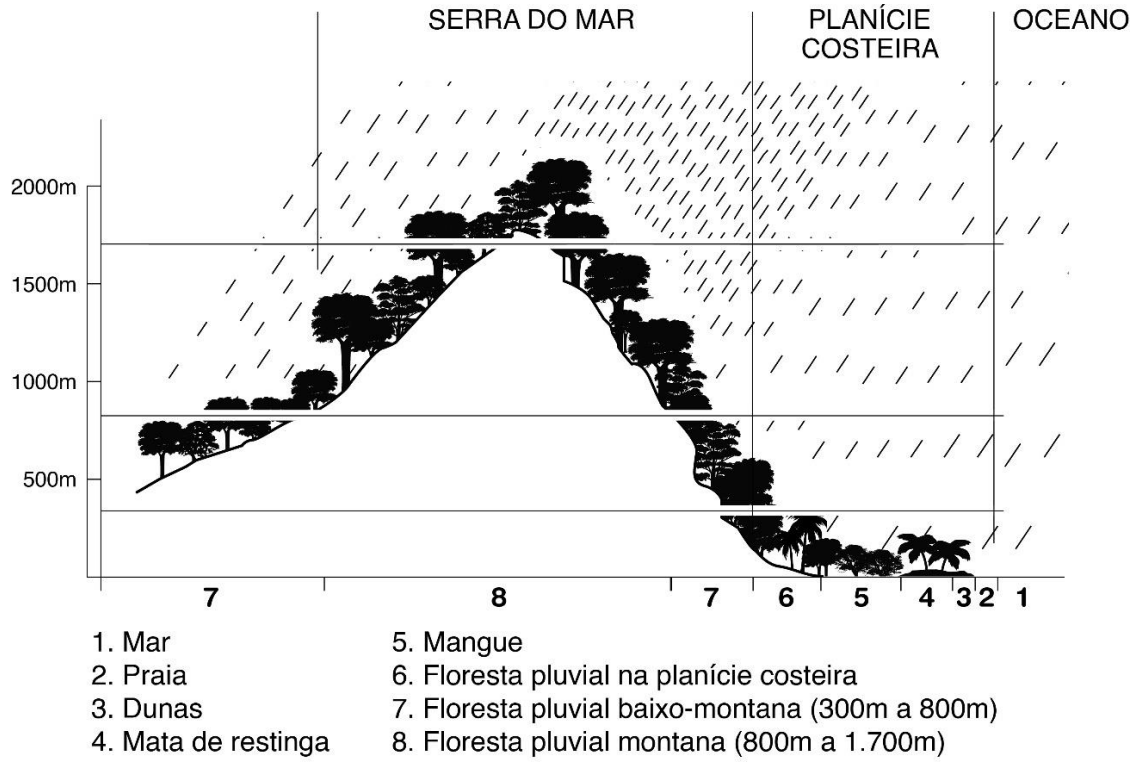
Na atualidade, é difícil precisar com exatidão qual era a vegetação primitiva das planícies arenosas do litoral brasileiro, em função do efeito antrópico sobre esses ecossistemas ao longo dos tempos. A alteração desses ambientes se dá

> “pela implantação de loteamentos e construção de estradas nos trechos mais frágeis, descaracterizando o ecossistema com extração intensiva de areia e utilização dessas áreas para lazer de maneira irracional. É

> importante que determinemos as características da vegetação primitiva para saber quanto o homem já a modificou." (DUNN DE ARAÚJO, *in* LACERDA *et al.*, 1984, p.157)

A figura 24 representa o perfil da Mata Atlântica na região da Serra do Mar. Nela podemos identificar a distribuição por zonas das formações florestais e ecossistemas associados da Mata Atlântica, como as restingas e mangues.

Figura 24. Perfil da Mata Atlântica que passa pela Serra do Mar.



Fonte: Adaptado por nós de: ASSIS *et al.*, 1994. P.8.

3.2. AS TRANSFORMAÇÕES DO AMBIENTE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), em seu artigo segundo, definebiodiversidade como a

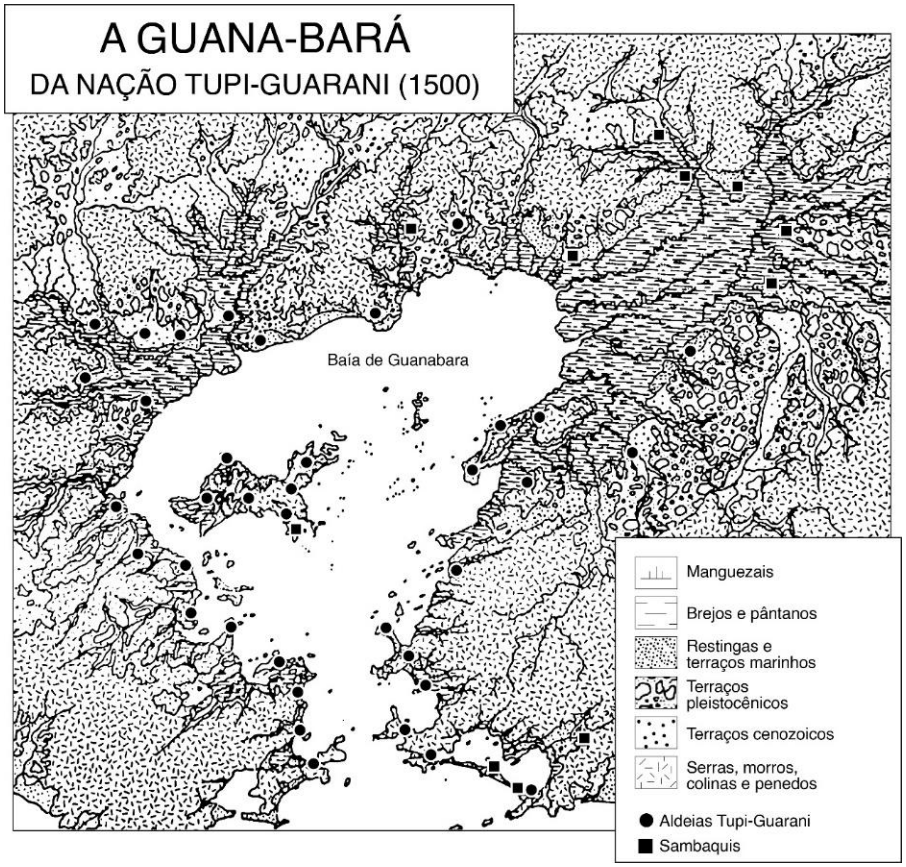
> "variabilidade entre organismos vivos de todas as origens compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas."

Assim, a região que hoje abriga a área mais antiga da cidade do Rio de Janeiro era, quando da chegada dos europeus, riquíssima em biodiversidade, repleta de brejos, pântanos, lagoas, lagunas, manguezais, restingas, matas, morros, pontões,

enseadas, sacos e gamboas (Figura 25). Fabio Scarano (*in* MEDEIROS, R e BESSERMAN VIANNA, 2018, p.26) nos dá um breve perfil da miríade de ecossistemasque se espalhavam pela região:

> "Os manguezais da baía de Guanabara e a restinga da barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes até a Marambaia são um exemplo dessas formações vegetais que dominavam a paisagem litorânea. A beira mar ou próximo à costa, emergiriam os afloramentos graníticos como o Pão de Açúcar e o Corcovado e, um pouco mais ao fundo, os maciços da Tijuca e da Pedra Branca abrigavam, especialmente nessa época, exuberantes florestas de Mata Atlântica, enquanto da baía de Guanabara era possível avistar a Serra dos Órgãos e o Dedo de Deus. Além das restingas, mangues, florestas tropicais e baía, faziam parte da paisagem deste período rios, lagoas de água doce, estuários, ilhas, pântanos e brejos."

Figura 25. A diversidade à volta da baía da Guanabara em 1500.



Fonte: AMADOR, 1992, p.205.

O processo de instalação da cidade impactou diretamente a megadiversidade local. A perda da diversidade biológica, seja no nível dos ecossistemas, das espécies ou das populações, representa a perda de "qualidade ambiental".

A cidade do Rio de Janeiro surgiu em má localização para a obtenção de água doce (ABREU, 1992). Os rios que desembocam na baía podem oferecer água

excelente e abundante, mas os maiores fluem para a costa norte (Figura 26), longe do ponto a partir do qual se pode controlar a entrada e a saída de embarcações (CABRAL et alii, 2020, pp.187 e 188).

Figura 26. Posição da cidade em relação à baía e aos rios.

Fonte: Modificação nossa em mapa de BERNARDES e SOARES, 1987, p.24.

Depois da tomada das terras aos franceses, a cidade foi transferida do istmo entre o morro Cara de Cão e o morro do Pão de Açúcar, onde foi fundada, para o Morro do Castelo, onde havia a dificuldade de a água ser salobra (ABREU, 1992). A dificuldade de obtenção de água e as características do terreno influenciou o desenvolvimento da cidade. Para obter esse recurso essencial à sobrevivência ou facilitar o deslocamento,os rios sofreram alterações significativas. Os rios são fontes de água, mas, com frequência, recebem os dejetos das casas e são usados para a lavagem de roupas. Estas atividades têm relevante impacto sobre estes ecossistemas. Diogo de Carvalho Cabral (2011, p.166) dá um panorama de algumas das mudanças que impactaram os rios:

> “Para abastecer [com água] a porção oeste e norte da malha urbana, seria preciso utilizar os rios que desaguavam no Estuário de São Diogo. Destes, apenas o riacho Catumbi havia sido encanado e isto no ano de 1786. Logo

> depois de sua chegada ao Brasil, d. João VI empregou recursos para o encanamento do rio Maracanã. Mas como essa obra fosse demorar a ser concluída, resolveu-se construir, em 1809, um encanamento provisório para trazer as águas do rio Comprido, próximo à sua nascente, conectando-o à adutora do riacho Catumbi. Estas águas foram direcionadas ao Campo de Santana, onde se erigiu um chafariz também provisório, conhecido mais tarde como 'chafariz das lavadeiras'. Em 1817, finalmente, o encanamento do Maracanã foi finalizado e suas águas adicionadas ao sistema Catumbi-Comprido. Esses acréscimos facilitaram uma maior difusão dos chafarizes pelo tecido urbano, agora contemplando as freguesias de Santa Rita, Santana, Espírito Santo e São Cristóvão."

Na figura 27 pode-se observar o chafariz das lavadeiras, no Campo de Santana, citado no texto acima. Originalmente era um campo arenoso, repleto de ervas rasteiras e cajueiros até a lagoa da Sentinela, que foi aterrada, no Caminho de Mata-Porcos, atual rua Frei Caneca. Se estendia também em direção aos mangais de São Diogo, região em que hoje está a Cidade Nova. O chafariz, inaugurado por d. João VI, era volumoso, com repuxo e vinte e duas bocas, abastecido com águas que vinham do Maracanã. Era frequentado, de dia, por lavadeiras e, nas noites quentes, por estudantes que buscavam se refrescar em suas águas. A aparência atual do Campo de Santana, no estilo de jardim inglês, se deve a Glaziou[50] (1840-1889) (GERSON, 200, p.189)

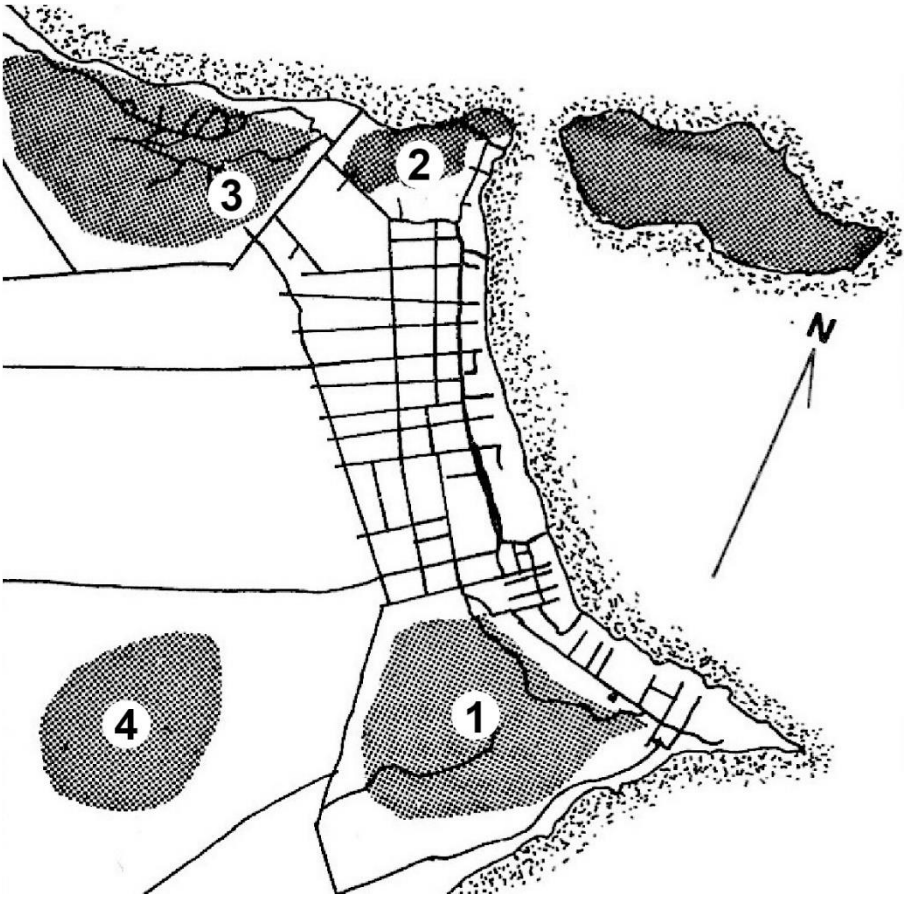
Figura 27. LOEILLOT, W. O chafariz do Campo (1835): tomado da Igreja de Sª Anna (Fontaine du Campo : depuis l'eglise de Ste. Anne).

Fonte: Biblioteca Nacional

[50] Auguste François Marie Glaziou foi um botânico francês que aqui chegou em 1858. Atuou intensamente, por trinta e cinco anos, na construção e reforma de jardins e parques. Formado em engenharia civil, estudou botânica no Museu de História Natural de Paris. Foi diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial e Inspetor dos Jardins Municipais, além de integrar a Associação Brasileira de Aclimação e responsável por projetos paisagísticos durante o Segundo Império, como as reformas do Passeio Público, da Quinta da Boa Vista e do Campo de Santana.

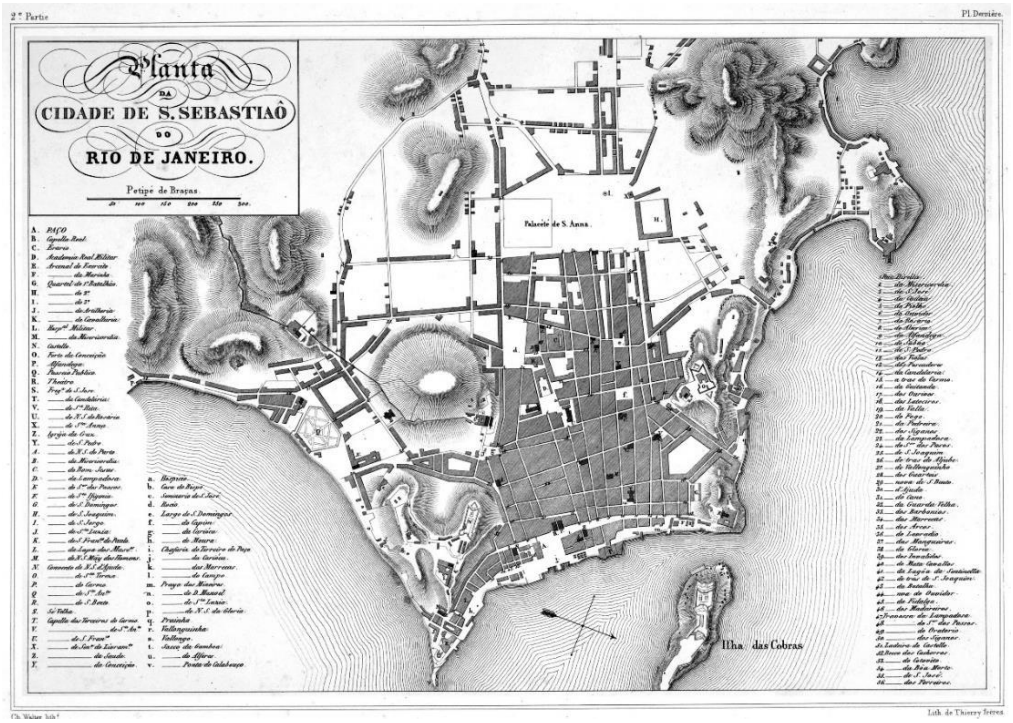
O processo de urbanização levou à crescente alteração do território, por meio de aterros e desmontes. Depois de instalada no morro do Castelo, a cidade ocupou, aos poucos, outros morros próximos: Conceição, São Bento e Santo Antônio, formando um quadrilátero (Figuras 28 e 29). Entre os morros situava-se uma várzea "onde à noite cantam os sapos e, de dia, sobre a lama endurecida, os caranguejos estão se aquecendo ao sol." (MONTEIRO, 1985, p.10), onde, eventualmente, baleias, tão frequentes na baía, encalhavam. Esta várzea corresponde a região da atual rua Primeiro de Março, antiga rua Direita ou Direta. O território correspondente a estes quatro morros e a várzea entre eles é o núcleo original da cidade do Rio de Janeiro.

Figura 28. Os quatro morros: 1. Castelo, 2. São Bento, 3. Conceição e 4. Santo Antônio.



Fonte: Modificado por nós a partir de BERNARDES & SOARES, 1987. p.18

Figura 29. WALTER, Ch. Planta da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Paris: Firmin Didot Frères, 1839.



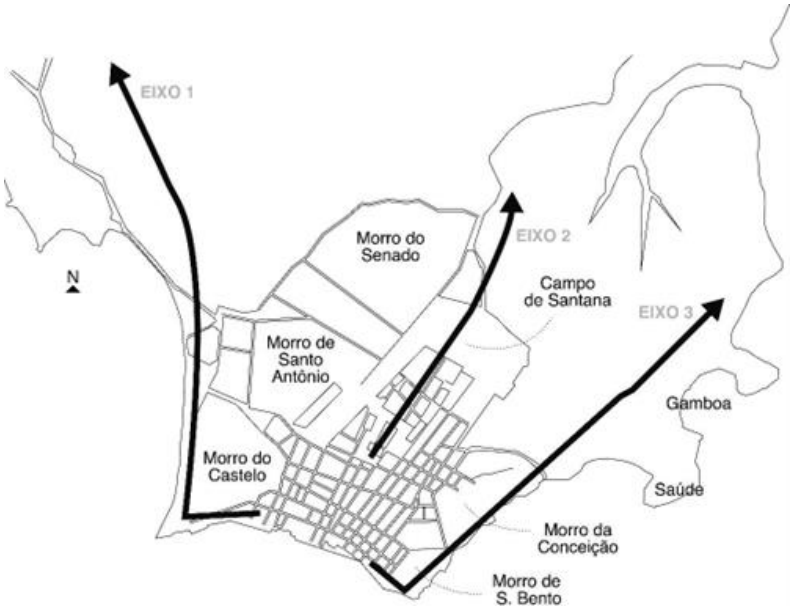
Fonte: Mapa ajustado por nós a partir do original da Biblioteca Nacional.

O sítio de ocupação influenciou significativamente construção da cidade e a determinação de seus bairros, como exemplifica Lysia Bernardes e Maria Teresinha Segadas Soares (1987).

> “No Rio de Janeiro, cidade tão compartimentada pelo relevo, é grande o número de bairros que têm no fator sítio uma das razões principais de sua unidade. Que é Santa Teresa senão um espigão do Maciço da Carioca que se destaca da planície circunvizinha? Que é Laranjeiras senão a parte média e de declividade suave do vale do Rio Carioca? O relevo, às vezes, tem importância, pois fragmenta a cidade em elementos, separados uns dos outros, que adquirem assim uma individualidade de bairro (BERNARDES & SOARES, 1987. p.106).”

Em sua expansão, a cidade aterrou lagoas, mangues, sacos, eliminou restingas, derrubou morros. A cidade foi planificando o espaço, na medida em que se expandiu. A expansão se deu em três eixos: em direção da atual zona sul da cidade, da atual zona norte e da região central, como ilustra a figura 30, mostrando o processo de crescimento da cidade em fins do século XVIII.

Figura 30. Eixos de expansão da cidade do Rio de Janeiro no final do século XVIII.



Fonte: Imagem nossa.

No Centro da cidade encontrávamos, segundo Elmo Amador (1997), várias lagoas. Entre elas temos a da Sentinela, a de Santo Antônio, da Pavuna e do Boqueirão. A lagoa da Sentinela, no que hoje é a Cidade Nova, era localizada no que, então, era sertão da cidade. Além ficavam os mangues de São Diogo, o Saco do Alferes, as montanhas do Andaraí – do tupi, rio dos morcegos- e a Tijuca, ou seja, tijuco, charco.

O limite da cidade foi durante muito tempo da rua da Vala, hoje rua Uruguaiana. A lagoa da Sentinela vinha até quase o atual Campo de Santana (AMADOR, 1997). O nome Sentinela devia-se ao fato de lá ter existido uma muralha e posto para prevenir a cidade do ataque dos índios. O nome indígena do lugar era Capoeiruçu, ou seja, capoeirão, indicativo do tipo de vegetação aí encontrada. Esta lagoa foi aterrada, não restando mais vestígio dela.

A lagoa do Boqueirão também foi aterrada. Ficava onde hoje é o Passeio Público. Seu nome significa ‘abertura em costa marítima; bocarra’, também nos informando que a mesma ficava bem junto ao mar. O responsável pelo ‘saneamento’ do lugar, Luís de Vasconcellos, usou como argumento o mau cheiro e os mosquitos. O material usado para o aterro foi o resultante do desmonte do Morro das Mangueiras, atual rua das Marrecas.

A imagem do portão do Passeio Público (Figura 31) nos permite observar,

ao fundo, o mar, hoje bem mais distante, em função de novos aterros na região.

Figura 31. THEREMIN, Carl. Passeio Público, do álbum publicado em 1835.

Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Quanto à lagoa de Santo Antônio, o vice-rei Gomes Freire, conde de Bobadela, foi o responsável por seu aterramento. Foi o primeiro ecossistema da baía a ser dessecado e aterrado (AMADOR, 1997). O Largo da Carioca localiza-se em parte de seu terreno. A lagoa da Pavuna também desapareceu. Seu nome no tupi significa ‘lugar escuro’ e ‘vale fundo’. Também conhecida como Desterro da Pavuna, Polé, Panela ou Lampadosa, é hoje a região do Largo de São Francisco, ruas da Conceição, Andradas, Buenos Aires e Senhor dos Passos (AMADOR, 1997). Ela seria uma laguna que se dividiu. Para Fernando Monteiro (1985), os vários topônimos são devidos ao grande tamanho da Pavuna.

A volta da baía de Guanabara, havia diversos manguezais. Ocorriam do Rio Berquó, em Botafogo, até a lagoa de Itaipu, em Niterói, com uma área de aproximadamente 257,9 km^2. Só eram interrompidos por praias arenosas, pontões, costões e falésias. Entre eles destacavam-se o de São Diogo, Pedro Dias e estuário de Manguinhos, Ilha do Governador e Fundão, foz dos rios Meriti, Estrela, Saracuruna, Iriri, Magé, Guapi e Praia Grande, em Niterói (AMADOR, 1997).

Os mangues também não escaparam ao processo de aniquilação. O manguezal, mangue ou mangal de São Diogo, que ocupava uma área que inclui a atual Cidade Nova, foi aterrado com o material do morro do Senado. O Canal do Mangue, construído para ser navegável a pequenas embarcações com víveres, teve

sua primeira seção, da atual região da Presidente Vargas até a Leopoldina, concluída em 1854. No entanto, assoreou em um ano, o que pode ser explicado pela dinâmica desse tipo de ecossistema. Elmo Amador (1997, p.251) lembra que a destruição de ecossistemas periféricos da baía, como o mangue de São Diogo, tornaram as inundações uma constante no Rio de Janeiro. Com exceção dos pescadores, catadores de mariscos, cortadores de lenha, fabricantes de cal, curtidores de couro que perderam quando o mangal de São Diogo desapareceu, (CABRAL, 2011, p.174), a maioria enxergava o mangue como obstáculo e fonte de doenças.

Em um lado da região do mangue de São Diogo, foi construída a Fábrica do Aterrado pelo Barão de Mauá. Ele, Irineu Evangelista de Souza, usou parte da terra do morro do Pinto, nas imediações, para aterrar a região. A fábrica produzia gás para a iluminação pública e tinha, e ainda tem, escrito em sua fachada: *Ex fumo darem lucem* (Da fumaça se faz a luz).

O mangue de Pedro Dias também não escapou à destruição. Após o aterramento, deu origem a parte das atuais ruas Frei Caneca, do Resende e Riachuelo, antiga rua de Mata-Cavalos.

Os mangues tinham fama de serem fontes de doenças e outras mazelas, o que lhes justificaria o aterro.

A intervenção “sanitarista” na natureza vem se impondo desde o século XVIII e é responsável pela destruição dos ecossistemas periféricos da baía, como manguezais, brejos, pântanos, lagunas e sistemas fluviais. Essa concepção pode ser encontrada até no presente (AMADOR, p.250).

A floresta foi sendo retirada de tal forma que, na segunda metade do século XIX, levou à crise pela falta de água e culminou com o reflorestamento da área que hoje é a Floresta da Tijuca.

Havia também regiões que apresentavam o aspecto de lagoa, inundadas na preamar, como a atual rua Visconde de Inhaúma, característica que era usada pela população para a eliminação de dejetos.

As restingas, barras lagunares, eram as de Uruçu-mirim, praia do Russel, extremidade da lagoa do Boqueirão e restinga de Manoel de Brito, junto ao morro de São Bento. Esta última ficava na Prainha, atual Praça Mauá. Da região e da retirada da vegetação nativa, nos fala Manoel de Brito Lacerda, dono das terras, incluindo a

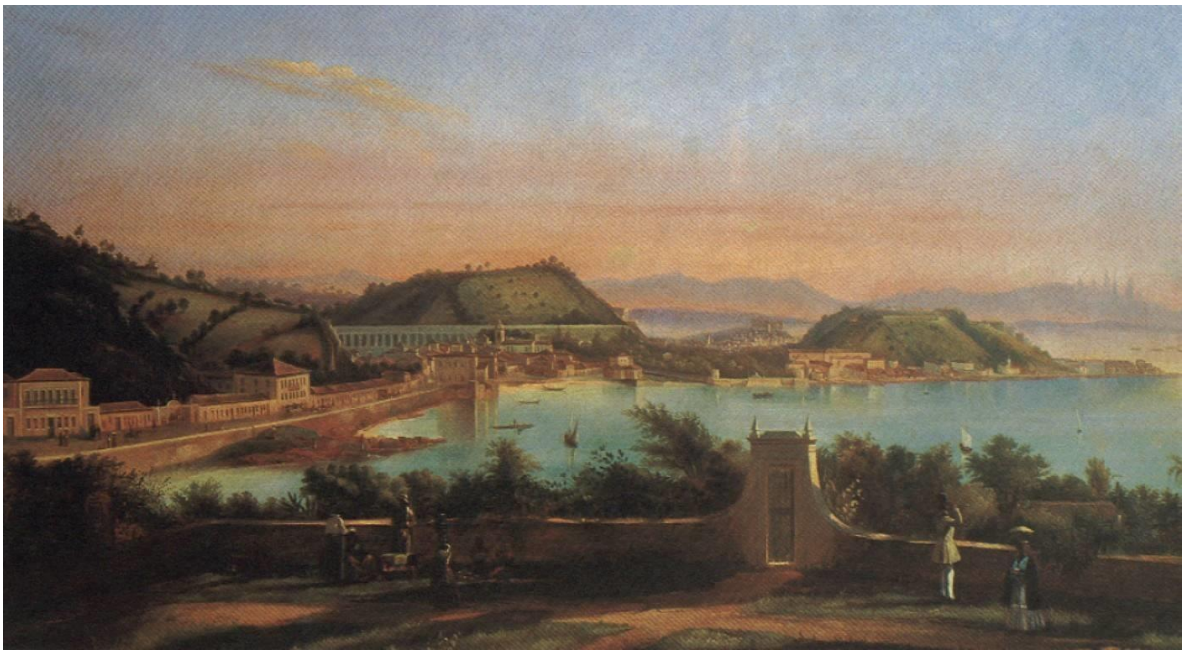
colina onde se encontra o Mosteiro de São Bento[51]:

> "[…] de fogo morto, rompeu os matos maninhos cheios de rosáceos e árvores de espinho, fazendo algodoais, bananais e uma roça grande para mantimentos." (MONTEIRO, 1985, p.49)

Temos ainda o desmonte dos morros, como o do Castelo, onde a cidade primeiro se estabeleceu no Centro. No caso do Castelo, o arrasamento foi feito em mais de uma etapa. As terras destes morros foram usadas para o aterro do litoral, tanto à volta da baía, como no saco de São Diogo e na praia Formosa, quanto de praias, como Copacabana. Os morros das Mangueiras, do Senado, de Santo Antônio e do Castelo foram abaixo em diferentes períodos. Do morro de Santo Antônio ficou um pequeno pedaço, o das igrejas, junto ao Largo da Carioca.

O morro do Castelo e o de Santo Antônio foram, no passado remoto, ilhas que se soldaram ao continente por cordões arenosos. O quadro de MONVOISIN (Figura 32) permite a observação dos morros de São Bento, da Conceição, do Castelo e de Santo Antônio, quando todos estavam de pé.

Figura 32. MONVOISIN, R. Vista do Russel e do Castelo tirada do adro da igreja da Glória, *circa* 1847.



Fonte: HORTA, 2000.

[51] O terreno foi doado aos beneditinos por Diogo de Brito Lacerda, filho de Manoel.

Na região do Valongo e a Gamboa eram encontrados tômbolos[52], que uniam as ilhas ao continente.

Havia pântanos e brejos no Centro e no Catete, pontões e falésias na Gamboa, na Saúde, no Catete, na Glória e no Flamengo. Enseadas, sacos, gamboas e estuários em São Diogo, Praia Formosa, Valongo e Valonguinho, Gamboa, Glória e Uruçu-mirim, entre outros.

No Rio de Janeiro, cidade com tantos baixios, as grandes chuvas sempre foram problema. As planícies que não eram permanentemente preenchidas de água, como brejos, mangues e charcos, a recebiam com as chuvas mais intensas. O escoamento das águas pelas valas, quase ao nível do mar, era difícil. Onde hoje é a rua Uruguaiana, antiga rua da Vala, ficava um grande escoadouro de água que, frequentemente, ficava repleto de lixo e esgoto, dificultando a drenagem das chuvas. O arrasamento do mangue de São Diogo também interferia, pois sem a vegetação, os sedimentos obstruíam o fluxo das águas para o mar (CABRAL, 2011).

As enchentes enchiam as ruas e os desabamentos de encostas eram constantes. Havia deslizamentos frequentes no morro do Castelo, com a destruição de casas. Como comenta Diogo de Carvalho Cabral (2011, p.174).

> "Na grande enchente de 1811, quando choveu sete dias seguidos, as encostas no nordeste do morro desabaram, provocando a destruição da maioria das casas do antigo Beco do Cotovelo (no que são hoje a Avenida Erasmo Braga e trecho final da Avenida Presidente Antônio Carlos). Não por acaso, datam desta época as primeiras reações para o arrasamento do morro do Castelo."

A solução para o problema era o aterro dos baixios. Se travava luta contra os ambientes onde as águas se depositavam. Até isenções fiscais havia para os que aterrassem áreas encharcadas. Carroceiros recebiam pagamento por transportar os materiais e dejetos para despejar nos mangues. Como tinham fama de serem fontes de doenças e outras mazelas, aterrar os mangues estava justificado, como indica o exemplo encontrado nos registros de ordens e ofícios expedidos da polícia aos ministros criminais dos bairros e comarcas da Corte e ministros eclesiásticos, códice 329, vol. 03, de 9 de dezembro de 1815:

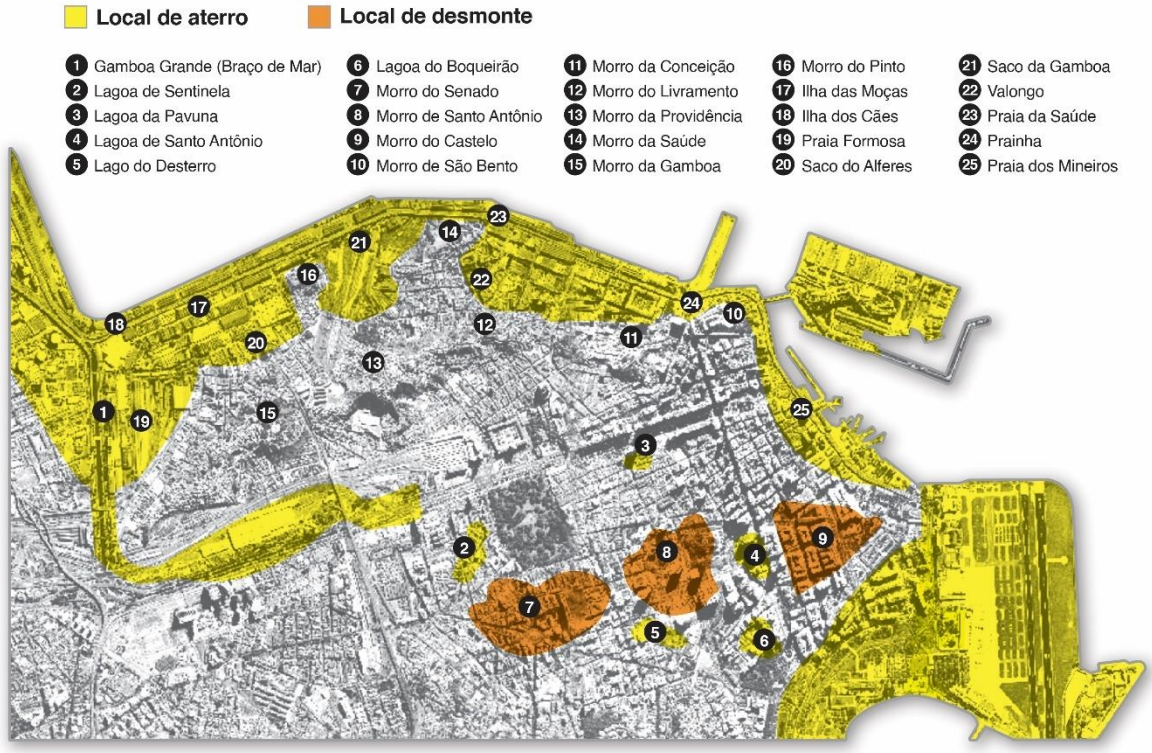
> "Ementa: ofício emitido [...] no qual pede a limpeza de um pântano localizado nos fundos das casas da rua nova de São Joaquim, que, além de 'nocivo à saúde pública', se tornou um cemitério de negros novos, dada a 'ambição dos homens do Valongo' que querem evitar a despesa de enterrá-

[52] Acidente geográfico que une uma ilha a um continente, mediante uma estreita faixa (chamada barra) formada da acumulação de sedimentos.

> los. O ‘charco’ sujava o bairro ea cidade, e, portanto, deveria ser aterrado, com entulho e terra dos terrenos vizinhos. Notifica ainda os ‘negociantes que recolherem pretos no Valongo para que nunca mais se atrevam a lançar por ali cadáveres’ e ordena que se recolham os corpos para, através das marcas neles, se reconheçam de quais armazéns vieram e se imponham as penas aos culpados para acabar de vez com aquele ‘mal’.” (ARQUIVO NACIONAL. Ementas, códice 329, vol. 03, de 9 de dezembro de 1815).

As modificações promovidas no ambiente pela urbanização podem ser observadas na figura 33. Nela pode-se comparar a situação do final do século XX com o recorte original do litoral e os acidentes geográficos desaparecidos.

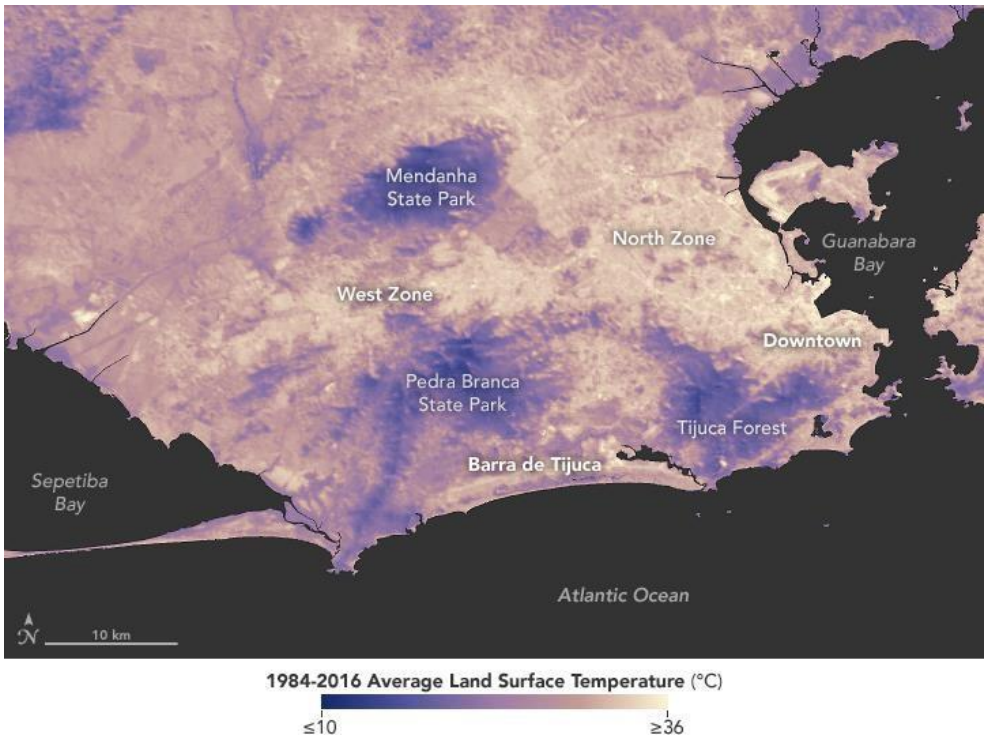
Figura 33. Área central da cidade no ano de 1999 indicando as áreas de desmontes e aterros.



Fonte: imagem nossa baseada em SIGAUD e PINHO, 2000.

Uma das consequências do processo de retirada da vegetação é a elevação das temperaturas da superfície terrestre. Na figura 34 observa-se que áreas florestadas, como a Floresta da Tijuca, o Parque Estadual do Mendanha e o Parque Estadual da Pedra Branca, são mais frios em comparação com os bairros fortemente desenvolvidos ao longo da costa da Baía de Guanabara, como a área do Centro da cidade, onde ela se instalou e onde a vegetação foi retirada.

Figura 34. Temperatura na superfície de parte da cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: Nasa. Disponível em: https://earthobservatory.nasa.gov/images/90687/climate-proofing-rio-de-janeiro. Acesso em 8 de dezembro de 2021.

No início do século XIX, Maria Graham esteve no Rio de Janeiro. Observou e registrou alguns desses ambientes em processo de modificação. O olhar dela nos permite entrever um pouco do passado e entender o presente.

3.3. OS REGISTROS DO AMBIENTE NATURAL CARIOCA E DA CIDADE POR MARIA GRAHAM

> "[…] o ser humano histórico está tão inescapavelmente imerso na cultura e nalinguagem, quanto na ecosfera terrestre." (Pádua, 2010, p.91)

No início do século XIX, após a chegada da Corte em 1808, a cidade do Rio de Janeiro experimentou amplo crescimento. A população aumentou da noite para o dia, junto com a entrada de estrangeiros, que no Brasil, até aquele momento, esteve proibida. Havia grande demanda de serviços a fim de atender aos novos moradores e aos visitantes. O Porto da cidade, onde estava a principal Alfandega do Reino, em uma baía protegida e segura, era parada obrigatória (PORTO, 2019, p.4).

A cidade se tornara barulhenta e com ares cosmopolitas, mas, de sua população, aproximadamente, um terço era de escravos (PORTO, 2019). Durante a primeira metade do século XIX, o Brasil escapou das duas pestes mais aterrorizantes daqueles tempos: cólera e febre amarela. Mas isso não significava que as condições sanitárias na Corte e, a seguir, Império eram favoráveis (CHALHOUB, 1999). Outras doenças, como a varíola, grassavam, encurtando a vida de muitos. Os responsabilizados pela insalubridade na época eram os ares obstados pelo Morro do Castelo e as águas estagnadas dos mangues e lagoas (VIEIRA DA SILVA, 2008). Estes argumentos foram usados para justificar o aterro dos baixios e o desmonte de morros, como o Castelo, que só foi completamente arrasado em 1922, no governo de Carlos Sampaio.

Foi nesse contexto do início do século XIX que, em 15 de dezembro de 1821, Maria Graham chegou ao Rio de Janeiro. Ela descreve uma paisagem natural exuberante em contraste com as construções e os navios:

> "Rio de Janeiro, sábado, 15 de dezembro de 1821. Nada do que vi até agora é comparável em beleza à baía. Nápoles, o Firth of Forth, o porto de Bombaim e Trincomalee, cada um dos quais julgava perfeito em seu gênero de beleza, todos lhe devem render preito porque esta baía excede cada uma das outras em seus vários aspectos. Altas montanhas, rochedos como colunas superpostas, florestas luxuriantes, ilhas de flores brilhantes, margens de verdura, tudo misturado com construções brancas, cada pequena eminência coroada com sua igreja ou fortaleza, navios ancorados, ou em movimento, e inúmeros barcos movimentando-se em um tão delicioso clima, tudo isso se reúne para tornar o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que a imaginação pode conceber." (GRAHAM, 1990, p194)

Como afirma Ana Maria Belluzzo (1994, vol.3, p.20): "Maria Graham escreve sobre o que vê, tendo aprendido a ver pela aquarela". A espetacular entrada da Baía da Guanabara, cena ansiada e fantasiada por viajantes à espera das descobertas e aventuras a serem vividas nos trópicos, é descrita pela inglesa como se ela estivesse pintando um quadro. Pode-se complementar, citando Flora Süssekind (2008, p. 106), que no seu *Diário de uma Viagem ao Brasil*: "É sobretudo com a lírica romântica que ela parece dialogar". Maria de Fátima Souza (2020, p.24) estende esta característica à iconografia produzida por Maria Graham, onde, segundo ela, "se nota a procura por uma documentação objetiva da natureza, associada a uma lírica romântica na representação das paisagens".

Maria Graham, vivendo em uma época de revalorização romântica, traz em si os anseios de viajantes que buscam o pitoresco, quando o sentimento assume a

função de princípio de juízo estético. Mas ela é um caso incomum, pois ela traduz os anseios deste grupo sendo mulher, como lembra Ana Maria Belluzzo (1994, vol.3, p.20).

O temperamento romântico é sensível, emocional, dando preferência a cor, ao exótico, às aventuras. Deve-se ter em conta que romantismo e a história natural, como indicam Alan Bewell (2017) e Maria de Fátima Souza (2020) estão, neste momento, relacionados. Alan Bewell comenta essa relação no fragmento a seguir:

> "That nature is central to British Romanticism is commonplace. For many critics, Romanticism is nature writing and not without justification, for representations of the natural world – both domestic natures, seen close at hand, and foreign and exotic natures, brought from afar – appear during this period as if seen for the first time, with a freshness, concreteness, depth, and intensity that have rarely been equaled. This turn to nature in all its concrete richness had been gaining momentum over the course of the eighteenth century in natural history, scientific illustration, art, gardening, and textiles, but it was not until the Romantic period that it came to inform most spheres of British culture[53]." (BEWELL, 2017, p. 2)

Depois da primeira estada no Rio de Janeiro em 1821, Maria Graham saiu e voltou à cidade mais duas vezes. Em suas visitas, registrou a natureza e a cidade por meio de textos e iconografia. Sua a produção material sobre o Brasil constitui uma das mais significativas de sua carreira como artista e naturalista viajante (SOUZA, 2020). Essa produção de Maria Graham buscava atingir dois objetivos, como afirma Maria de Fátima Medeiros de Souza (2020, p.17):

> "Retratar os aspectos mais característicos da natureza, das construções e dos costumes locais, segundo uma perspectiva documental, ao mesmo tempo em que essas imagens e relatos evidenciam uma forma hábil de Graham delinear paisagens pitorescas e sublimes e suas frequentes citações de poetas como Byron; esses dois aspectos de sua escrita de viagem servem novamente para demonstrar sensibilidade autoral e estimular o prazer estético do leitor."

O que acontecia com a escrita, acontecia de forma semelhante com os desenhos de Maria Graham.

A partir do final do século XVIII e na primeira metade do século XIX, a produção escrita e visual dava prioridade à natureza (BEWELL, 2017; KELLEY, 2003;

[53] Tradução nossa: Que a natureza é central para o romantismo britânico é lugar-comum. Para muitos críticos, romantismo é a escrita da natureza, e não sem motivo, pois representações do mundo natural – tanto da natureza doméstica, vista de perto, quanto da natureza estrangeira e exótica, trazida de longe – aparecem durante esse período como se fossem vistas pela primeira vez, com um frescor, uma concretude, uma profundidade e uma intensidade que raramente foram igualadas. Essa volta à natureza em toda a sua riqueza concreta vinha ganhando impulso ao longo do século XVIII, na história natural, ilustração científica, arte, jardinagem, têxteis, mas foi apenas no período romântico que ela passou a atingir a maior parte das esferas da cultura britânica.

SOUZA, 2020). Este aspecto atinge diretamente o intercâmbio de plantas, a frequência das expedições científicas, a ampliação da circulação de livros de viagens e a produção iconográfica. A botânica, neste período, se tornou popular e um sinônimo de elegância, com sua dileção demonstrada pela constante aparição em revistas, romances e poemas e na crescente disponibilidade de livros sobre o tema voltados para um leitor geral (HAGGLUND, 2011).

Relações entre coleta de espécimes vegetais, iconografia e imperialismo são, então, observadas. Sobre este assunto, Theresa Kelly (2003, p.227) comenta:

> "During the Romantic era, as more exotic species were introduced into English and European gardens, local and exotic species competed for space in the rage for botanical illustrations in magazines and books. The descriptions that accompanied these illustrations typically noted when the exotic plant arrived in England or Europe and when it first bloomed as a nativized species. The published record of this traffic from exotic to domesticated status mirrors the larger transactions that constitute the history of European imperial and colonial expansion[54]."

As ilustrações de vegetais exóticos, levados de outros continentes para os herbários da Europa, podiam ser encontrados nos inúmeros livros de botânica do século XIX. Nos jardins, espaços de busca de ordem e satisfação estética, podiam ser encontradas as plantas exóticas enviadas para a Europa e, nesses ambientes, para elas, alienígenas eram aclimatadas (THOMAS, 1988, p.286).

Como legítima representante de sua época, Maria Graham, na condição de artista e escritora viajante, miscigena em sua obra aspectos estéticos e científicos, o que podemos comprovar, por exemplo, com suas ilustrações botânicas (Figura 35) (SOUZA, 2020, p.24)

A Botânica era o maior interesse de Maria Graham. Segundo Betty Hagglund (2011, p.49), no Brasil, ela se envolveu com esta atividade de uma forma mais científica que em momentos anteriores. No entanto, em sua pesquisa, Graham não despreza o conhecimento popular, consultando a população local a busca de informações sobre os espécimes vegetais e citando em seu texto o que relatam (HAGGLUND, 2011, p.52).

[54] Tradução nossa: Durante a era Romântica, à medida que mais espécies exóticas foram introduzidas nos jardins ingleses e nos europeus, espécies locais e exóticas competiam por espaço como ilustrações botânicas em revistas e livros. As descrições que acompanhavam essas ilustrações, normalmente, indicavam quando a planta exótica chegou à Inglaterra ou à Europa e quando floresceu pela primeira vez como uma espécie aclimatada. O registro publicado da transferência do status exótico para o aclimatado reflete as grandes transações que constituem a história da expansão imperial e colonial europeia.

Figura 35. GRAHAM, Maria. Desenho botânico. Circa 1825. Royal Botanic Gardens, Kew, Londres.

Fonte: HASSE, 2021.

No Brasil, Maria Graham teve a oportunidade de se tornar próxima de José Bonifácio de Andrada e Silva e da Imperatriz Leopoldina, ambos ligados ao colecionismo e à história natural.

Graham também se interessava por Geologia, tendo sido testemunha de um terremoto no Chile, sobre o qual fez importantes registro. Mas ela também tinha interesse em Zoologia e fez registros de animais. No acervo de *Kew Gardens* há seis

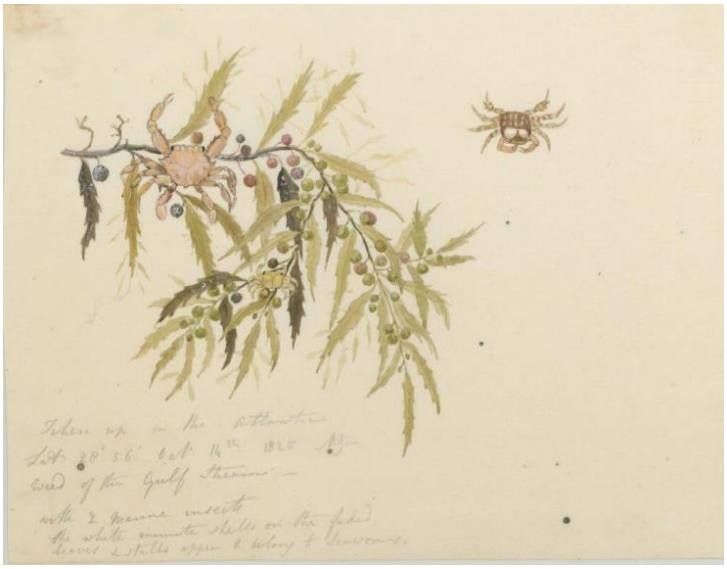
desenhos de animais feitos por ela. Ela também colecionou insetos, que foram doados ao *British Museum* (SOUZA, 2020).

Carl Thompson (2019, p.444) comenta sobre as coletas botânicas e zoológicas de Maria quando estava morando em Laranjeiras, bairro da zona sul do Rio de Janeiro atual, e que na época era um subúrbio que acompanhava o caminho do rio Carioca:

> "Graham then supplied Hooker with an abundance of botanical materials from Rio de Janeiro and its environs, where she was based. These included plant specimens such as "twenty two varieties of fern all growing between my cottage in the Larenjeiras and the top of the Corcovado on Granite rock 1700 ft high" and also a substantial album of botanical drawings (...). In this period Graham also collected zoological material. A visitor to her cottage on the outskirts of Rio reported seeing "the skins of snakes and of other species of reptile"; these were later donated to the British Museum, along with several bird specimens.[55]"

A figura 36 é o desenho de Maria Graham feito no mar. Na imagem ela anota a localização: "Atlântico, Lat. 28°:56', 14 de outubro de 1825", que corresponde ao litoral de Santa Catarina.

Figura 36. GRAHAM, Maria. Sem título, 1825. Library, Art & Archives, Royal Botanic Gardens, Kew, Londres.



Fonte: THOMPSON, 2015, p.446.

[55] Tradução nossa: Graham então forneceu a Hooker uma abundância de materiais botânicos do Rio de Janeiro e seus arredores, onde ela estava morando. Estes incluíam espécimes de plantas como "vinte e duas variedades de samambaias todas crescendo entre minha casinha nas Laranjeiras e o topo do Corcovado na rocha de granito de 1700 pés de altura" e também um substancial álbum de desenhos botânicos. Neste período, Graham também coletou material zoológico. Uma visitante de seu chalé na periferia do Rio relatou ter visto "as peles de cobras e de outras espécies de répteis"; estas amostras animais foram posteriormente doados ao *British Museum*, juntamente com vários exemplares de aves.

Vale lembrar que Alexander von Humboldt (1769-1859) foi um modelo seguido por naturalistas que visitaram o Brasil no século XIX. Ele influenciou o botânico alemão Carl Philipp von Maritus (1794-1868) e o naturalista francês Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) (KURY, 2001). Humboldt, importante na gênese do pensamento ecológico, também influenciou José Bonifácio, que o conheceu pessoalmente e com que mantinha correspondência. A degradação ambiental na América do Sul sofreu críticas de Humboldt (PÁDUA, 2004, p. 133). Neste contexto, é bom lembrar da amizade entre Maria Graham e José Bonifácio. No entanto, a aproximação de Maria Graham dos preceitos de Humboldt precisa ser mais investigada (SOUZA, 2020, p.26).

3.3.1. A Vista da Guanabara e da Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XIX

As obras dos viajantes foram importantes na construção do conceito de natureza tropical, oposta à natureza europeia, temperada, conhecida e ordenada. Os desenhos, pinturas, mapas, diários e cartas, do final do século XVIII ao início do século XIX, feitos pelos viajantes estrangeiros, como Maria Graham, construíram, como escreve Maria Angélica Zaburan (2005, p.58), uma “geografia imaginativa dos trópicos”.

Na geografia dos trópicos, para Maria Graham, como para outros tantos, a baía de Guanabara marca um local importante. Ela registrou a baía e seu entorno em texto e desenho. O texto, já comentado, foi o registro primeiro do Rio de Janeiro, mas a Vista da Baía de Guanabara (Figuras 37 e 38), de 1825, foi desenhada no último ano de estada de Graham no Brasil.

A obra faz parte do acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Na ficha catalográfica é informado que a obra foi comprada da Livraria Kosmos, em 1950, por Assis Chateaubriand (1892-1968) e doada ao MASP, em 1952. O panorama mede 20 cm x 352,7 cm e foi realizado na técnica de pintura óleo sobre papel e sobre tela. Segundo Souza (2020, p.60), até o momento, só se conhecem “duas obras de Graham produzidas com essa técnica. As demais, […] foram produzidas em aquarela, aguada de nanquim, gravura, desenho a bico de pena e lápis.” A moldura de carvalho, associada à primeira restauração, foi colocada após a união das cinco partes de papel.

Figura 37: GRAHAM, Maria. Vista da Baía de Guanabara na exposição Histórias das mulheres: artistas até 1900.

Fonte: MASP. Foto nossa em outubro de 2019.

Figura 38: GRAHAM, Maria, Vista da Baía de Guanabara. Data da obra:1825. Técnica: Óleo sobre papel e tela. Dimensões:20 x 352,7 x 1,5 cm.

Fonte: Museu de Arte de São Paulo. Disponível em: https://masp.org.br/acervo/obra/panorama-da-baia-de-guanabara Acesso em novembro de 2020.

Dadas as dimensões do panorama, Maria Graham pode representar bem o entorno da baía de Guanabara. No detalhe da figura 39, observa-se a região próxima ao Pão de Açúcar, região onde a cidade foi fundada, em 1565, antes de ser transferida para o morro do Castelo. Nesse momento, a região da Urca, como é conhecida no século XIX, não existia. As tentativas mais significativas de interferência no ambiente, só ocorrerão muitas décadas depois do registro de Maria Graham. Pode-se perceber na figura 39 o recorte original do litoral.

Vale lembrar que o espelho de água da baía diminuiu ao longo dos séculos, resultado de aterros. Até 1870, apesar de aterros na Praça XI, Glória, Saúde,Gamboa e parte de Estuário de São Diogo, a baía conservava muito de sua fisionomiaoriginal. O portal de entrada da baía, com seus monumentos naturais de pontões, costões e pães de açúcar (AMADOR, 1997, p.296), que era magnífico, mantinha sua fisionomia original quando Maria Graham o representou.

Figura 39: GRAHAM, Maria. Pão de Açúcar. Detalhe da obra Vista da Baía de Guanabara.

Fonte: Museu de Arte de São Paulo.

Na figura 40, é possível ver que os grandes aterros na região do bairro da Glória ainda não haviam ocorrido. A igreja da Glória, no início do século XIX, ainda estava próxima ao mar, com sua feição escarpada, com vegetação ainda abundante no bairro do Catete e na região do Largo do Machado.

Figura 40: GRAHAM, Maria. Glória. Detalhe da obra Vista da Baía de Guanabara.

Fonte: Museu de Arte de São Paulo.

A região sofreu aterros em diversos momentos. Na figura 41, dos anos 60 do século XX, pode-se ver a área que foi ganha ao mar pelos aterros. Na foto observa-se o Parque do Flamengo com a vegetação pouco desenvolvida.

Figura 41: FERRAZ, Marcelo. Ponta da enseada com o aterro ainda em execução, *circa* 1962.

Fonte: Disponível em https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.136/4048. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

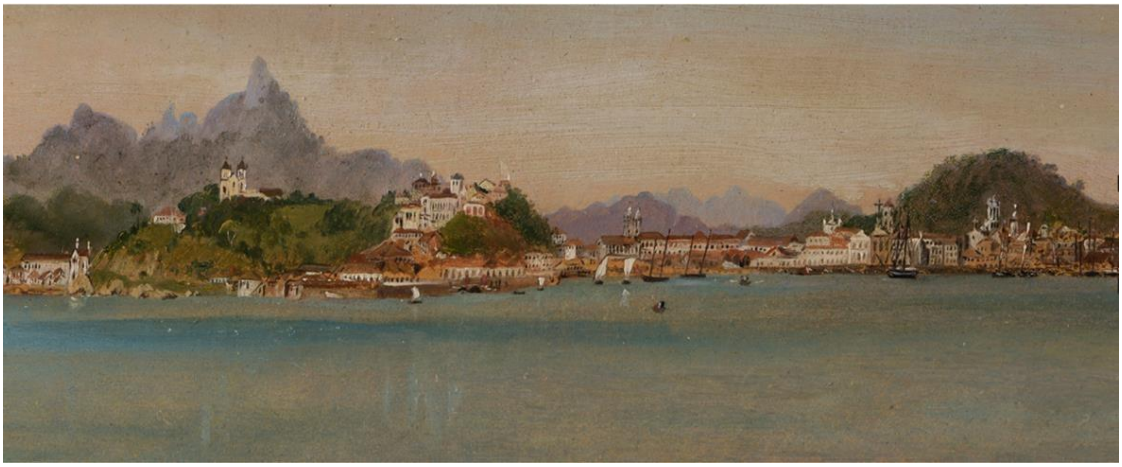
A figura 42 permite a comparação com a figura 40, pois em ambas observamos a mesma região adjacente ao outeiro da Glória. Quando comparamos a pintura de Maria Graham com o momento atual, podemos perceber que, na medida em que a cidade se desenvolveu, o desaparecimento da vegetação.

Figura 42: Foto da região da Glória a partir da baía de Guanabara.

Fonte: Foto nossa em 2013.

Na figura 43 corresponde ao fragmento da obra de Maria Graham em que ela registra o núcleo da cidade. Pode-se perceber, que já naquele momento, o solo aparente no morro do Castelo, sem a proteção da vegetação, exposto à erosão. O litoral da praça XV, que tanto nomes já recebeu, havia sofrido alguns acertos. Embora ainda fosse passar, nas décadas a frente, por mais aterros, afastando do mar os irmãos Carmelitas, donos de parte do que hoje é a Praça XV de novembro.

Figura 43: GRAHAM, Maria. Castelo. Detalhe da obra Vista da Baía de Guanabara.



Fonte: Museu de Arte de São Paulo.

A mesma região retratada por Graham na figura 43, pode ser vista na atualidade nas figuras 44 e 45. Sem o morro do Castelo e com alguns aterros, o panorama mudou muito. Na figura 45, observa-se o chafariz do Mestre Valentim[56], que ficava junto ao mar, mas os aterros o distanciaram do litoral.

Figura 44 : Foto da praça XV de novembro.

Fonte: Foto nossa em 2013.

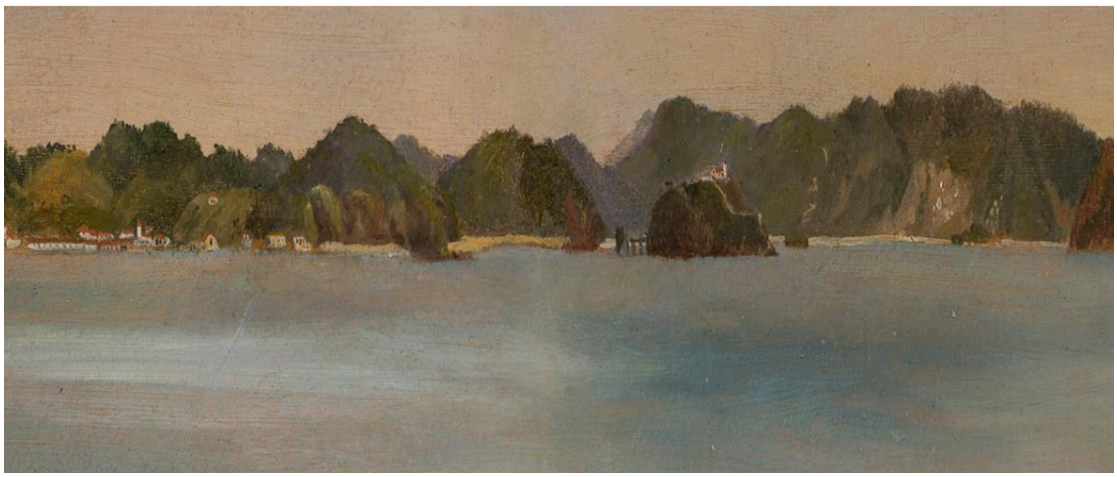
Figura 45: Foto da praça XV e chafariz do Mestre Valentim.

Fonte: Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_XV_%28Rio_de_Janeiro%29. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

[56] No século XVIII, foi construído o chafariz que, abastecido com as águas do rio Carioca, servia de aguada aos navios. Ele substituiu um chafariz anterior tido como obsoleto. O cais foi construído para ser semelhante ao de Lisboa.
Valentim da Fonseca e Silva, ou Mestre Valentim (1745 - 1813), foi um artista do Brasil colonial, tendo atuado como escultor, entalhador e urbanista.

Para os lados de Niterói (Figura 46), os ecossistemas ainda não haviam sofrido tanta interferência, algo que não duraria com o passar dos tempos. Os morros, pintados por Maria Graham, ainda estão cobertos pela Mata Atlântica e há várias pequenas enseadas sem ocupação humana.

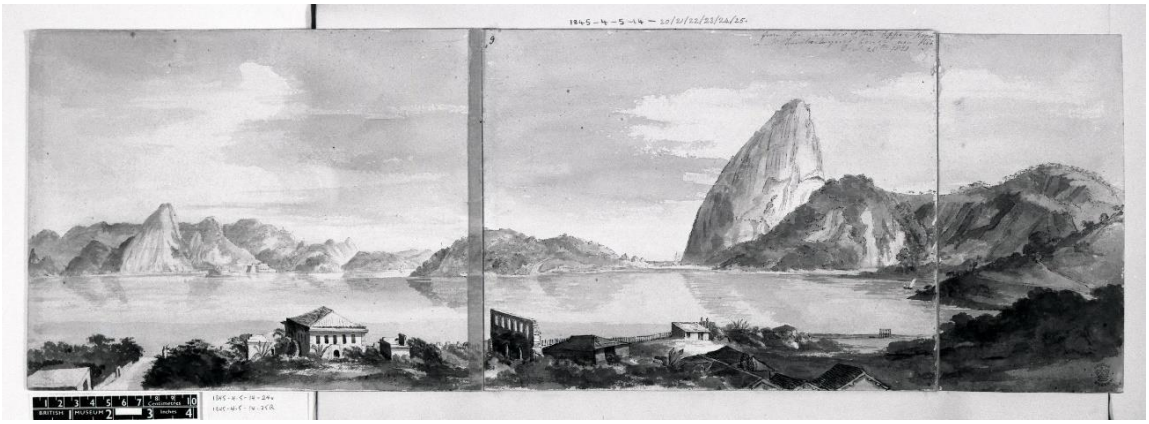
Figura 46: GRAHAM, Maria. Niterói. Detalhe da obra Vista da Baía de Guanabara.



Fonte: Museu de Arte de São Paulo.

Na Figura 47, observa-se outro desenho de Graham cujo tema é a baía de Guanabara. A obra foi feita com a técnica de tinta aguada sobre papel. Nele se vê a ocupação do litoral, com o consequente desaparecimento da vegetação.

Figura 47: GRAHAM, Maria. Drawings by Lady Callcott: South America for *The Scripture Herbal*. 1821-1825.

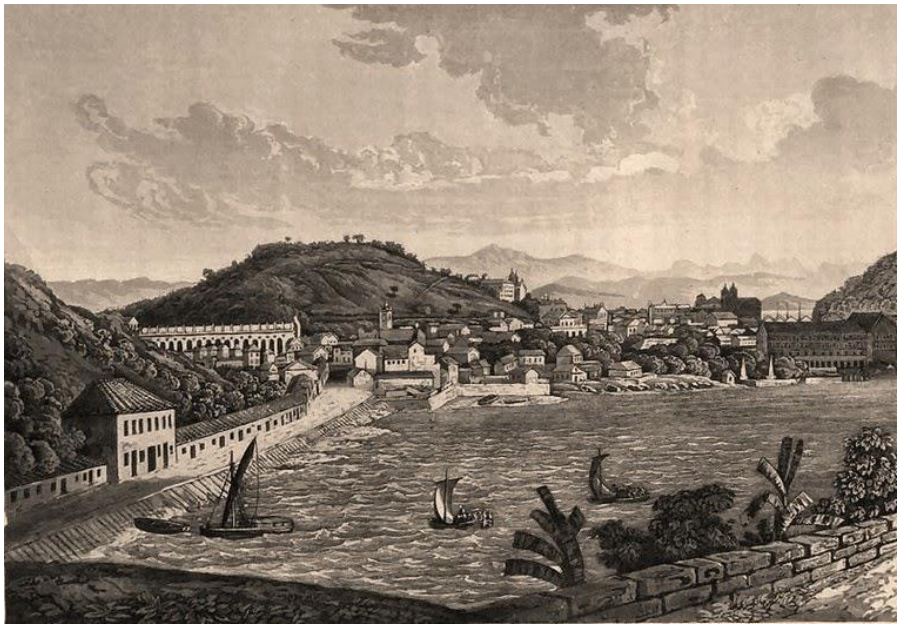


Fonte: The British Museum,

Tomado a partir do outeiro da Glória, bairro onde morou Maria Graham por um tempo, o desenho da figura 48, representa a enseada da Glória, não mais existente, e o núcleo da cidade, visto ao fundo. Em primeiro plano vemos bananeiras,

que pertencem a uma espécie exótica à Mata Atlântica do gênero taxonômico *Musa*, crescendo na encosta do outeiro. Na figura 49 pode-se perceber, por outro angulo, a enseada da Glória aterrada.

Figura 48. GRAHAM, Maria. *Rio from Gloria Hill*. 1824.



Fonte: British Museum.

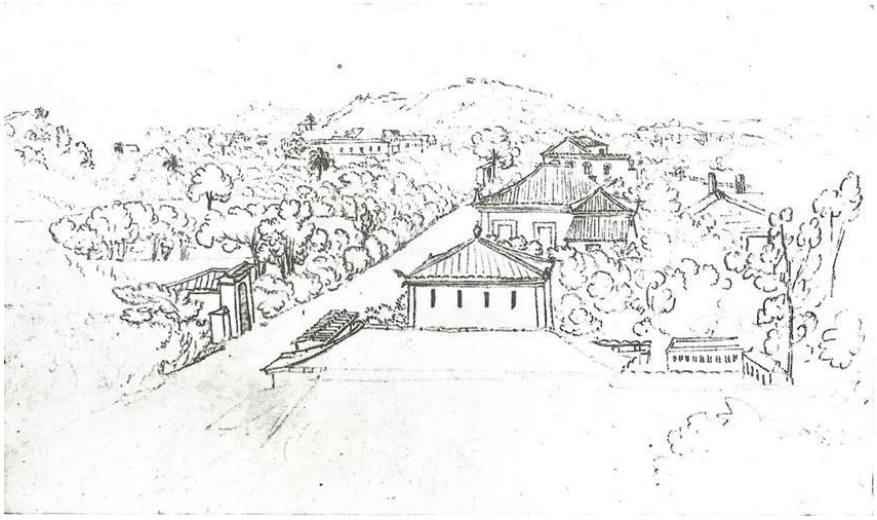
Figura 49: Panorâmica do Parque do Flamengo na Glória.

Fonte: https://ogloria.art.br/exposicao?foto=panoramica-do-parque-do-flamengo-na-gloria_11. Acesso em 23 de dezembro de 2021.

Avançando um pouco mais, Maria retratou a rua do Catete em direção a Glória (Figura 50). O desenho nos permite identificar que a região era densamente

ocupada por vegetação, bem distante do trecho da urbe revestido e impermeabilizado pelo calçamento das ruas. É difícil imaginar que um braçodo rio Carioca passava por aí, desaguando no mar junto ao Outeiro da Glória.

Figura 50. GRAHAM, Maria. Rua do Catete – caminho para a Glória. 1824.



Fonte: Diário de umaViagem ao Brasil.

Maria faz referência ao Rio de Janeiro em seu diário (1990, p.195):

> “Segunda-feira, 17de dezembro. Com auxílio de alguns amigos de terra, obtivemos uma casa confortável num dos subúrbios do Rio, chamado Catete, do nome de um rio que corre por ele até o mar.”

A origem do nome do bairro do Catete, que Maria aqui menciona, é controversa. Na figura 51, pode-se ver que a região bucólica que Graham representou, desapareceu.

Figura 51: Rua do Catete hoje.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rua_do_Catete. Acesso em 20 de dezembro de 2021.

Continuando o caminho pelos bairros, que, na época, eram rurais, temos o desenho que Maria Graham fez da região do Largo do Machado (Figura 52), na entrada para Laranjeiras. Embora a vegetação ainda domine, percebe-se a modificação em curso no ambiente. No passado, o Largo chamava-se Campo das Pitangueiras, indicando o tipo de ambiente do lugar, muito provavelmente com vegetação de restinga em sua porção mais próxima ao mar.

Figura 52. GRAHAM, Maria. Largo do Machado. 1824.

Fonte: GRAHAM, 1990.

Entre os britânicos que chegavam ao Rio de Janeiro, no século XIX, a maior parte era de anglicanos e protestantes. Caso estas pessoas morressem enquanto estivessem no Rio, seus enterros não podiam ser feitos no interior das igrejas católicas, o que eraproibido a eles, e, nem eles queriam.

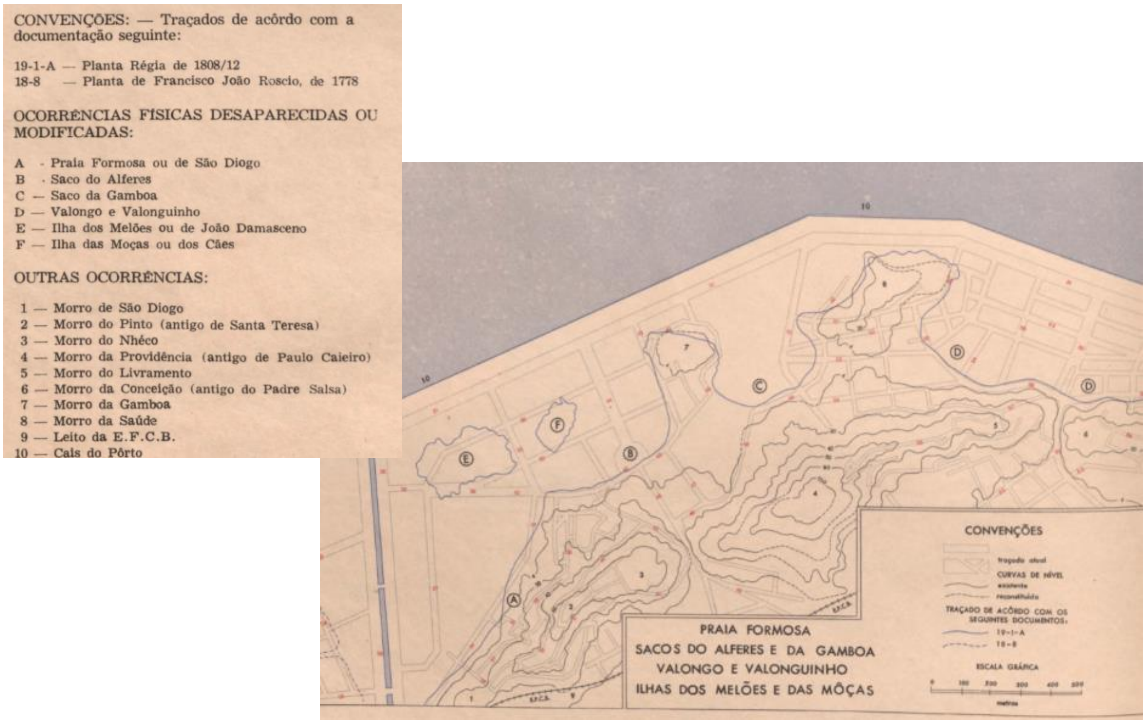
A fim de resolver este problema, os representantes britânicos na cidade solicitaram ao Príncipe Regente Dom João, em 1810, o estabelecimento de um cemitério e de um templo anglicano na cidade. O terreno para a instalação do cemitério foi escolhido (Figura 53).

Figura 53. Entrada do Cemitério dos Ingleses.

Foto nossa em 2003.

e localizava na encosta do morro da Gamboa (Figura 54), à beira-mar. A partir de 1811 os enterros lá se iniciaram. Como era à beira-mar, o cemitério chegou a ter um atracadouro próprio, no saco da Gamboa.

Figura 54. BARREIROS. Linhas do litoral original e áreas de aterro na Praia Formosa, Saco do Alferes, Gamboa, Valongo e Valonguinho.



Fonte: Montagem a partir de BARREIROS, 1965, p.10.

O cemitério, com ar bucólico e belas paisagens à beira-mar, foi visitado por artistas que o retrataram e descreveram com palavras bastante elogiosas. Maria Graham esteve lá em 29 de setembro de 1823 e descreveu a região assim em seu Diário de uma Viagem ao Brasil (GRAHAM,1990, p. 366):

> "Fui hoje, a cavalo, ao cemitério protestante, na praia da Gamboa, que julgo um dos lugares mais deliciosos que jamais contemplei, dominando lindo panorama, em todas as direções. Inclina-se gradualmente para a estrada ao longo da praia; no ponto mais alto há um belo edifício constituído por três peças; […] entre estes e a estrada, algumas árvores magníficas."

O desenho feito por Maria Graham de sua visita ao Cemitério dos Ingleses (Figuras 55 e 56), no Rio de Janeiro, merece especial atenção. São dois desenhos do mesmo ponto de vista.

Figura 55. GRAHAM, Maria. *The English burial ground*. 1823.

Fonte: The British Museum

Figura 56. GRAHAM, Maria. *The English burial ground Rio de Janeiro, 5th October 1823*.

Fonte: The British Museum

Mas por que há dois desenhos feitos por Maria Graham de sua visita à região? O motivo é que Maria Graham, para representar o espaço, precisou fazer um desenho alongado (Figura 56), mas na hora da imagem entrar em seu *Diário de uma Viagem ao Brasil*, precisou ser cortado (Figura 55). Assim, há o desenho original dela e o ajustado para caber na edição.

O cemitério não recebia só ingleses, mas pessoas que não professavama fé católica em geral, mas os ingleses são maioria. Lá há muitas lápides dos estrangeiros que morreram de febre amarela nos surtos da segunda metade do XIX. O cemitério, hoje, é administrado pela representação diplomática britânica, sob a fiscalização da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Ainda são permitidos sepultamentos por lá.

A descrição que Maria faz da beleza da região da Gamboa não é exagerada, o que pode ser confirmado por outras imagens feitas por viajantes no século XIX. Entretanto, a realidade hoje é outra. Entre o Valongo e a Gamboa eram encontrados tômbolos, que uniam as ilhas ao continente. A região sofreu aterros, desparecendo o saco da Gamboa e fazendo o mar recuar muitos metros. A transformação dos ecossistemas foi completa e a perda da biodiversidade, certa. Pode-se ver na foto (Figura 57) que fizemos do alto do cemitério, em 2003, no ponto aproximado de onde Maria Graham faz o seu desenho. Todo ar bucólico e a beleza de admirar a exuberância da natureza se foi.

Figura 57. Foto tomada a partir do Cemitério dos Ingleses.

Fonte: Foto nossa em 2003.

3.3.2. Para Além do Centro

Depois da temporada de um mês morando no Paço de São Cristóvão, como preceptora das princesas, Maria Graham morou em dois bairros do Rio de Janeiro, primeiro na Rua dos Pescadores (Figura 58), que só em 1869 mudou o nome para Visconde de Inhaúma (GERSON, 2000, pp.69 e 70), no Centro da cidade. Segundo GRAHAM, a residência era quente e barulhenta (GRAHAM, 2010, p.150).

Depois, com a escassez de recursos, mudou-se para o bairro de Laranjeiras[57], em uma casa simples de uma família amiga[58].

[57] No tempo de Maria Graham, o vale das Laranjeiras compreendia os atuais bairros de Laranjeiras e Cosme Velho. Embora o nome Laranjeiras apareça em documentos desde 1780, uma das explicações para o nome do bairro veio de Maria Graham, que criou a versão de que lá existiam grandes laranjais (GRAHAM, 2010, p.152).

[58] O conselheiro José Antônio Lisboa e sua mulher, Dona Maria Eufrásia Lisboa, tornaram-se foreiros da Câmara de Vereadores pela posse hereditária de extensas terras na rua das Laranjeiras, lado ímpar, e que tinham sido aforadas em 26 de julho de 1800.

> “A excelente Madame Lisboa e seu digno marido emprestaram-me uma casa de campo na sua bela chácara, à entrada do vale, durante todo o tempo da minhaestada no Brasil.” (GRAHAM, 2010, p.152)

Figura 58. GRAHAM, Maria. *Vista da casa à rua dos Pescadores*. Ao fundo a igreja da Candelária.

Fonte: GRAHAM, 1990.

Lá, Maria dedicou seu tempo a escrever, pintar e herborizar espécies vegetais nativas da Mata Atlântica das redondezas. Esse material foi enviado à Europa (SOUZA, 2020; PEIXOTO, FILGUEIRAS, 2008). Os numerosos desenhos que fez estão, hoje, no *British Museum*. No Escorço Biográfico de Dom Pedro I (2010, p.161), Maria relata o desapontamento com as gravuras de um livro do botânico francês Jean Baptiste Aublet (1720-1778) que ela havia tomado emprestado, em vista de suas imprecisões ao registrar os vegetais da Guiana Francesa.

Sobre o entorno da casa, Maria Graham comenta: “Sempre apreciava muito as flores, e o esplendor da floresta virgem atrás da minha casa, naturalmente, me atraiu” (GRAHAM, 2010, p.161). No presente, embora Laranjeiras ainda seja um bairro carioca com bastante vegetação, se comparado a outras regiões da cidade, a realidade descrita por Graham ficou muito distante no tempo, em vista da perda da

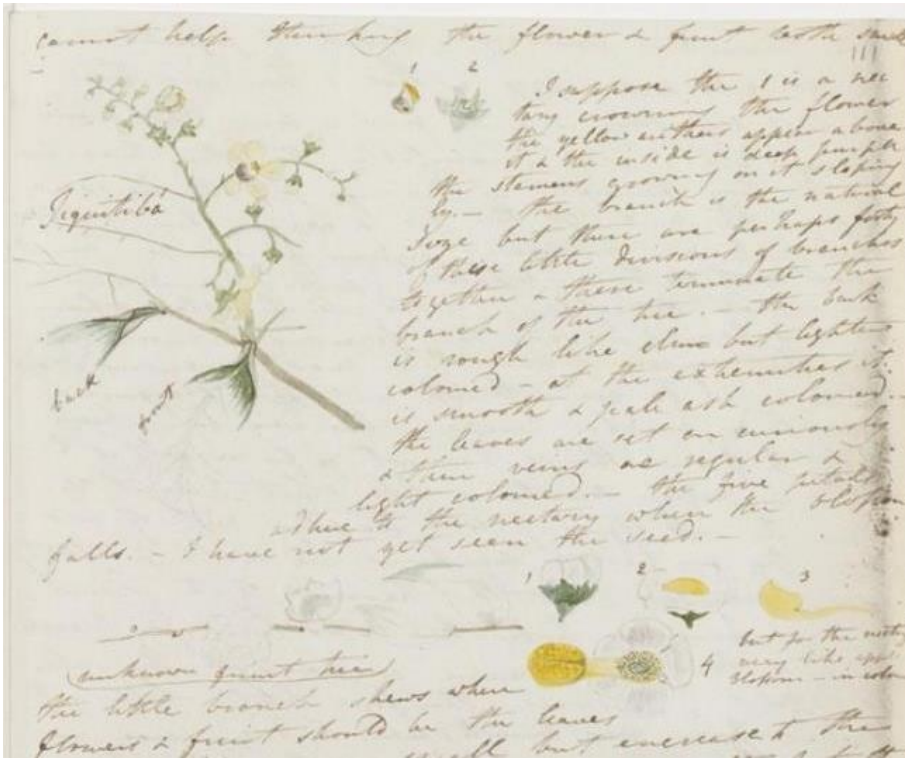
cobertura vegetal pela pressão antrópica.

Ainda no Escorço Biográfico de Dom Pedro I (2010), Maria Graham escreve sobre o momento em que tomou a decisão de se dedicar à ilustração botânica.

> “Resolvi fazer desenhos de tantas quanto pudesse, obtendo, ao mesmo tempo, espécimes secos para o Dr. Hooker, de Glasgow, ainda que não tivesse muitas instalações convenientes, sendo a minha casa muito úmida. Em obediência a este plano, era meu costume deixar a preta Ana representando seu papel de lavadeira e o mulato, comprando e cozinhando meu jantar, enquanto eu ia para o mato, à procura de espécimes de arbustos floridos e árvores para meus empreendimentos botânicos.” (GRAHAM, 2010, p.162)

Em Laranjeiras, Maria Graham mantem ativa a correspondência com William Jackson Hooker e o envio a ele de vegetais herborizados. Em 30 de janeiro de 1825, Maria Graham escreve a ele. Na missiva (Figura 59), segundo as informações do Royal Botanic Gardens, ela avisa que fará opossível para enviar sementes e plantas para Hooker e conta que estava coletando espécimes, segundo ela, interessantes.

Figura 59: GRAHAM, Maria.Letter from Ms Maria Graham to Sir William Jackson Hooker, 30 jan. 1825.



Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew, Londres.

Graham relata, em cartas, a dificuldade de secar plantas no Rio de Janeiro, do clima inapropriado para a tarefa, do mofo e do insetos. Ela, entretanto, enviou a Hooker diversas variedades de samambaias, todas crescendo entre sua residência

em Laranjeiras e o Corcovado. Quando ela não podia secar uma planta, ela a desenhava com muito cuidado. A inglesa, também em carta, relata a existência de uma árvore, um Jequitibá gigantesco[59] (Figura 59). Ela fornece a Hooker um esboço de um galho e várias partes da flor e relata o delicioso aroma noturno que perfuma o vale. A árvore, contra a vontade dos Lisboa, donos do terreno e, segundo Brasil Gerson (2000, p.270), latifundiários o Catete e de Laranjeiras, acabou sendo derrubada pela Câmara Municipal em 1840. Provavelmente, se Graham tivesse presenciado o fato, sentiria, como se diz sentiu conselheiro José Antônio Lisboa, que tinha profundo orgulho da árvore e muito lutou para que não fosse derrubada, que era "impossível suportar a destruição de uma árvore antiga sem um forte sentimento de remorso" (THOMAS, 1988, p.254). No lugar onde a árvore estava, hoje, fica uma praça, chamada David Ben Gurion[60] (1886-1973)

A diversidade biológica a volta da casa da casa de Graham em Laranjeiras é descrita por ela em carta (Royal Botanic Gardens. Extrato da carta. Arquivo ref: DC 43 f. 49) :

> "[..] in the first place my cottage is known by its tree the *Crataeva* or garlic pear, the largest and finest I ever saw - it has not blossomed since I came though. Then the hedge, besides coffee, cotton, Bombax pentandrum, castoroil nut and limes, is very gay with *Bauhinia* […] and half a dozen kinds of cactus as grotesque as possible, and the ferns and grasses all curious and different from our own. Then such butterflies and grasshoppers and creaturesof all sorts and the little humming birds playing about[61]."

Pode-se observar, na descrição de Graham, a grande quantidade de espécies exóticas que se encontravam introduzidas nos ecossistemas cariocas, como a árvore de pera de alho e o café, misturados às espécies nativas. Ao longo da carta, Maria Graham deixa claro seus entusiasmo e disposição para a Botânica, afinal, além do gosto pessoal, vivia-se a chamada "era de ouro da arte botânica":

> "I am very very fond of plants and scruple neither muddy feet nor torn clothes for their sake[62]."

---

[59] Na entrada da chácara de número 61 da família Lisboa, onde estava residindo Maria Graham, existiu um jequitibá enorme. A árvore marcava a entrada da residência dos Lisboa. Em 1840, a Câmara Municipal determinou a derrubada da árvore para alargamento da rua das Laranjeiras.

[60] Político israelense que serviu como o primeiro chefe de governo de Israel.

[61] Tradução nossa: […] em primeiro lugar, minha casa é conhecida por sua árvore *Crataeva sp* ou pêra de alho, a maior e melhor que já vi - ela não floresceu desde que cheguei. Além da sebe, além de café, algodão, *Bombax pentandrum*, mamona e limas, é muito alegre com *Bauhinia* sp […] e meia dúzia de tipos de cactos tão estranhos quanto possível, e as samambaias e gramíneas, curiosas e diferentes das nossas. Em seguida, borboletas e gafanhotos e criaturas de todos os tipos e pequenos beija-flores brincando.

[62] Tradução nossa: Gosto muito de plantas e não tenho escrúpulos, nem de pés enlameados, nem de roupasrasgadas por causa delas.

Desenhada por Maria Graham, a figura 60 tem as indicações de ser a casa da família Lisboa, onde Graham se estabeleceu em seu última estada no Brasil. O título da obra é “Chalé em Laranjeiras” e ela escreve no canto inferior do desenho: “sob um pé de pera de alho” (“under a Garlick peartree”), espécie árvore que, graças à carta a William Hooker, sabe-se que crescia junto a sua casa.

O desenho, ainda que não muito claro, permite que tenhamos alguma ideia da diversidade biológica do local, ainda que saibamos da grande quantidade de espécies exóticas presentes.

Figura 60. GRAHAM, Maria. *Cottage at the Laranjeiras*. 1824.

Fonte: The British Museum, Prints & Drawings, 2019 (SOUZA, 2020)

A diversidade brasileira de vegetais é constantemente mencionada por Graham em seu Diário (1990). Ela, por exemplo, cita que “o Brasil é especialmente

rico em esplêndidas trepadeiras e arbustos" (GRAHAM, 1990, p.198). Em outra passagem, ela deixa clara a sua admiração com a diversidade ao escrever:

> "Todas as vezes que passo por um bosque no Brasil, vejo plantas e flores novas, e uma riqueza de vegetação que parece inexaurível. […] Em cada lagoazinha patos selvagens, frangos d'água e variedades de marrecos nadam por ali com orgulho gracioso." (GHAHAM, 1990, p.342)

Em Laranjeiras, Maria se aventura na coleta de espécimes, por segurança, acompanhada:

> "[…] contratei um negro, rapaz realmente bravo, e tendo vendido algumas colheres de prata, comprei um cavalo branco como produto da venda, e acrescentei um cão ao meu estabelecimento. Senti-me em perfeita segurança, estendendo minhas discussões muito adentro da floresta, acompanhada de meu empregado e de meu cão e comecei a colecionar peles de cobra, além das plantas." (GRAHAM, 2010, p.167)

Em contrapondo aos relatos da diversidade de seres vivos que encontra nos ambientes, Maria Graham visita ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro e escreve:

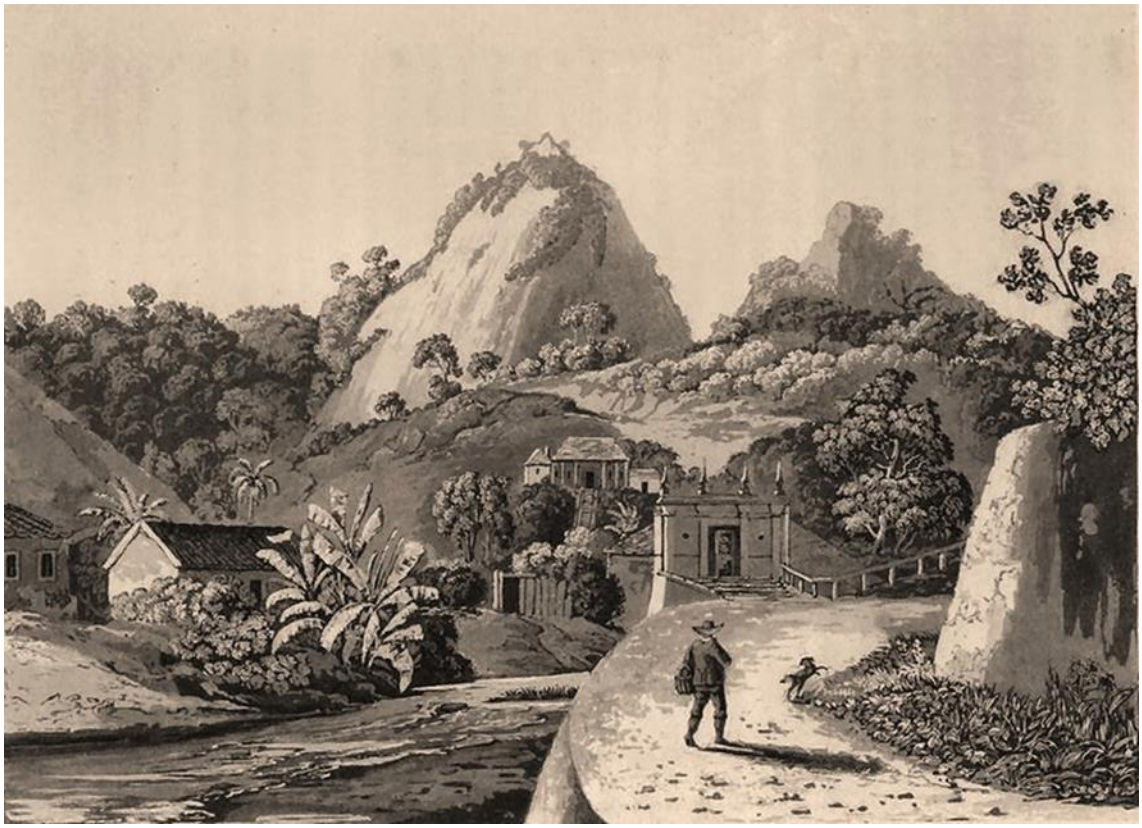
> "Este jardim foi destinado pelo Rei para o cultivo de especiarias e frutos orientais e, acima de tudo, para o chá, que ele mandou vir da China juntamente com algumas famílias acostumadas à sua cultura. […] Fiquei desapontada por não encontrar nenhuma coleção de plantas indígenas." (GRAHAM, 1990, pp.199 e 200)

Embora ela escreva sobre a intenção de uso do Jardim para o cultivo de chá e de especiarias, ela se decepciona por não encontrar por lá as plantas nativas do país. Em seguida, ela afirma que as mudanças decorrentes da recente Independência do Brasil podem, no futuro, favorecer investimentos no Jardim, "[…]quando o estado político do país for mais tranquilo para se permitir dar atenção a estas cousas." (GRAHAM, 1990, p.200)

Outra obra de Maria Graham que auxilia a identificação das ações antrópicas sobre o ambiente é, também, relativo a Laranjeiras (Figura 61). No desenho pode-se ver o rio Carioca ou das Caboclas, no passado tão importante no abastecimento de água da cidade – lembremos da escassez deste líquido por conta dos poucos rios disponíveis – e cujo nome é associado ao gentílico dos que nascem na cidade. Observa-se, no trecho retratado por Graham, que o Carioca perdeu a mata ciliar, tão importante na saúde do rio, evitando o seu assoreamento e reduzindo o impacto das grandes chuvas e das inundações. Nota-se, também, na imagem a redução da floresta nas encostas, o que intensifica o processo erosivo e favorece os deslizamentos. Há também a presença de espécies exóticas, representadas pelas

bananeiras à beira do Carioca. As espécies exóticas podem se tornar um problema, pois, se conseguirem se instalar e não houver outra espécie que controle sua população, como em seu ecossistema de origem, as exóticas podem, emcompetição com as espécies nativas, levar as espécies naturais do ambiente à redução drástica e, até, ao desaparecimento. Basta lembrar o problema ambiental que são as jaqueiras para o Parque Nacional da Tijuca, onde as nascentes do Carioca e o Corcovado estão inseridos.

Figura 61. GRAHAM, Maria. *Laranjeiras, no Rio de Janeiro*. Ilustração do Diário de uma Viagem ao Brasil, 1824.



Fonte: The British Museum.

Na atualidade, o rio Carioca percorre o vale de Laranjeiras canalizado, sob o asfalto das ruas Cosme Velho e Laranjeiras, só voltando à vista ao desaguar na baía de Guanabara. Na figura 62 pode-se ver um trecho da rua Cosme Velho e a Bica da Rainha[63], representada por Maria Graham (figura 61), embora seu aspecto não seja o mesmo, por conta de mudanças em 1845.

[63] A fonte era chamada de Águas Férreas, mas acabou conhecida como Bica da Rainha, por conta de d. Maria I, de Portugal, que a visitava junto com d. Carlota Joaquina. As águas da fonte tinham fama de ter poderes curativos e outras tantas qualidades.

Figura 62. Bica da Rainha e rua Cosme Velho.

Fonte: https://bafafa.com.br/turismo/bairros/bica-da-rainha-construida-no-seculo-xix-sua-agua-tinha-propriedades-terapeuticas. Acesso em 17 de dezembro de 2021.

No Diário de uma Viagem ao Brasil (1990, p.197) há muitas informações sobre a introdução de plantas exóticas, como na passagem em que fala da grama da Guiné:

> "Alugamos um cavalo para o nosso doente e tomamos um emprestado para mim. Estes animais são bem bonitos no Rio, mas estão longe de serem fortes. São alimentados com milho e capim ou grama da Guiné, introduzida há poucos anos no Brasil e que se desenvolve extraordinariamente. Pega de muda os caules e as folhas. São tão grandes quanto as da cevada e atinge, às vezes a altura de seis ou sete pés. A flor é um grande panículo solto."

A grama da Guiné é o conhecido capim-colonião (*Panicum maximum*), que virou uma praga no Brasil. Observa-se que Maria Graham registrou que esse vegetal se desenvolve "extraordinariamente", o que se deve, entre outros motivos da biologia do vegetal, ao seu sucesso na competição com outros vegetais que ocupam o mesmo nicho ecológico[64].

Maria de Fátima Souza (2020) escreve que:

[64] Nicho ecológico é a constelação de fatores ambientais, na qual se encaixa uma espécie (ou outro *taxon*); a projeção externa das necessidades de um organismo, seu meio específico de utilizar seu ambiente (MAYR, Ernest. Populações, Espécies e Evolução. São Paulo: EDUSP, 1977.

> "[…] certas obras de Graham que representam cenários dos arredores do Rio de Janeiro misturam vegetações domadas e selvagens, a partir de uma estética difundida nos jardins britânicos, segundo a qual o arranjo das plantas deveria seguir o de uma paisagem natural. Essa característica pode ser identificada na obra *Cottage at the Laranjeiras*, na maneira como as folhagens rasteiras se fundem à mata que envolve o casebre […]"

De fato, o jardim ao estilo francês começa a dar lugar ao jardim à moda inglesa. Carlos Terra (2000, p.23) sintetiza o fato:

> "O caráter geométrico dos canteiros, lagos e vegetação – arte topiaria - desaparece dando lugar a uma organização mais 'natural' do conjunto."

Ao contrário do francês e do italiano, a solução dos ingleses era a integração com a natureza. Vale lembrar de Auguste François Marie Glaziou (1828- 1906), botânico francês, que aqui chegou em 1858 e foi responsável pela instalação e reforma de jardins no estilo em voga no momento - o inglês.

Embora, seja frequente em Maria Graham paisagens mais abertas, paredões rochosos, escarpas abruptas, o efeito do horizonte distante, em lugar do interior das matas, como vemos em tantos outros artistas viajantes, não parece ser o caso de *Cottage at the Laranjeiras* (Figura 60), onde a ideia é mais de uma organização descuidada e sem intenção. Quando Maria Graham procura representar paisagens "domadas", essa preferência pode estar ligada ao gosto pela ordem, que, aliás, se percebe em sua personalidade, ou aos diversos ambientes representados apresentarem algum tipo de interferência humana. O estilo inglês no paisagismo terá maior relevância no segundo quartel do século XIX. Os jardins selvagens[65] de William Robinson, por exemplo, popularizam-se na segunda metade do século XIX (TERRA, 2013).

Outra ilustração de Maria Graham que merece atenção é *Vista da casa de campo do Conde de Hogendorp*[66] (Figura 63). Na paisagem grandiosa desenhada por Maria Graham, pode-se observar a redução da mata na encosta da Serra da Carioca, o vale das Laranjeiras muito desmatado e, ao fundo, junto a baía, as

---

[65] Aquele construído por um trecho da natureza com o mínimo de interferência humana e onde as plantas crescem livremente (CUNHA, Almir Paredes. Dicionário de Artes Plásticas. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2005).

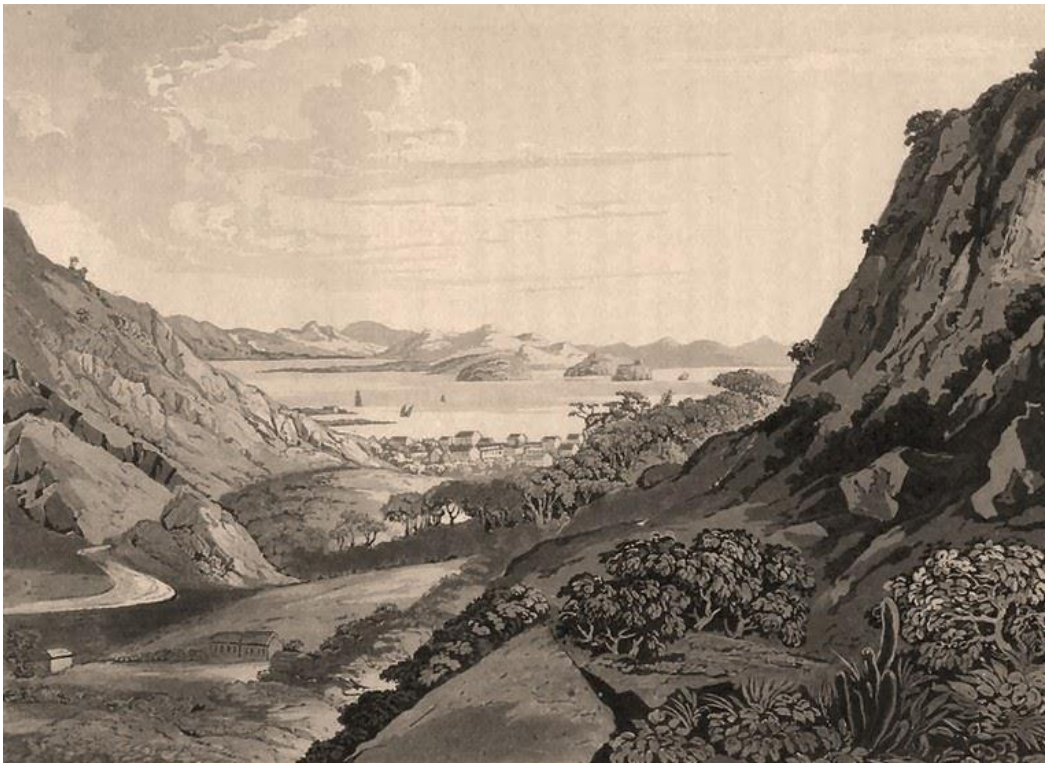
[66] Dirk van Hogendorp (1761-1822) foi um militar, político e administrador holandês que aderiu à causa napoleônica. Foi ministro da guerra da Holanda e, depois, general do exército de Napoleão, tendo sido seu braço direito na batalha de Waterloo. Quando Napoleão foi derrotado, Hogendorp, sem poder voltar à Holanda, se exilou morro do Inglês, no sopé do Corcovado, percorrido atualmente pela Ladeira do Ascurra, no alto do Cosme Velho. Napoleão, em seu testamento, deixou "Ao general Hogendorp, holandês, meu ajudante-de-campo, refugiado no Brasil, cem mil francos" (Codicilo de 24 de abril de 1821). O conde não soube e nem recebeu a herança, vivendo dos "produtos de sua fazenda, cuja venda, juntamente com o seu café, ajuda sua renda" (GRAHAM, 1990, p.211).

edificações da cidade.

Maria, em visita ao conde, escreve:

> "O general, como ele gosta de ser chamado, conduziu-nos em torno de seu jardim e exibiu com orgulho seus frutos e suas flores, louvou o clima, somente culpou o povo, que pela negligência e falta de indústria, desperdiça metade das vantagens que Deus lhe deu. Ao voltar à casa apresentou-me seu velho criado prussiano, que tomou parte com ele em muitas campanhas, e seus negros, que ele libertou ao comprar. Ele induzira uma mulher a usar uma joia no nariz, à moda de Java, o que lhe parece trazer um prazer especial. Fiqueitriste por ter de deixar o conde, mas fiquei com medo de que em casa se alarmassem a nosso respeito e por isso disse-lhe adeus." (GRAHAM, 1990, p.211)

Figura 63. GRAHAM, Maria. *From Count Hogendorps Cottage*. Ilustração do Diário de uma Viagem ao Brasil, 1824.



Fonte: *British Museum*.

Carl Schlichthorst[67], em seu livro *O Rio de Janeiro como ele é* (2000), descreve o dia que, passeando no caminho do Corcovado, encontrou Maria Graham. Pelo lugar onde se encontra e pela descrição que faz do momento, há a possibilidade de ter sido enquanto Maria Graham fazia o desenho a partir da casa de Hogendorp (Figura 63):

[67] Carl Schlichthorst foi um militar, engenheiro e escritor alemão. Escreveu uma ácida obra sobre sua passagem pelo Brasil, que editou quando de sua volta para a Alemanha: *Rio de Janeiro como ele é, uma vez e nunca mais*. Chegou ao Brasil no Rio de Janeiro em 23 de setembro de 1825. Alistou-se no Corpo de Estrangeiros, como tenente de Granadeiros Alemães. Considerou-se enganado pelo major Schäffer, que o recrutou na Alemanha e escreveu um livro sobre sua passagem pelo Brasil.

> Junto à fonte, que, por diversos regos de entalhados na rocha, cai quase perpendicularmente da montanha, encontramos uma senhora sentada esboçando a vista do vale e das serras que emolduram. Confesso que escolheu felicíssima posição, pois dali a vista abrange toda a extensão do vale, com estreita faixa da baía ao fundo e a serra dos Órgãos fechando, ao longe, o horizonte. Soube, por uma pessoa que a acompanhava, tratar-se da conhecida Mistress Graham, a quem o mundo das letras deve esplêndido quadro do estado moral e social do Brasil.
>
> Acampamos junto ao tanque de água cristalina, de onde sai o aqueduto, e comemos o farnel que havíamos trazido. Mistress Graham, que, ao contrário de suas conterrâneas, era pouco cerimoniosa e muito franca, nos ofereceu do seu chocolate, que bebia num copo e não numa xícara, acontecimento na verdade inaudito na vida de uma inglesa. Não era mais nova, nem bela, porém sua amabilidade natural conquistou todos os corações. Quando, após algumas horas de descanso, continuamos nosso caminho, nos despedimos da excelente senhora, levando a boa impressão que sempre se tem ao encontrar inesperadamente uma pessoa interessante, quer nos brilhantes salões da alta-roda, quer na profunda solidão duma natureza silvestre (SCHLICHTHORST, 2000, p.204 e 205)

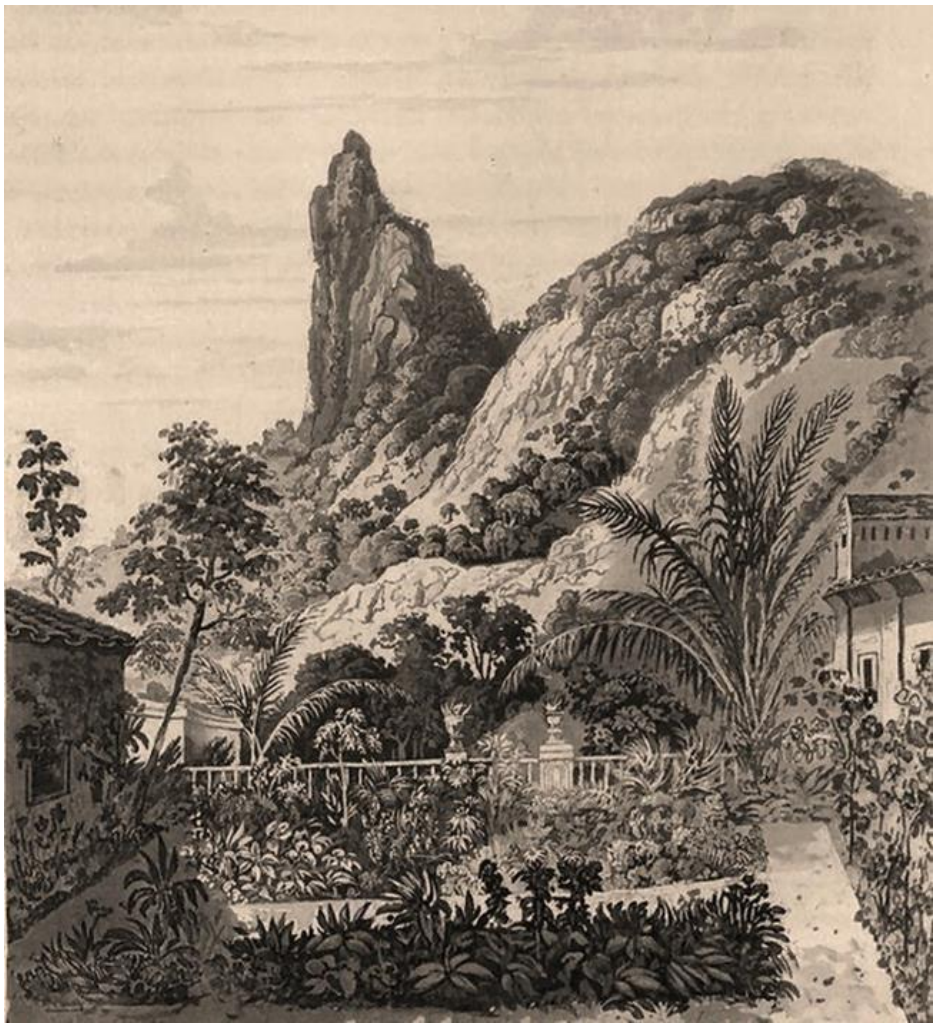
Na figura 64 vemos o vale das Laranjeiras, no sentido inverso ao representado por Maria Graham. A foto foi tirada em direção à região onde esteve a casa do general Hogendorp. A mata se mantém no Parque Nacional da Floresta da Tijuca, onde está o Cristo Redentor, mas no vale das Laranjeiras a perda da vegetação, apontada na ilustração de Graham, se amplia.

Figura 64. Rua Cosme Velho.

Fonte: Foto nossa em 2010.

No desenho *View of the Corcovado* (Figura 65), mais do que o jardim com canteiros, floreiras em pedestais, é o Corcovado e a diversidade de vegetais do bioma que dominam a cena.

Figura 65. GRAHAM, Maria. *View of the Corcovado.* Ilustração do Diário de uma Viagem ao Brasil, 1824.



Fonte: The British Museum.

Sobre essa obra, Ana Maria Beluzzo (2008, p.51) escreve de forma poética:

> "Maria Graham aproximou-se de perspectivas rochosas, de escarpas abruptas, tidas também como pitorescas. A partir do Corcovado, ela notou uma encosta íngreme e rude, em sua aridez surgia a forma de uma pequena vegetação, brotava o esforço vital de uma planta. […]
> Lançou-se à visão distante dos cumes e habitou a dimensão íntima do recôndito do jardim. No desenho View of the Corcovado, o jardim repleto da variedade da vida funcionava como repoussoir, do qual se contemplava a aresta do cume irregular. O *hortus conclusus*[68] é lugar de retiro e contemplação."

[68] Significa "jardim fechado". Descreve um gênero de jardim. O termo *hortus conclusus* tem sido associado àVirgem Maria na poesia e arte medieval e renascentista.

Na figura 66, de onde Maria observa o Corcovado coberto pela mata, pode-se constatar que no local de onde ela faz o desenho, junto ao pagode, a Mata Atlântica original desapareceu e, naquele momento, estava ocupada por arbustos e árvores jovens, possivelmente pés de café.

Figura 66. GRAHAM, Maria. Vista do Corcovado. 1824.

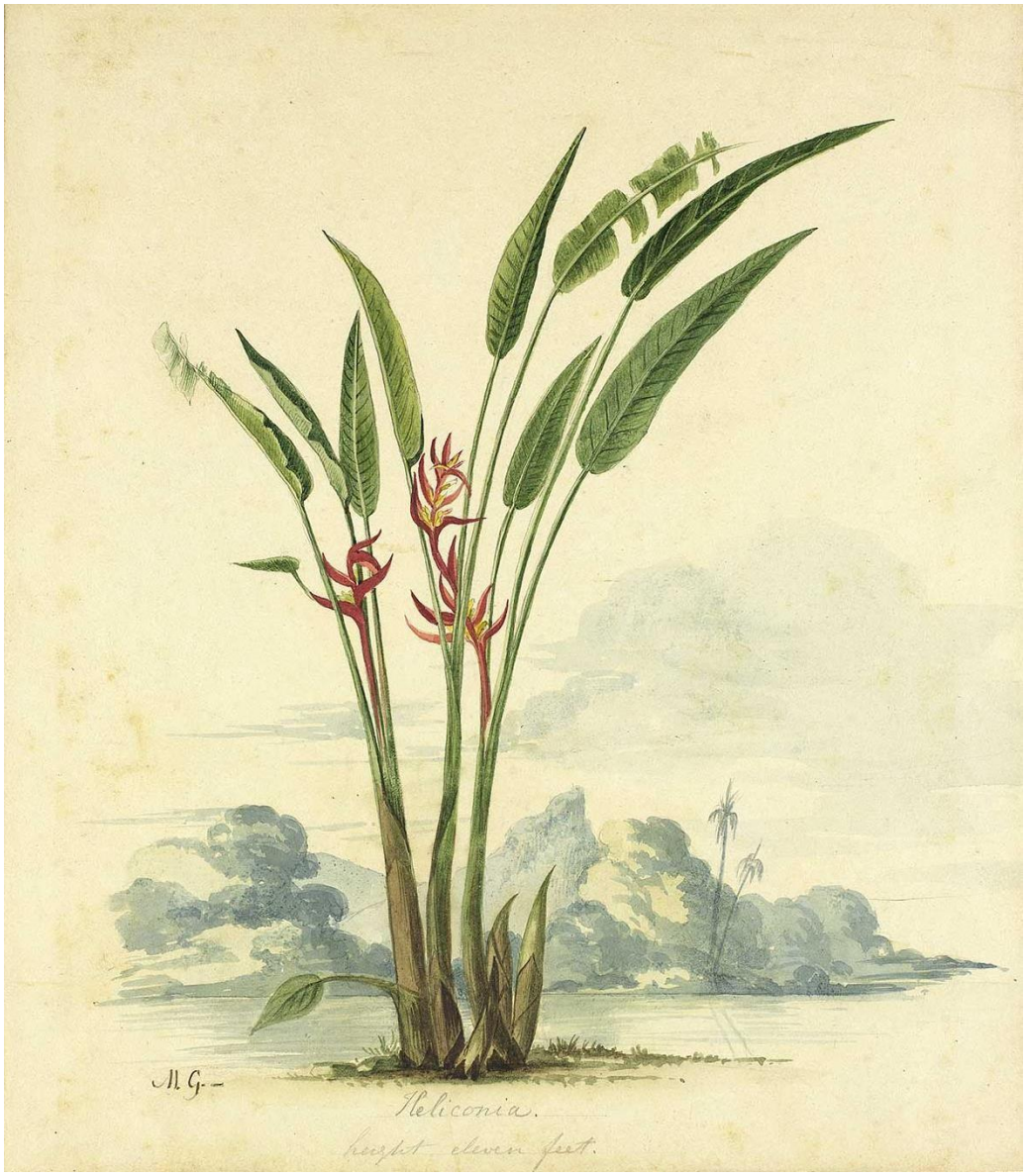
Fonte: Diário de uma Viagem ao Brasil.

Outra imagem que deve ser observada com atenção é a aquarela de *Heliconia* sp (Figura 67). De fato, há duas cópias dessa aquarela: uma na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e outra no Kew Gardens de Londres. Maria de Fátima Souza (2020, p.228) aventa que a duplicação poder ter ocorrido pelo fato de Maria Graham usar ilustrações junto com cartas, o que explica ela ter feito mais de uma.

A aquarela coloca o vegetal na posição central, representando-o em seu ambiente e vemos ao fundo a Lagoa Rodrigo de Freitas e o Corcovado. Maria de Fátima Souza (2020, p.203) relembra que:

> "a representação dessas paisagens ressalta o deslocamento e o ato de viajar, enfatizando sua posição como difusora do conhecimento botânico. Graham traz elementos da paisagem carioca para realçar a procedência da planta e, possivelmente, para enfatizar sua exoticidade por meio do detalhe das palmeiras ao fundo."

Figura 67. GRAHAM, Maria. *Heliconia high eleven feet*. Aquarela, s/d.



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A perspetiva em que o vegetal é representado também é diferenciada, como se observador tivesse de estar junto ao chão para observá-la. Por que Maria Graham a representou assim? Para valorizar a altura de, aproximadamente, três metros e meio do exemplar? É possível. Mas outra possibilidade, bem atraente, é a retirada do observador humano de seu ponto de vista “superior”, nos sentidos literal e figurado. Maria Graham pode ter querido colocar homem e planta no mesmo nível. Diogo Hasse (2021, p.113) sugere o que Maria Graham fez foi subverter a lógica antropocêntrica.

Maria Graham escreve a William Hooker sobre a *Heliconia* sp em 30 de janeiro de 1825:

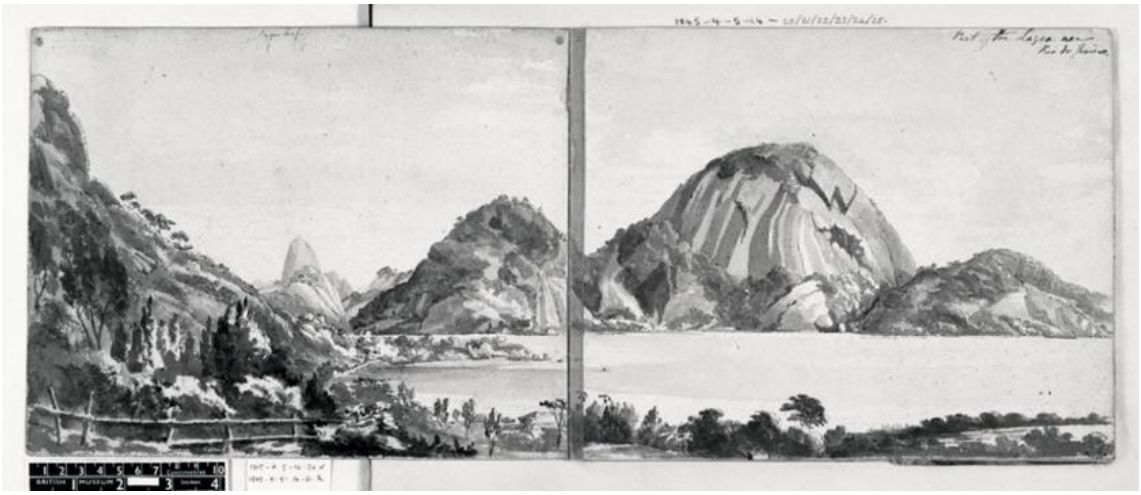
> ”I had set my heart on drawing for you a most splendid flower. The people here call it wild banana and it is a near relation of *Musa*: but onevery different in colour and a form[69].“

Luciana Martins (2001, p.50) descreve a sensação que teve ao ver a helicônia representada por Maria Graham:

> “A figura imponente, elegante, vivamente colorida da planta no primeiro plano contrasta com a pálida vista da Lagoa e do Corcovado como pano de fundo, paisagem que a artista nos faz espreitar de um ponto de vista rasteiro, como que agachados, reverenciando a natureza. Nessa imagem, está presente uma sensibilidade que não é apenas científica (se entendermos ciência nos temos de hoje). É uma sensibilidade que deve tanto aos manuais “profissionais” de botânica da época quanto às ilustrações da obra *The Temple of Flora* de Robert Thornton, onde gravuras dos espécimes exóticos são acompanhadas de explicações botânicas e mitológicas, além de poesias. Como lembra David Allen, a história natural “não é, nem nunca foi, uma ocupação puramente intelectual. Ela também tem considerável componente estético com intensidade variável em diferentes períodos e diferentes indivíduos”. Como o desenho de Maria Graham indica, esse componente estético encontra-se presente tanto no olhar profissional quanto no amador, e faz parte da cultura visual de uma determinada sociedade, numa determinada época. No contexto da cultura visual da Inglaterra do século XIX, concomitante ao interesse pela história natural, ocorreu uma particular valorização da representação pictórica de paisagens ‘naturalistas’.”

Em suas andanças pelo Rio de Janeiro, Maria Graham visitou a Lagoa Rodrigo de Freitas, com foi visto na aquarela feita por ela de *Heliconia* sp. De sua visita à Lagoa há outros desenhos como registro (Figuras 68 e 69).

Figura 68. GRAHAM, Maria. Parte da Lagoa perto do Rio do Janeiro.



Fonte: The British Museum.

[69] Tradução nossa: Eu havia decidido desenhar para você uma flor esplêndida. As pessoas aqui chamam de banana selvagem e ela é uma parente próxima da *Musa*: mas muito diferente em cor e forma.

Figura 69. GRAHAM, Maria. Lagoa Rodrigo de Freitas.

Fonte: The British Museum.

Em seu Diário de uma Viagem ao Brasil (1990, p.199), Maria registra a visita:

> “Além da baía, caminhamos por um lindo caminho até a Lagoa Rodrigo de Freitas. É esta quase circular e tem cerca de cinco milhas de circunferência. Está cercada por montanhas e florestas, exceto onde uma pequena barra arenosa permite um desaguamento ocasional para o mar, quando a lagoa enche a tal ponto que ameaça prejudicar as plantações circunvizinhas. É impossível considerar algo de mais rico do que a vegetação que vem até a borda da água em volta do lago.”

As duas figuras e o texto nos mostram a diversidade hoje desaparecida, ficando a vegetação confinada aos morros do entorno da lagoa. O espelho de água também era maior, mas as muitas ações humanas o reduziram (Figura 70).

Figura 70. Lagoa Rodrigo de Freitas.

Fonte: https://invexo.com.br/blog/quem-foi-rodrigo-de-freitas/. Acesso em 19 de dezembro de 2021.

A quantidade de registros feitos por Graham da diversidade de florestas, flores, animais é enorme. E ela estava sempre pronta para descobrir um pouco mais desse novo mundo, registrá-lo e recolher um pouco dele também.

> “Logo que saí, uma neblina rala e branca enchia todos os pequenos vales: os cumes fantásticos da Serra dos Órgãos já brilhavam com muitas cores ao sol, e as ricas e escuras matas entre eles prometiam muitas árvores e arbustos novos para meu álbum de desenhos, se não para a coleção do Dr. Hooker.” (GRAHAM, 2010, p. 198).

Os registros sobre o ambiente natural feitos por Maria Graham em sua obra, sejam seus textos ou iconografia, são variados e preciosos para entendermos o que ocorreu, ao longo do tempo, com os recursos naturais, os ecossistemas e como a ação antrópica afetou seus serviços. E são fundamentais para entendermos o que existe hoje, porque existe e para que cuidemos do que vamos legar ao futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> “A fisionomia de um lugar depende da quantidade, da variedade e da sociabilidade das plantas e dos animais, assim como do tipo de relação que os habitantes locais estabeleceram com a natureza ao longo do tempo. É como se cada fisionomia contivesse uma parte da alma do Brasil.” (KURY, 2001)

Maria Graham foi uma mulher ímpar: viajou o mundo, conheceu culturas diferentes e registrou suas descobertas em diários, desenhos e cartas, tudo isso no início do século XIX. Provavelmente, ela diria que não foi fácil, afinal, o mundo era dos homens.

Chamada de 'intrépida' e de 'destemida', não à toa, Maria Graham fez jus aos adjetivos a ela imputados. Quando jovem, Graham recebeu uma formação bastante diversificada, incluindo conhecimentos de história natural, botânica, história da arte, geologia, desenho e pintura, despertando nela interesse pelos livros e pelo conhecimento. Presenciou um grande terremoto no Chile e acompanhou episódios ligados aos processos de independência de países da América do Sul, como no caso do Brasil.

A obra de Maria Graham possibilita abordagens interdisciplinares múltiplas. Os relatos em seus diários e a iconografia que produziu se mostraram relevantes para o estudo das ações antrópicas sobre os ecossistemas e para a compreensão da relação entre o processo de urbanização do Rio de Janeiro e a alteração na biodiversidade local. Estes foram os temas centrais desta dissertação.

Maria Graham, na maior parte do tempo que passou no Rio de Janeiro, registrou o que viu pela escrita ou pelas imagens: as paisagens, as flores, as cidades e os homens. Foi testemunha ocular de uma parte importante do nosso processo de independência, conviveu com a Corte e se tornou próxima das pessoas com quem compartilhava interesses, como o colecionismo e a história natural. As afinidades trouxeram para perto da inglesa, no Brasil, a Imperatriz Leopoldina e José Bonifácio de Andrada e Silva.

Graham vivia em constante busca para manter-se informada sobre os temas que lhe interessavam como pesquisadora e artista. Ela é um caso singular entre as mulheres viajantes, pois, estabeleceu-se em espaços nos quais poucas mulheres conseguiram se firmar: tornou-se uma bem-sucedida escritora de livros de viagem e foi reconhecida por pesquisadores da área acadêmica graças a seus trabalhos em

botânica.

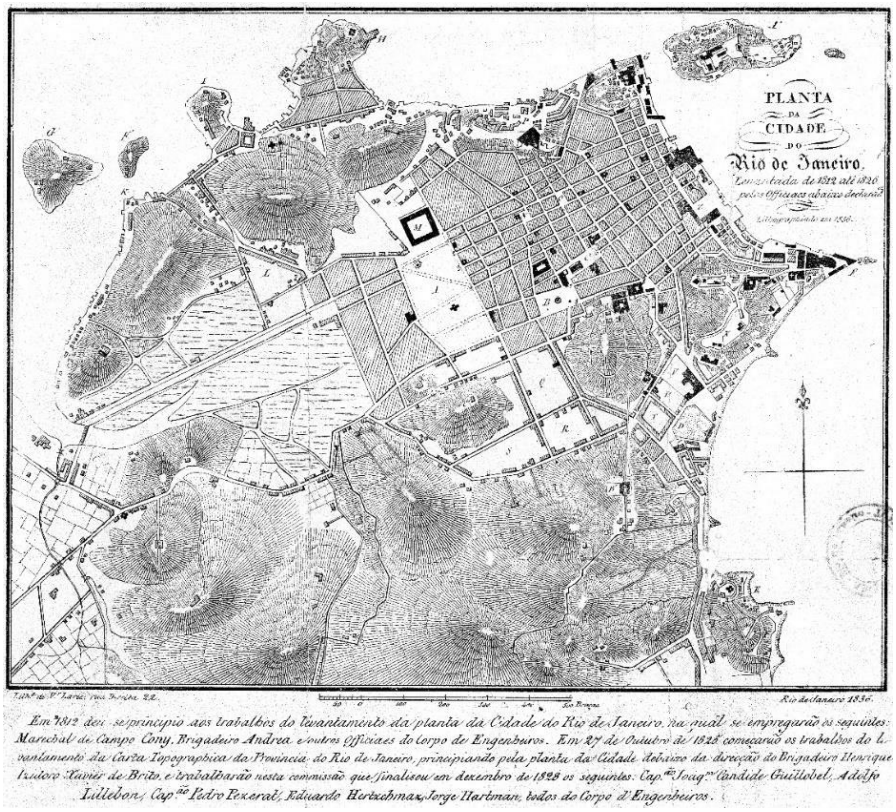
Há um número considerável de pesquisas acadêmicas que associam os relatos de Graham às artes, à botânica, às questões políticas e sociais, revelando a sua merecida importância. Entretanto, a produção iconográfica da britânica é bem menos trabalhada. E, se considerarmos pesquisas que relacionem ecologia, pelo ponto de vista dos registros dos ecossistemas e da biodiversidade no Rio de Janeiro com a obra de Graham, há completa escassez de bibliografia. Esta foi umas das justificativas desta dissertação e seu objetivo geral.

Em vista da vasta obra de Maria Graham e de seu interesse pela história natural e pelas paisagens é possível supor que ela tenha registrado interferências antrópicas sobre o ambiente e a biodiversidade. Verificamos que, de fato, tanto em seus textos, quanto em sua iconografia, há diversas informações sobre a ação humana sobre os ambientes, mesmo quando esses registros não foram intencionais. Sua obra nos permite comparar o passado e o presente dos ecossistemas e avaliar sua evolução.

Maria Graham recebeu educação esmerada: estudou literatura, arte, desenho, filosofia e história natural. Era determinada e tinha autonomia, conquistada primeiro com a educação e depois com as viagens que fez. Era prática, afetuosa e culta, características confirmada nos registros de outros viajantes com quem esteve. Ela era uma viajante. Minoria em meio a uma maioria masculina, o que torna sua obra de grande valor por seu olhar feminino, diferenciado, sobre o ambiente e o cotidiano, e pela possibilidade que tinha de inserção em espaços não alcançados pelos homens.

A britânica esteve no Brasil em três momentos entre os anos de 1821 e 1825. Quando chegou à cidade do Rio de Janeiro, ainda havia morros, restingas e mangues que, ao longo destes dois séculos, desapareceram ou mudaram. No mapa da figura 71, correspondente ao período no qual Maria Graham esteve no Rio de Janeiro, ainda se pode identificar parte do relevo desaparecido que Graham encontrou e registrou.

Figura 71. LARÉE, Lith. de V. Planta da cidade do Rio de Janeiro entre 1812 e 1836. Rio de Janeiro, RJ. 1836.



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A literatura científica específica sobre os ecossistemas existentes no sítio onde se instalou a cidade do Rio de Janeiro e os do entorno da Baía de Guanabara é bem menos abundante do que se pode supor. O destaque vai para os excelentes trabalhos de Maurício de Almeida Abreu e de Elmo Amador, que reconstituem a geografia carioca, os ecossistemas desaparecidos ou espoliados e as pressões que os aniquilaram ou modificaram.

A pesquisa desenvolvida nos fez confirmar a relevância dos registros de Graham para entendermos as mudanças na paisagem natural do Rio de Janeiro e as pressões antrópicas sofridas pelos ecossistemas ao longo dos últimos séculos e quais as consequências das ações humanas. Também sustentou a nossa hipótese de que há muita informação para estudo em ecologia na obra de Maria Graham, onde há exemplos da interferência humana nos ambientes.

Os textos e imagens produzidos por Maria Graham buscavam atingir dois propósitos: por um lado, o aspecto objetivo e documental da natureza, das pessoas e dos costumes e, por outro lado, os aspectos pitoresco e sublime atribuídos à

natureza, demostrando a sensibilidade da britânica e alimentando o prazer estético de quem a lê ou observa um de seus quadros. Pesquisar a vida e obra de Maria Graham a tornou quase uma amiga, que eventualmente podemos encontrar ao cruzar a rua Visconde de Inhaúma - a dos Pescadores - ou em Laranjeiras, ao passar pelo lugar onde vivia o grande jequitibá, ou onde erguia-se a casa de "campo" onde morou, imaginando-a à cata de flores ou a rabiscar paisagens.

A obra de Maria Graham é uma importante fonte de estudo a fim de compreendermos melhor a relação entre humanos e ecossistemas no Rio de Janeiro, onde, como bem resumiram Diogo Cabral, Alexandro Solórzano e Rogério Ribeiro de Oliveira (2020, p.213):

> "Praticamente todas as florestas tropicais com as quais a cidade atualmente deslumbra os turistas são áreas de vegetação secundária que se desenvolveram em estreita relação com o ambiente urbano circundante. Essa relação sempre teve um caráter constitutivo e, portanto, pode-se falar de um processo de co-emergência cidade-floresta. De certa forma, isso é reconhecido na recente inclusão da "Paisagem Carioca entre a Montanha e o Mar" na lista do Patrimônio Mundial, uma decisão justificada com a afirmação de que "a cidade do Rio de Janeiro foi moldada por uma fusão criativa entre natureza e cultura" (UNESCO, 2012, p. 211). De fato, se o Rio é hoje uma cidade cheia de florestas, essas florestas, em um olhar mais minucioso, revelam-se cheias de história urbana – você só precisa saber como e para onde olhar."

A obra de Maria Graham tem papel significativo no estudo da história ecológica e urbana da cidade do Rio de Janeiro. Sua obra demanda mais consulta e pesquisa, especialmente sua iconografia. Então, mão à obra.

FONTES:

CALLCOTT, Maria, Lady, **Little Arthur's history of England**. London: John Murray, 1952 (Primeira edição: August, 1835).

GRAHAM, Maria. **Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e Cartas Anexas.** Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997.

GRAHAM, Maria. **Diario de mi residencia en Chile: en el año 1822**. Santiago de Chile: Peguin Random House Grupo Editorial, 2019 (Primeira edição: 1824).

GRAHAM, Maria. **Diário de uma Viagem ao Brasil.** Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Ed Itatiaia/USP, 1990 (Primeira edição: 1824).

GRAHAM, Maria. **Escorço Biográfico de Dom Pedro I.** Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. (Primeira edição: 1938).

GRAHAM, Maria. **Voyage Of The H.M.S. Blonde To The Sandwich Islands, In The Years 1824-1825**. (Primeira edição: 1826).

REFERÊNCIAS:

ABREU, Mauricio de Almeida. A cidade, a montanha e a floresta. *In*: ABREU, M. A. (Ed.), **Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pp. 54–103.

AB'SABER, Aziz Nacib. Os domínios morfoclimáticos na América do Sul. **Geomorfologia**, São Paulo, n. 52, p. 1-22, 1977. Disponível em: biblio.fflch.usp.br/AbSaber_AN_1348615_OsDominiosMorfoclimaticos.pdf Acesso em 24 de setembro de 2021.

AB'SABER, Aziz Nacib. Páleo-climas quaternários e pré-história da América Tropical. **Dedalo : Revista de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 1, p. 9-25, 1989. Disponível em: biblio.fflch.usp.br/AbSaber_AN_1346801_PaleoClimasQuaternarios.pdf. Acesso em 24 de setembro de 2021.

ACOT, Pascal. **História da Ecologia.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.

AKEL, Regina. **Maria Graham: A Literary Biography**, Student Edition. EUA: Cambria Press, 2009.

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. A intrépida Maria Graham e as lutas da independência. GT – Pensamentos Social no Brasil. *In*.: **35º Encontro Anual da ANPOCS**, Outubro, 2011.

AMADOR, Elmo da Silva. Baía de Guanabara: um balanço histórico. *In*: ABREU, M.

A. (Ed.), **Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pp. 201–258.

AMADOR, Elmo da Silva. **Baía de Guanabara e ecossistemas periféricos: homem e natureza.** Rio de Janeiro: Edição do autor, 1997.

ARAGÃO, Solange. de **Ensaio sobre a casa brasileira do século XIX**. São Paulo: Ed.Blucher, 2017.

ASSIS, Célia, TOLEDO, Cibele, ROMANIUC NETO, Sergio e CORDEIRO, Inês. **Mata Atlântica**. São Paulo: FTD, 1994.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. **Atlas da Evolução Urbana da Cidade do Rio de Janeiro (1565-1965)**. Rio de Janeiro: IHGB, 1965.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes, vol. 1: O imaginário do Novo Mundo**, São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes, vol. 2: Um Lugar no Universo**, São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes, vol. 3: A Construção da Paisagem**, São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. A Propósito do Brasil dos Viajantes. *In*: Dossiê Brasil dos Viajantes. **Revista USP**, nº 30 (jun./ jul./ ago. 1996). São Paulo: USP, 1996.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. O Viajante e a Paisagem Brasileira. **Revista Porto Arte**. Porto Alegre, V. 15, Nº 25, 2008.

BERNARDES, Lysia M.C. Evolução da Paisagem Urbana do Rio de Janeiro até o Início do Século XX. *In*: ABREU, M. A. (Ed.), **Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, pp. 37–53.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti; SOARES, Maria Teresinha Segadas. **Rio de Janeiro: Cidade e Região**. Rio de Janeiro: Secretaria. Municipal de Cultura/DGDI, 1987.

BEWELL, Alan. **Natures in Translation: Romanticism and Colonial Natural History**. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University Press, 2017.

CABRAL, Diogo de Carvalho. Águas passadas: sociedade e natureza no Rio de Janeiro oitocentista. **RA'E GA – O Espaço Geográfico em Análise**, no 23, pp. 159–190, 2011.

CABRAL, Diogo de Carvalho; SOLÓRZANO, Alexandro; RIBEIRO DE OLIVEIRA, Rogério Florestas urbanas e urbanidades florestais no Rio de Janeiro – Uma Geografia Histórica. AMBIENTES: **Revista de Geografia e Ecologia Política**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 174, 2020. DOI: 10.48075/amb.v2i1.25279. Disponível em:

https://e- revista.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/25279. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. Relatos de Viagem e a Obra Multifacetada de Maria Graham no Brasil. ***Sitientibus***, Feira de Santana, n. 41, jul./dez. 2009. Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/41/6_relatos_de_viagem_e_a_obra_de_maria_graham.pdf Acesso em: 20 julho de 2020.

CAMPOS, Raymundo. **Viagem ao nascimento de uma Nação: o diário de Maria Graham**. São Paulo: Atual, 1996.

CARVALHO FRANÇA, Jean Marcel, CRIBELLI, Teresa e PARADA, Maurício. **As Descobertas do Brasil.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

CERDAN, Marcelo Alves. **Maria Graham e a escravidão no Brasil: Entre o olhar e o bico da pena e os leitores do diário de uma viajante inglesa do século XIX**. Campinas: Unicamp, 2003.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

COLACIOS, Roger Domenech. Os Meios Ambientes da História Ambiental Brasileira: pela Abertura da Caixa-Preta. **História Revista**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 6–22, mai./ago. 2017. DOI: hr.v22i2.47142. Acesso em: 05/01/2021

COLBERT, Benjamin. **Women's Travel Writing, 1780-1840: A Bio-Bibliographical Database**, designer Movable Type Ltd. https://www.british-travel-writing.org/ Disponível em: https://btw.wlv.ac.uk/authors/1057. Acesso em 07 de janeiro de 2021.

COSTA, Heraldo Batista. **Tolerância Religiosa. Criação do "Cemitério dos Ingleses" no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Ed Chama, 2014.

COSTA, Magnólia. **Nicolas Poussin – Ideia da Paisagem**, São Paulo: Editora da USP (Edusp), 2020.

COUTINHO, Leopoldo Magno. **Biomas brasileiros**. São Paulo: Oficina das Letras, 2017.

CRITICAL ECOSYSTEM PARTNERSHIP FUND (CEPF). **Perfil do Ecossistema: Mata Atlântica - hotspot de biodiversidade**, 2001. Disponível em: https://www.cepf.net/sites/default/files/atlantic-forest-ecosystem-profile-2001-portuguese.pdf Acesso em 10 de maio de 2021.

CRULS, Gastão. **A Aparência do Rio de Janeiro**. volume 1. Rio de Janeiro: José Olympio,1965.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo – A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DICKENSON, John. Marianne North: uma naturalista do século dezenove no Brasil.

Cadernos Pagu: Campinas, 2000, pp. 145-164.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Editora Hucitec, 2001

FETZ, Marcelo. Expedições científicas no século XIX: o universo da ciência e a diversidade cultural. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, 2011.

FRANÇA, Jean M. Carvalho. **A construção do Brasil na literatura de viagem os séculos XVI,XVII e XVIII: antologia de textos(1591-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio; SP: Unesp, 2012.

FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

FUMI, Matteo (org). **Atlas dos Manguezais do Brasil**. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2018.

GERSON, Brasil. História das Ruas do Rio. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda ed., 2000.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. Subjetividade e Viagem em Maria Graham. In: **ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História**. Londrina, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206570_8c1de5e986113fa09436ae2202a5ab29.pdf. Acesso em: 5 abril de 2019.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. Viagem e Escrita de Si em Maria Graham. In: **Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas. v.29**, n. 1, jan./jun. 2007. p. 110-122.

GREGOLETI, Anelisa Mota; MORO, Nathália; SANTOS, Christian Fausto Moraes dos. Mata Atlântica: a Primeira Impressão de uma Visão Europeia. **VIII Congresso Internacional de História**, 2017, 866 – 871.

GERSON, Brasil. **História das Ruas do Rio**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed, 2000.

GRUBER, Haward E. Darwin's "Tree of Nature" and other Images of Wide Scope. *In*: **On Aesthetics in Science**. USA: The MIT Press, 1979.

HAGGLUND, Betty. The Botanical Writings of Maria Graham. **Journal of Literature and Science**, v. 4, n. 1, 2011.

HASSE, Diego Rafael. **Dimensões Críticas da Paisagem: Maria Graham a Claudia Hamerski.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fwww.lume.ufrgs.br%2Fbitstream%2Fhandle%2F10183%2F172662%2F001060219.pdf%3Fsequence%3D1%26isAllowed%3Dy&clen=3868732 Acesso em: 2 jan. 2022.

HASSE, Diego Rafael. **Dimensões críticas na apreensão da natureza: diálogos entre a produção de Maria Graham (séc. XIX) e práticas artísticas contemporâneas (séc. XXI).** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Mestrado, 2021. Disponível em:

http://hdl.handle.net/10183/226007 Acesso em: 2 jan. 2022.

HARVEY, Robert. **Cochrane: The Life and Exploits of a Fighting Captain**. London: Cnstable & Robinson Ltd, 2000.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Visões do Rio na Coleção Geyer**, Rio de Janeiro: Centro Cultural do Bancodo Brasil, 2000.

KELLEY, Theresa M. Romantic Exemplarity Botany and “Material” Culture Theresa. *In* HERINGMAN, Noah (Org.). **Romantic science: the literary forms of natural history** (SUNY series, studies in the long nineteenth century), State University of NewYork Press, Albany, 2003.

KURY, Lorelay. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem.**Hist. cienc. saúde, Rio de Janeiro , v. 8**, supl. p. 863-880, 2001 . Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 3 de fevereiro de 2021.

LACERDA, Luiz Drude; DUNN DE ARAÚJO, Dorothy Sue; CERQUEIRA, Rui; TURCQ, Bruno. **Restingas: origem, estrutura e processos**. Niterói: CEUFF, 1984.

LEWINSOHN, Thomas; PRADO, Paulo Inácio. **Biodiversidade Brasileira: síntese do estado atualdo conhecimento**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LINO, Clayton Ferreira; AMARAL, Marcelo Mendes do. **Mata Atlântica e Sociobiodiversidade: Desafios e caminhos para sustentabilidade**. São Paulo: IA-RBMA, 2018

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil Descobre a Pesquisa Científica**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

LOPEZ, Adriana. **De Cães a Lobos-do-Mar – Súditos Ingleses no Brasil**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

LUSTOSA, Isabel. **D. Pedro I: um Herói sem Nenhum Caráter**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTINS, Luciana. **O Rio de Janeiro dos Viajantes: O Olhar Britânico, 1800-1850.** Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MEDEIROS, Rodrigo; BESSERMAN VIANNA, Sérgio. Org. **Rio de Janeiro, Capital Natural doBrasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra e Conservação Internacional, 2018.

MELLO LEITÃO, Cândido de. **O Brasil visto pelos ingleses**. São Paulo: Companhia EditoraNacional,1937.

MELLO LEITÃO, Cândido de. **Visitantes do Primeiro Império.** São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1934.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Mapa de Vegetação Nativa na Área de Aplicaçãoda Lei nº 11.428/2006 – Lei da Mata Atlântica (ano base 2009)**, 2015. Disponível em: https://antigo.mma.gov.br/biomas/mata-atl%C3%A2ntica_emdesenvolvimento/mapas-da-mata-atl%C3%A2ntica.html. Acesso em 22 de julho de 2021.

MITTERMEIER, R. A.; WERNER, T.; AYRES, J. M.; FONSECA, G. A. B. O País da megadiversidade. **Ciência Hoje**, v.14, n.81, p. 20-27, 1992.

MITTERMEIER, R. A.; Gil, P. R.; Hoffmann, M.; Pilgrim, J.; Brooks, T.; Mittermeier, C. G.; Lamourex, J. & Fonseca, G. A. B. **Hotspots revisited**. Mexico: CEMEX, 2004.

MONTEIRO, Fernando. **A Velha Rua Direita**. Rio de Janeiro: Museu e Arquivo Histórico doBanco do Brasil, 1985.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Naturalistas Viajantes. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** 1(2): 7-19. Fev. 1995. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-59701995000100002 Acesso em: 3 fev. 2020.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. **Livros de Viagem: 1803/1900.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Mulheres viajantes no século XIX. **Cadernos Pagu** (15) 2000: pp.129-143. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635570. Acesso em: 1 fev. 2020.

ODUM, Eugene P. **Fundamentos de Ecologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de. Ação antrópica e resultantes sobre a estrutura e composição da Mata Atlântica na Ilha Grande, RJ. **Rodriguésia** 53 (82), Jan-Dec 2002. https://doi.org/10.1590/2175-78602002538203

OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de. Mata Atlântica, paleoterritórios e história ambiental. **Ambient. soc**. 10 (2), Dez 2007. https://doi.org/10.1590/S1414-753X2007000200002

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10468. Acesso em: 05/01/2021

PALMER, Caroline. “A revolution in art’: Maria Callcott on Poussin, Painting, and the Primitives”, **Interdisciplinary Studies in the Long Nineteenth Century,** 2019 (28). doi:https://doi.org/10.16995/ntn.833 Acesso em 10 de maio de 2021.

PARADIS, James e POSTLEWAIT, Thomas, eds. Victorian science and victorian values: Literary Perspectives. **Annals of the New York Academy of Sciences, vol. 360.** New York: The New York Academy of Sciences, 1981, IX a XIII.

PEIXOTO, Ariane Luna e FILGUEIRAS, Tarciso de Sousa. Maria Graham: anotações

sobre a flora do Brasil. **Acta bot. bras. 22**(4): 992-998, 2008.

POHL, Johann E. **Viagem ao interior do Brasil empreendida nos anos de 1817 a 1821**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

PORTO, Denise. Maria Graham: a voz feminina e estrangeira da viajante, em busca de uma escrita histórica. **Revista de Trabalhos Acadêmicos - campus Niterói, américa do norte, 1**, mar. 2019. disponível em: http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=view&path%5b%5d=7368&path%5b%5d=4165. Acesso em: 12 fev. 2021.

PORTO, Denise G. **Maria Graham: Uma Inglesa na Independência do Brasil.** Curitiba: CRV, 2020.

PRESTES, M.E.B. **A Investigação da Natureza no Brasil Colônia**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.

ROYAL BOTANIC GARDENS. Extrato da carta. Arquivo ref: DC 43 f. 49. *In* **A Botanical Miscellany? Digitising the Directors' Correspondence**. Disponivel em: https://www.kew.org/read-and-watch/digitising-the-directors-correspondence. Acesso em: 10 julho de 2021.

SCHLICHTHORST, Carl. **Rio de Janeiro como ele é. Uma vez e nunca mais.** Brasília: Senado Federal, 2000.

SCHWEBER, Silvan.S. Scientists as Intelectuals: The Early Vitorians. *In* PARADIS, James e POSTLEWAIT, Thomas, eds. Victorian science and victorian values: Literary Perspectives. **Annals of the New York Academy of Sciences**, vol. 360. New York: The New York Academy of Sciences, 1981, p. 1 a 37.

SEDA, Paulo. Uma História com mais de 500 anos. *In* **Anais do Museu Histórico Nacional**. Vol 35. Rio de Janeiro: MHN, 2003.

SIGAUD, Márcia Frota; Claúdia Maria. PINHO. **Morro da Conceição: da memória o futuro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e editora Sextante, 2000.

SILVA, Flaviana Aparecida da. Entre Viagens e Letras: a Produção Intelectual de Maria Dundas Graham nos Oitocentos. **Anais do 2º Encontro Internacional de História e Parcerias**, Rio de Janeiro: ANPUH, 2019. Disponível em: https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org Acesso em: 10 de julho de 2021.

SILVA, Flaviana Aparecida da. Livros, Ensino e Viagens: Maria Graham como Educadora. **Anais do III Encontro de Pós-Graduandos da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos**, vol. 3, 2019.
Disponível em: https://www.seo.org.br/download/download?ID_DOWNLOAD=234 Acesso em: 20 de outubro de 2020.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da **Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)**. Rio de Janeiro: Cia Ed. Nacional, 1978.

SOUZA, Maria de Fátima Medeiros de. Arte e ciência na obra de Maria Graham: estudo da documentação científica do século XIX, *In*: **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 26º, 2017, Campinas. Anais do 26º Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.1784-1796. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/40285 Acesso em: 02 março de 2021.

SOUZA, Maria de Fátima Medeiros de. As Árvores Milenares - estudo da ilustração da *Dragon-Tree* da ilha de Tenerife feita pela artista viajante Maria Graham. *In*: **Museologia e interdisciplinaridade: publicação eletrônica do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação**. Universidade de Brasília. Faculdade de Ciência da Informação. – v.7, n.13. Brasília: UnB/FCI, 2018

SOUZA, Maria de Fátima Medeiros de. **Viajar, observar e registrar: coleção e circulação da produção visual de Maria Graham**. 2020. 302 f., il. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/40285 Acesso em: 12 de abril de 2021.

SOUZA, Raick de Jesus. Experiências das viajantes naturalistas durante o século XIX e as representações do Brasil oitocentista. *In*: **Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro**, v. 12, n. 2, p.236-255, jul/dez 2019 Disponível em: https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2870 Acesso em: 02 março 2021.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem.** São Paulo: Companhia das letras, 2008.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **Independência do Brasil na Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2005.

TERRA, Carlos. **O Jardim no Brasil do Século XIX**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000.

TERRA, Carlos. **Paisagens Construídas: jardins, praças e parques do Rio de Janeiro da Segunda Metade do Século XIX**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

THÉVET, André. **Singularidades da França Antártica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800).** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMPSON, Carl. Women Travellers, Romantic-Era Science and the Banksian Empire, **Notes Rec.** v. 73, 2019, 431–455 doi:10.1098/rsnr.2018.0062

TOWNSEND, Colin R, BEGON, Michael e HARPER, John L. **Fundamentos em Ecologia.** Tradução Leandro da Silva Duarte. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.

VANNUCCI, Marta. **Os Manguezais e Nós.** São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1999.

VARJABEDIAN, Roberto. Lei da Mata Atlântica: retrocesso ambiental. **Estudos Avançados**, 24 (68), 2010. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100013

VIEIRA DA SILVA, Manoel e PEIXOTO, Domingos Ribeiro dos Guimarães. **A Saúde Pública no Rio de Dom João**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2008

ZIPPARRO, Valesca Bononi; GUILHERMEL, Frederico Augusto G.; ALMEIDA-SCABBIAII, Renata J.; MORELLATOI, L. Patrícia C. Levantamento Florístico de Floresta Atlântica no Sul do Estado de São Paulo, Parque Estadual Intervales, Base Saibadela. **Biota Neotropica v5** (n1), 2005. https://doi.org/10.1590/S1676-06032005000100015 http://www.biotaneotropica.org.br/v5n1/pt/abstract?inventory+BN02605012005 Acesso em 10 de maio de 2021.

ZUBARAN, Maria Angélica. A Vistosa Vestimenta Vegetal do Brasil: Maria Graham e as Representações da Natureza Tropical no Século XIX. **Textura - ULBRA, Nº 11**, Canoas, 2005. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/758/579. Acesso em: 05 março 2021.